

REBECCA GUIMARÃES ENKE

---

BALNEÁRIO  
**VILLA SEQUEIRA**  
A invenção de um novo lazer (1890 - 1905)

---

Rio Grande - RS - Brasil

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos.

São Leopoldo – fevereiro/2005

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer minha Orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dra. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos, a quem admiro muito, ela dá conta de todos! Auxiliou-me na dissertação em tudo no trabalho e compreendeu a minha situação sobre a distância. É uma pessoa muito “alto astral” e motivadora! E merece todo o meu respeito e admiração!

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) por ter me proporcionado uma bolsa parcial de filantropia, sem ela não poderia ter realizado este curso de pós-graduação. Obrigada!

A meu namorado Cristian, pelo apoio em todos os momentos. Pela ajuda na montagem do trabalho, por admirar o que faço, e em especial pelo amor, amizade e respeito que cultivamos juntos.

A minha família: minha mãe, Elaine, companheira de pesquisa em todos os momentos, meus irmãos e meu pai. Pessoas que amo e que fazem parte da minha vida! Minha cunhada e sobrinha Alice, fofinha!

Meus tios e primos que me receberam com carinho em sua casa em Porto Alegre durante o primeiro ano de curso. Incentivadores sempre!

Aos amigos, companheiros de todas as horas, familiares, em especial as avós, “Dindo” e tio Jorge. Aos vizinhos do Cassino pelos bons momentos na hora do chimarrão.

A todas as pessoas que “curtem” o balneário, agora Cassino, e que como eu tentam levantar um pouco da sua história.

Também gostaria de agradecer ao funcionário da Biblioteca Rio-grandense, Marco Antônio Cunha. Sem sua ajuda em “achar” o material seria impossível!

*Baile à fantasia*

*Reina grande entusiasmo para o baile à fantasia que se projeta realizar no Cassino da Villa Sequeira, no próximo Carnaval.*

*Vai ser uma diversão que há de deixar gratas impressões.*

*O vasto salão será expressamente ornamentado para esse fim e externamente haverá uma bonita iluminação a “giorno”. (jornal Diário do Rio Grande, 10/02/1892)*

## Índice de Fotos e Anexos

### Fotos

- Foto 01** - Cidade de Rio Grande vista da orla. Reproduzida do site:  
<http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html>
- Foto 02** - Fábrica de tecidos Rheingantz. Idem.
- Foto 03** - Influência européia na arquitetura das residências na Avenida Rheingantz. Idem.
- Foto 04** - Prédio da filial do London Bank na cidade de Rio Grande. Idem.
- Foto 05** - Bonde de tração animal. Idem.
- Foto 06** - Desembarque de uma locomotiva no Porto de Rio Grande. Idem.
- Foto 07** - Estação do Parque na cidade de Rio Grande. Idem.
- Foto 08** - Vista da Fábrica Moinho Rio-Grandense. Idem.
- Foto 09** - Vista do início da construção do balneário.
- Foto 10** - Trem na linha de acesso à praia. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.
- Foto 11** - Vista da chegada do trem na avenida principal do balneário Villa Sequeira. Idem.
- Foto 12** - Camarotes ainda em construção. Idem.
- Foto 13** - *Chalet* do comerciante Carlos Guilherme Rheingantz. Idem.
- Foto 14** - *Chalet* de A. J. Pinto da Rocha. Idem.
- Foto 15** - *Chalet* do Comendador M. Fernandes Moreira. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.
- Foto 16** - *Chalet* da viúva de J. Soares Vianna. Idem.
- Foto 17** - *Chalet* de M. José Araújo. Idem.
- Foto 18** - *Chalet* no balneário Villa Sequeira. Proprietário desconhecido. Reproduzida do site:  
<http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html>
- Foto 19** - *Chalet* da família Osório de Pelotas, denominada Villa Francisca. Proprietário desconhecido. Reproduzida do site:  
<http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html>
- Foto 20** - Vista da parte lateral do Hotel Casino. F.d..
- Foto 21** - Casas para residências das famílias, conhecido como “Quadro”. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.
- Foto 22** - Aspecto das barracas. Idem.
- Foto 23** - Catavento importado de Illinois, Estados Unidos. Idem.
- Foto 24** - Momentos de lazer na praia. Passeios à beira mar e conversas animadas. Coleção particular.
- Foto 25** - Vista da Praia. Ela servia de palco para a apresentação dos atores. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.
- Foto 26** - Vista da praia. Observamos a interação das pessoas nos passeios à cavalo. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.
- Foto 27** - Vista da praia. Pessoas na praia próximas das barracas. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.
- Foto 28** - Embarque ou desembarque de visitantes no balneário Villa Sequeira. F.d..

**Foto 29** - Embarque ou desembarque de visitantes no balneário Villa Sequeira. F.d..

**Foto 30** - Prédio da administração na entrada do balneário Villa Sequeira. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.

**Foto 31** - Pessoas posam para a fotografia em frente ao *chalet* do Cônsul da Alemanha Charles Nieckele. Idem.

**Foto 32** - Vista do hotel Casino de frente para a avenida principal da Villa Sequeira. F.d..

**Foto 33** - Salão de baile do hotel Casino. Notamos a presença de ornamentos e enfeites. Ao fundo o palco de representações teatrais. Reproduzida do Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense.

**Foto 34** - Interior do salão de baile do hotel. Ao fundo homem toca piano, enquanto outro a seu lado recorria à leitura. Idem.

**Foto 35** - Salão de jogos do hotel Casino. Homens e mulheres divertem-se com as conversas e os jogos. Idem.

**Foto 36** - Restaurante *chalet-buffet* construído próximo à praia. Idem.

### Anexos

**Anexo 01** - Capa do Informativo Guia dos Banhista.

**Anexo 02** - Capa do documento dos Estatutos da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar.

**Anexo 03** - Fotos 15, 16, 17, 18 e 19.

**Anexo 04** - Material publicitário reproduzido do jornal Diário do Rio Grande.

**Anexo 05** - Notícia veiculada no jornal Diário do Rio Grande sobre os usos dos banhos de mar.

**Anexo 06** - Competição de ciclistas.

**Anexo 07** - Planta do balneário Villa Sequeira do ano de 1907.

**Anexo 08** - Piquenique.

**Anexo 09** - Excursões ao balneário Villa Sequeira.

**Anexo 10** - Baile de carnaval.

**Anexo 11** - Baile de carnaval.

**Anexo 12** - Concertos, matinées e representações teatrais.

**Anexo 13** - Frequentadores do balneário Villa Sequeira.

**Anexo 14** - Material publicitário sobre evento ocorrido na Villa Sequeira.

**Anexo 15** - Programação do festival da 1ª Missa realizada no balneário.

## Sumário

### **Introdução, 08**

### **Capítulo 01 – O desenho de um novo prazer, 22**

- 1.1.– A modernidade inicia seu reinado, 23
- 1.2.– O encontro com o mar: a Europa rende-se aos frios banhos de mar, 30
  - 1.2.1. – O banho de mar elege paixões, 38
- 1.3. – A modernidade desembarca no Brasil, 41

### **Capítulo 02 – O surgimento do Balneário Villa Sequeira, 48**

- 2.1. – Rio Grande: desenvolvimento econômico e político, 49
- 2.2. – A construção da praia – Balneário Villa Sequeira, 62
- 2.3. – Os preparativos para os banhos de mar na Villa Sequeira, 77

### **Capítulo 03 – Lazer e prazer – Os banhos de mar e a sociabilidade no balneário Villa Sequeira, 83**

- 3.1. – A sociabilidade na estação balnear da Villa Sequeira, 84
- 3.2. – O espaço aberto: apresentamos a praia e a avenida principal, 88
- 3.3. – O espaço fechado: o hotel Casino e o restaurante “chalet-buffet”, 101

### **Considerações finais, 112**

### **Referências bibliográficas, 114**

### **Anexos, 119**

# Introdução

Nossa pesquisa apresenta como tema central o estudo da Estação Balnear da Villa Sequeira entre os anos de 1890-1905, no município de Rio Grande, enfocando a instalação e a vida social da elite que a construiu e desfrutou, considerando não só o tempo destinado ao uso terapêutico dos banhos de mar, frios, mas, também, as opções de lazer oferecidas pelo estabelecimento de banhos construído na zona sul do Rio Grande do Sul. Intitulamos o trabalho *Balneário Villa Sequeira – a invenção de um novo lazer (1890-1905)*, porque foi a chegada da modernidade ao Brasil que deu o impulso para o planejamento da Villa, influenciado pelos padrões de vida europeus e sul-americanos. O tema escolhido nos permitiu, também, levantar dados sobre a sociabilidade praticada no balneário Villa Sequeira durante os seus primeiros quinze anos, desde sua fundação.

Concentramos a atenção do trabalho na investigação dos espaços e formas de sociabilidade que o balneário proporcionava procurando pontuar os locais onde as pessoas conviviam, se reuniam e interagiam. Buscamos nos espaços abertos como a praia e a avenida principal, levantar as atividades de cunho social executadas ao ar livre como, por exemplo, os passeios à beira mar ou de charretes e bicicletas, as corridas de cavalos, os piqueniques, o carnaval ao longo da avenida, entre outras. Nos locais fechados destacamos o papel do Hotel *Casino*, com seus salões de baile e jogos, onde era oferecido no restaurante serviço de “primeira classe”, além das festas, apresentação de orquestras, *matineés*, bailes de



carnaval, o restaurante denominado de *chalet-buffet* e os encontros nas tardes de domingo realizados nos *chalets* de propriedade particular que movimentavam a vida social das famílias abastadas da região na época, ou seja, a “elite” rio-grandina e sul-rio-grandense.

Em nosso estudo, o termo elite corresponde a um grupo de pessoas que ocupam, numa sociedade, um lugar eminente devido a certas qualidades valorizadas socialmente, o que há de melhor numa determinada sociedade<sup>1</sup>.

Para determinar a posição que um indivíduo ocupa numa sociedade designamos o termo *status* como o conjunto das relações igualitárias e hierárquicas que um indivíduo mantém com os outros membros de seu grupo<sup>2</sup>, determinando suas condutas e contribuindo para o bom funcionamento do sistema social<sup>3</sup>.

O estudo levou em consideração as transformações ocorridas no mundo ocidental como a rápida industrialização, a urbanização das cidades e o cuidado extremo com a saúde. Novas práticas para um novo modo de viver, o fenômeno conhecido como modernidade começa a fazer parte da vida de todos. Portanto, o ocidente viveu e pensou a modernidade como uma revolução, e a Revolução Francesa serviu de base para esta transformação, substituindo Deus como centro da sociedade pela ciência em nome da razão<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> O termo elite foi extraído do Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. p. 345. Também consideramos para a expressão elite que nas sociedades industriais como também em outros tipos de sociedade, as modalidades de recrutamento das elites, o perfil, os recursos de que é preciso dispor para se ter a possibilidade de aceder às elites, a fragmentação ou homogeneidade das elites dependem da ‘estrutura social’ e também de elementos conjunturais. BOURDON, Raymond & BORRICAUD, François. Dicionário crítico de sociologia. SP: Ática, 1993. p. 197-204.

<sup>2</sup> BOURDON & BORRICAUD. op. cit., p. 543.

<sup>3</sup> TOURAINE, Alain. Crítica da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 26.

<sup>4</sup> TOURAINE, op. cit., p. 17 -40.

Nosso interesse sobre esse tema surgiu ainda na Graduação, quando nos deparamos com alguns trabalhos<sup>5</sup> sobre o balneário que abordavam seu planejamento e a influência européia no desenho arquitetônico das residências, outros analisavam a geografia do solo e o crescimento populacional. Entretanto, não encontramos nestas fontes um mapeamento dos locais de deleite da elite, nem as atividades sociais realizadas na estação de veraneio do balneário. Dessa forma, com a vontade de conhecer mais sobre a vida social e cultural do balneário, recorreremos às fontes para a realização deste projeto, obtendo material suficiente sobre o assunto para a promoção do tema sobre a ótica da sociabilidade e do lazer, visto como o uso do tempo livre após o trabalho.

O tema da sociabilidade no balneário da Villa Sequeira, portanto, vem sendo pesquisado e desenvolvido por nós há algum tempo, já que em nossa monografia de graduação do curso de História da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), intitulada *Balneário Cassino – Os espaços de sociabilidade na década de 1950*, mapeamos os locais vivenciados pelos frequentadores do balneário, enfatizando o período conhecido como os anos

---

<sup>5</sup> Citamos algumas pesquisas sobre o balneário da Villa Sequeira que tivemos acesso: BARCELLOS, João. Levantamento histórico sobre o balneário Cassino. Extraído da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental no dia 16/04/2002. Volume 04, outubro/novembro/dezembro de 2000. (<http://forrester.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol4c/joao.htm>). BARCELLOS, João. O balneário Cassino: uma inspiração européia. In: Revista Biblos. Rio Grande: Editora da FURG, 2000. p. 43-48. GIBBON, Sônia A. de O.. O Apito do Trem: Gênese e Desenvolvimento do Sistema Ferroviário em Rio Grande (RS). Rio Grande: FURG, 2000. (Monografia de Conclusão de Curso). LEME, Eunice. Cassino: Momentos Históricos. Rio Grande: Fatos em Revista. Fevereiro, 1993. Pag.: 32-36. PINTO, Luciana G. O Processo de Formação do Espaço no Balneário da Barra do Chuí. Rio Grande: FURG, 2000. (Monografia de Conclusão de Curso). ROCHA, Daoiz de La. Tem história centenária o pioneiro dos balneários do sul do Brasil (18/01/1990). Mergulho em águas passadas para contar a história de um empreendimento pioneiro (26/01/1990). In: Informativo Rio Grande. Rio Grande, 1990. SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia A. G. de Perez & THORMANN, Maria do C.. Crescimento Horizontal da Cidade do Rio Grande. In Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, janeiro/março de 1989.

dourados e a influência norte-americana, citando as festas e bailes realizados nas *boites* e tendo como suporte as colunas sociais veiculadas nos jornais do período.

Nessa pesquisa continuamos tendo como espaço de abordagem a estação de banhos da Villa Sequeira ou Balneário Casino e como foco de estudo a temática da sociabilidade e do lazer, sendo nosso recorte temporal estabelecido, agora, entre os anos de 1890-1905. Buscamos nosso suporte teórico na História Cultural, em especial em Alain Corbin e, para alcançarmos nossos objetivos, lançamos algumas questões que julgamos necessárias para o desenvolvimento e execução do trabalho. Entre as questões propostas temos:

- Como a nova forma de uso do mar – a praia – chega e se expressa no sul do Brasil? Houve influência estrangeira? De onde?
- Quem foram os investidores iniciais da estação de banhos na cidade de Rio Grande? Que tipo de balneário propunham e quem seriam os seus freqüentadores?
- Foram criados espaços para o entretenimento dos freqüentadores/banhistas? Que formas de sociabilidade foram oferecidas no balneário nesta época?

Para responder a estas perguntas procuramos autores que escrevem sobre o tema, elucidando os conceitos trabalhados no decorrer do estudo. Alain Corbin, o principal deles, em suas obras<sup>6</sup> nos remete à história da vida privada, do cotidiano, do imaginário coletivo, no âmbito da História Cultural. Já sua obra *O território do*

---

<sup>6</sup> CORBIN, Alain. *O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: São Paulo, 1989. ----- *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

*vazio – a praia e o imaginário ocidental*, foi utilizada por nós como suporte para a compreensão da relação repulsiva dos homens perante o mar durante muitos séculos e como estes laços foram sendo estreitados ao longo do tempo. O autor nos mostra a invenção da praia como um espetáculo social de interação entre os personagens que a freqüentam.

Praticar o lazer de todas as formas que gerassem prazer aos indivíduos, no período das férias tornou-se imprescindível, e se fez necessário, conforme Corbin. Afinal, o uso desse tempo livre passou a fazer parte da vida moderna do século XIX. O espaço da praia e seu entorno propiciaram o desenvolvimento de atividades como os banhos de mar frios, os passeios ao longo da praia, os bailes e festas, os jogos, enfim o turismo marítimo atraiu, neste primeiro momento, uma camada da sociedade que podia arcar com os elevados preços desta nova modalidade de tratamento terapêutico, voltado ao mesmo tempo para o desenvolvimento do lazer e do ócio.

A partir dessas constatações, optamos por analisar obras que nos remetessem ao estudo da sociabilidade, considerada ponto principal a ser desenvolvido ao longo do trabalho. A emergência desse novo objeto de estudo no campo da história fez com que os escritos referentes ao assunto fossem, até agora, bastante limitados.

A capacidade que os indivíduos possuem de viver em sociedade, interagindo entre si e com seus pares, trocando idéias durante as conversas, cruzando olhares que dialogam por si, em locais tanto abertos como fechados, onde possam ver e ser vistos, relacionam-se ao tema da sociabilidade.

Para um melhor entendimento da sociabilidade aqui trabalhada, destacamos o conceito dado por Jean Baechler. Segundo ele, na sociabilidade os indivíduos possuem a capacidade de estabelecer “redes”, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões: vizinhos, públicos, salões, círculos, cortes reais, mercados, classes sociais, civilizações. O sentido das redes é visto, conforme Alain Degenne, como os grupos considerados como atores coletivos, procurando determinar não apenas quais associações que, numa determinada área, desenvolvem relações entre si, mas, sobretudo quais de seus membros pertencem a várias dentre elas e asseguram a continuidade e a realidade da rede<sup>7</sup>.

Na sociabilidade encontramos todas as formas de convívio e interação entre os indivíduos, até o simples distrair-se em conversas realizadas após a jornada de trabalho, ou seja, a noção de uso coletivo do tempo livre. O balneário da Villa Sequeira foi construído com esse objetivo, de proporcionar a seus freqüentadores a distração nos momentos destinados ao lazer. Para tanto, inúmeros eventos foram oferecidos, reinando a sociabilidade na estação de banhos que estudamos. Para entendermos este contexto, buscamos as suas origens na Europa no decorrer da segunda metade do século XIX. Lá, a chegada do verão é comemorada, pois há um novo modo de vida urbano e industrial que implantou as “férias” como um direito necessário ao trabalhador. No Brasil não tardou para essa nova moda desembarcar. O descanso e os

---

<sup>7</sup> BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: BOURDON, Raymond (org.) Tratado de sociologia. Trad. Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-106.

benefícios terapêuticos oferecidos pela natureza operam como estimulantes para um novo gênero de vida no ocidente<sup>8</sup>.

O contexto europeu no período da fundação do balneário Villa Sequeira sofreu mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais, sendo estas amplamente disseminadas pelo mundo ocidental. Entre elas destacamos o uso dos banhos de mar, frios, como tratamento para a cura de moléstias ser recomendado pelos médicos e sanitaristas da época. Para se engajar neste modismo<sup>9</sup>, novos hábitos foram logo adotados para um melhor aproveitamento dos banhos.

A obra do autor português Ramalho Ortigão *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, escrito na época da fundação da Villa Sequeira, serviu de aparato teórico para o informativo confeccionado em Rio Grande no ano de 1890 pela então proprietária da Villa Sequeira, Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar, denominado de *Guia dos banhistas*, onde encontramos informações sobre como usufruir dos banhos de mar<sup>10</sup>.

Nele encontramos que os banhos eram contra-indicados para as pessoas que sofriam do coração, as dispostas a congestões e com reumatismos. Para os adeptos dos banhos havia uma série de instruções que deveriam ser seguidas,

---

<sup>8</sup> FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

<sup>9</sup> O termo 'modismo', para nós, consiste num comportamento acentuadamente novo, trivial e efêmero que se espalha rapidamente por qualquer camada da sociedade que o adota. O uso mais comum do termo tem o seguinte sentido: uma adoção coletiva rápida e momentânea de comportamento novo que atinge áreas superficiais e triviais da vida. Tem de ser novidade, pois seu efeito é impressionar. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986. p. 775. Seu uso segue uma curva de ascensão, apogeu e queda. O modismo foi o que ocorreu primeiramente com o uso terapêutico dos banhos de mar, pois o espaço e o entorno da praia seriam procurados pra outros fins, não apenas como receitados contra as moléstias e sim como meio de diversão e entretenimento.

<sup>10</sup> ORTIGÃO, Ramalho (1856-1915). *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*. Série: Obras Completas. Lisboa/Portugal: Editora Livraria Clássica, ?. In: *Guia dos Banhistas: Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.

como ter uma alimentação leve, nada de jantares e cafés-da-manhã com abundância de carne vermelha, ovos, café, pimenta e bebidas alcóolicas. Recomendava preferência por carnes brancas, sopa de ervas, legumes, um bom vinho e frutas (laranja, pêra ou um cacho de uvas)<sup>11</sup>.

Em se tratando de autores que escrevem sobre a sociabilidade na praia e seu entorno, no Brasil, buscamos subsídios nas obras de Rosa Maria Barboza de Araújo, Jeffrey D. Needell, Nicolau Sevcenko, Victor Andrade de Melo, Valdeci Rezende Borges<sup>12</sup>. Esses autores trabalham a chegada da modernidade no Rio de Janeiro no período conhecido como *Belle Époque* e como a apreciação dos banhos de mar geraram mudanças sociais e culturais na sociedade carioca, junto ao crescimento da industrialização, a urbanização das cidades, a crescente valorização das atividades físicas e os cuidados com a higiene. Entretanto, não encontramos obras sobre a construção de outro balneário no Rio Grande do Sul nesta época que não fosse a Villa Sequeira, e neste ponto sentimos dificuldade pela escassez de fontes.

Realizamos um levantamento de nossas fontes documentais na Biblioteca Rio-Grandense em Rio Grande. Buscamos informações sobre o planejamento e construção do balneário Villa Sequeira, seus investidores, além dos artigos publicados no jornal *Diário do Rio Grande*, onde obtivemos os eventos sociais

---

<sup>11</sup> ORTIGÃO apud Guia dos Banhistas. p. 10.

<sup>12</sup> Citamos as obras que buscamos apoio: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. In: Revista Estudos Históricos. n° 28. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 49-69. MELO, Victor Andrade de. Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *História da vida privada no Brasil República: da Belle époque à era do rádio*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

praticados na Villa, bem como seus freqüentadores, comprovando nossa hipótese de que a estação de banhos fora construída para um público restrito, a elite.

No jornal Echo do Sul do ano de 1885, chegamos à primeira informação sobre o planejamento do balneário, confirmando-o com a Lei nº 1551 de 17/12/1885, quando foi dada a concessão à Companhia Carris Urbanos, para a construção de uma linha férrea e de um estabelecimento de banhos.

Em nosso mapeamento das fontes encontramos também um prospecto apresentado aos acionistas da Companhia Carris Urbanos com os benefícios da construção de uma estação de banhos na Costa de Mangueira, do ano de 1886 e junto às alegações da Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul na ação que moveu contra a Carris Urbanos sobre esta não possuir a concessão para explorar uma linha férrea e sim apenas de bondes. A Companhia Carris constituiu uma nova empresa para poder dar continuidade ao seu empreendimento.

Pesquisamos ainda nos Estatutos da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar de 1890, no Guia dos Banhistas, no Relatório da diretoria da empresa do ano de 1893, onde levantamos a receita do balneário e o que vinha sendo oferecido pelo hotel em termos de comodidade e distrações, assim como, uma carta do Diretor da estação balnear Lawrence Hislop escrita no ano de 1898 convidando o Coronel Augusto Cezar Leivas a visitar o balneário. O Coronel viria a adquirir o estabelecimento todo em leilão, no ano de 1909. Foi o que deduzimos da cópia da escritura de venda da Villa de 24 de



agosto deste ano, e noutro documento onde ele venderia uma parte do balneário à Companhia Balnear Atlântica no ano de 1919.

Encontramos um livreto da recordação da primeira missa realizada na Villa Sequeira realizada no ano de 1899, que contou com um grande festival, incluindo uma *matinée musical* e um baile nos salões do Hotel Casino. Nossas fontes também contaram com o material publicitário veiculado nos jornais sobre o comércio gerado após a construção do balneário. O material fotográfico começou a ser levantado no período de nossa graduação em História, são fotos de arquivos particulares e de um álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense, além de uma planta do ano de 1907 para visualizarmos o crescimento da estação de banhos.

Para alcançar nosso objetivo e responder às questões levantadas, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, intitulado de *O desenho de um novo prazer*, nos remetemos à modernidade, fenômeno que desencadeia na Europa mudanças disseminadas pelo mundo ocidental. O título é bastante pertinente, pois ele subentende a ascensão da modernidade com o olhar da sociedade para o mar, buscando o seu uso para fins terapêuticos e de lazer.

Ao pensarmos o balneário Villa Sequeira no período de sua fundação, portanto, nos remetemos às mudanças econômicas e sociais e elegemos o fenômeno conhecido como modernidade e suas conseqüências como ponto de partida do trabalho.

Destacamos nesse capítulo, a urbanização das cidades e entre elas a realizada na cidade de Paris pelo Barão de Haussmann em meados do século XIX. Foi quando as cidades européias sofreram um período de reestruturação em seus

desenhos urbanos em função do novo viver e pensar a sociedade. A arquitetura privilegiou a beleza estética e o alargamento das ruas e avenidas, deslocando para fora do centro urbano aquilo que não agradava ao olhar da elite.

O desenvolvimento econômico dos países europeus após a Revolução Industrial impulsionou o crescimento das cidades que não estavam preparadas para receber novos habitantes, sendo necessária a realização de projetos urbanísticos para alocar a todos e controlar as epidemias. Nesta primeira parte também traçamos a relação do homem com o mar ao longo do tempo e nosso ponto final é a descoberta do espaço da praia como um local para o exercício do lazer e da sociabilidade.

Devemos lembrar que o Brasil, paralelamente ao ocorrido na Europa também passaria por tais mudanças. As idéias disseminadas no mundo ocidental pós Revolução Francesa foram reproduzidas no nosso país quase um século depois. A rápida industrialização, a urbanização das cidades e a preocupação com a saúde desembarcaram em solo brasileiro, e conseqüentemente no Rio Grande do Sul, no final do século XIX.

Essas transformações foram inseridas num contexto de interação dos indivíduos com os *novos produtos do desenvolvimento tecnológico, como os diversos tipos de meios de transporte e de comunicação, a exemplo das embarcações a vapor, os trens, os bondes, os jornais e revistas, os telégrafos, a fotografia*<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> BORGES, Valdeci Rezende apud BORGES. p. 50.

No capítulo seguinte, *O surgimento do balneário Villa Sequeira*<sup>14</sup>, apontamos o contexto da cidade de Rio Grande no momento da fundação do balneário, seu planejamento, o que foi construído, e para quem foi construído. Destacamos seu principal estabelecimento, o Hotel *Casino* como espaço de interação dos frequentadores da estação balnear. Enquanto os *chalets* não haviam sido construídos, foi no hotel que os banhistas se hospedaram com todo o *glamour* e conforto para desfrutarem dos banhos.

Na época da fundação do balneário, os camarotes e as barracas na praia, à moda européia, já estavam sendo construídos e logo foram entregues à população. Eram alugados pela Companhia para a troca de roupa dos banhistas. No desdobramento do sucesso do balneário, um outro campo de comércio se abriu: o dos comerciantes da cidade de Rio Grande que aproveitaram o sucesso do Balneário, e adquirindo para venda produtos de vestuário próprios para os banhos de mar, o ofereciam em atraentes anúncios publicitários.

Devido a Revolução Federalista (e a crise política que a acompanhava), o balneário teve uma queda de frequentadores. Não levantamos dados sobre o balneário nos anos de 1894 e 1895 por falta de fontes. Nosso trabalho tem um recorte do verão de 1893 para o de 1896, mas acreditamos que isto não seja motivo para a não comprovação do sucesso da estação de banhos.

Este capítulo também conta com imagens da construção da Villa, dos camarotes e barracas na praia, do hotel Casino e de uma planta do ano de 1907 para podermos visualizar o crescimento da estação balnear.

---

<sup>14</sup> O balneário Villa Sequeira no período de sua fundação também era denominado de Costa do Mar, Costa da Mangueira, Estação Balnear ou de banhos. Mais tarde passou a ser chamado de Casino, com apenas um “s”, nome designado ao hotel na década de 1890. Atualmente o balneário é conhecido como “praia do Cassino”.

No terceiro capítulo, *Lazer e prazer: os banhos de mar e a sociabilidade na Villa Sequeira* apresentamos a sociabilidade, nos espaços abertos e fechados, e as formas de lazer oferecidos. Através de dados coletados nos jornais da época, levantamos os inúmeros eventos realizados no balneário, contando com ilustrações que enriquecem e complementam o trabalho, dialogando com o texto para afirmar o objetivo do estudo, isto é, as múltiplas formas de sociabilidade, interação, lazer, diversão, estabelecidas entre os indivíduos na estação de banhos da Villa Sequeira.

Nosso trabalho também conta com uma seção de anexos onde disponibilizamos algumas ilustrações, documentos da Companhia e artigos sobre o balneário veiculados nos jornais da época. Em nossas considerações finais expomos nosso comentário sobre os resultados do presente trabalho.

Dessa forma, nosso estudo sobre o lazer e a sociabilidade no balneário Villa Sequeira comprova não só a chegada da modernidade ao Brasil, com os banhos de mar e seu entorno de sociabilidade, lazer e diversão das elites, mas comprova também que mesmo em um local distante do centro cultural do país, um grupo estava vivenciando este momento. Então podemos afirmar que não só as elites da cidade do Rio de Janeiro aproveitaram-se dos banhos de mar no período, mas que havia uma elite no sul do Rio Grande do Sul, que estava usufruindo também da moda terapêutica e de lazer de banhar-se no mar.

# Capítulo 01

---

## *O desenho de um novo prazer*<sup>15</sup>

---

---

<sup>15</sup> O título de nosso primeiro capítulo, “O desenho de um novo prazer” foi extraído do livro de Alain Corbin, “O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental”. Ele nos remete a pensar em novas formas de prazer que estavam se manifestando no mundo ocidental, com a chegada da modernidade, a industrialização, a urbanização das cidades, os novos comportamentos, os usos terapêuticos dos banhos de mar, enfim sugere uma novidade que estava conquistando seu espaço. CORBIN, Alain. O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

## 1.1 - A modernidade inicia seu reinado

*(...) E tanto a Grã-Bretanha quanto o mundo sabiam que a Revolução Industrial lançada nestas ilhas não só pelos comerciantes e empresários como através deles, cuja única lei era comprar no mercado mais barato e vender sem restrição no mais caro, estava transformando o mundo. Nada poderia detê-la. Os deuses e os reis do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente<sup>16</sup>.*

A Revolução Industrial teve início na Inglaterra no último quartel do século XVIII, mais precisamente após o ano de 1780, e avançou para outros países europeus como França, Bélgica e Irlanda, provocando mudanças de comportamento na sociedade ocidental e estabelecendo uma nova maneira de viver. Na década de 1870, uma segunda Revolução conhecida como científico-tecnológica confirmou a expansão da industrialização e a rápida urbanização européia.

A Revolução Industrial provocou mudanças profundas nos meios de produção humanos até então conhecidos, afetando diretamente os modelos econômicos e sociais.

Contemporânea à Revolução Industrial, em 1789, na França eclodiria a Revolução Francesa, *um marco em todos os países. Sua influência direta é*

---

<sup>16</sup> HOBBSAWN, Eric J.. A era das revoluções (1789-1848). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 69.

*universal, pois ela forneceu o padrão para todos os movimentos revolucionários subsequente*<sup>17</sup>. Para o mesmo autor, a economia mundial sofreu a influência da Revolução Industrial, sendo a política e as ideologias formados pela Revolução Francesa<sup>18</sup>.

Na Revolução Francesa não houve um movimento organizado, mas

*um consenso de idéias gerais entre um grupo social bastante coerente que deu ao movimento revolucionário uma unidade efetiva. O grupo era a 'burguesia', suas idéias eram as do liberalismo clássico, conforme formuladas pelos 'filósofos' e 'economistas' e difundidas pela maçonaria e associações informais*<sup>19</sup>.

Essas duas revoluções foram um marco para o mundo ocidental, pois ocorreu um aumento da população mundial, estimulando a economia, com mais trabalho para a população, conseqüentemente mais consumidores. A construção de estradas de ferro multiplicou-se, facilitando a comunicação entre diversos locais. E a emigração registrou um grande volume de pessoas que se deslocaram pelo mundo, *cerca de cinco milhões de europeus se deslocaram entre os anos de 1816 e 1850*<sup>20</sup>.

Como resultado dessas transformações, o mundo ocidental sofreu mudanças profundas na sua estrutura social e o fenômeno conhecido como “modernidade” triunfou em nome da razão e do rompimento com o tradicional. Uma ruptura com os valores vigentes da época aconteceu, e passariam a se questionar sobre o novo modelo de comportamento estabelecido. Há a constante

---

<sup>17</sup> HOBBSAWN, op. cit., p. 73.

<sup>18</sup> HOBBSAWN, op. cit., p. 19.

<sup>19</sup> HOBBSAWN, op. cit., p. 20.

<sup>20</sup> HOBBSAWN, op. cit., p. 189.

busca do “novo” porque, afinal, para que a modernidade siga seu caminho deve-se sempre inovar.

Segundo Jean Baudrillard a “modernidade” é típica do mundo ocidental, ela preza o pensamento racional e despreza o que não pode ser provado através da ciência. Duas características do mundo moderno são a intensificação do trabalho humano e a dominação do homem sobre a natureza.

Na França uma alteração urbana no cenário da cidade de Paris reformulada em meados do século XIX, pelo Barão de Haussmann, então prefeito, entre os anos de 1852 a 1871, serviu de modelo para outros processos de urbanização de cidades. A rua foi transformada, teve nova função, não apenas de espaço para transitar, mas uma nova estética figurou com a construção de jardins e praças. O momento exigia deixar o ambiente externo livre para os transeuntes desfrutarem de experiências antes só vividas em locais privados, tais como a conversação, os romances, “o ver e ser visto”. Era necessário urbanizar o espaço público, tornando-se quase obrigatório para o desenvolvimento de uma cidade investir na modernização de seu ambiente.

Novos hábitos vão sendo rapidamente incorporados ao cotidiano, expandindo às formas de lazer. A conquista do lazer deve-se ao *progresso técnico e a emancipação social*<sup>21</sup>. A prática do lazer é relacionada ao *progresso da cultura intelectual dos trabalhadores*<sup>22</sup> e possui *traços específicos da civilização nascida da Revolução Industrial*<sup>23</sup>.

Os cafés tornam-se o ponto de encontro das elites parisienses, oferecendo uma nova opção de lazer no centro da cidade, antes impregnada de odores oriundos de uma camada pobre da população levada para fora dos limites de Paris, formando a periferia da mesma. *Os novos comportamentos refletem o fascínio pelo espaço oxigenado*<sup>24</sup>. Esta mudança no cenário urbano permitiu a crescente renovação dos espaços públicos da cidade. O autor nos informa também que

---

<sup>21</sup> DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 20.

<sup>22</sup> *ibid.*

<sup>23</sup> *op. cit.*, p. 26.

<sup>24</sup> CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 97.



*desamontoar as pessoas e proceder a um novo recorte no espaço dos equipamentos urbanos surge como o recurso para completar o trabalho de ventilação, para dominar o fluxo das exalações e para impedir o efeito morbífico das emanações sociais. O amontoamento dos corpos, desafio permanente ao equilíbrio natural, impõe um policiamento sanitário capaz de estabelecer normas reguladoras<sup>25</sup>.*

A preocupação com a higiene também passou a fazer parte do novo padrão de “civilidade e boa convivência” imposto pela nova sociedade moderna. Promoveu-se a higiene do corpo todo, o banho passou a ser uma prática a ser seguida para o bem da saúde, ele *relaxa as fibras, amolece o organismo, leva a indolência<sup>26</sup>*.

Devemos lembrar que a prática do banho ficou restrita ao *seio das elites*, pois o emprego da higiene exigia condições para adquirir produtos, como perfumes delicados, a lavanda e a água de rosas, realizar uma toalete completa ficava fora dos padrões financeiros do *povo*.

A elite deixa o amontoado da cidade e refugia-se no campo, o centro urbano fica para o povo que acaba *confinado* aos fedores do amontoamento. Alain Corbin diz que o rico deve gozar de ar puro<sup>27</sup>, e assim,

*Experimental os verdadeiros prazeres do olfato supõe então uma fuga prévia para longe das lamas e dos esterco, longe da putrefação dos corpos vivos, longe dos locais confinados da cidade<sup>28</sup>.*

Há uma mudança na forma de pensar da sociedade em relação à manutenção da higiene dos corpos e do ambiente privado. Vêm os corpos limpos

---

<sup>25</sup> CORBIN, op. cit., p. 133.

<sup>26</sup> op. cit., p. 98.

<sup>27</sup> op. cit., p. 105.

<sup>28</sup> *ibid.*

como uma maneira de evitar doenças, e não apenas para se perfumarem. Precisam pôr em prática, novas medidas para evitar sujeira, os amontoados, as pragas. Para isso, expulsavam do centro das cidades tudo o que pudesse ser responsável pelo problema, sobrecarregando as periferias das cidades que ficaram lotadas de pessoas que não tinham para onde ir.

Foi necessário realizar tais mudanças para preservar a saúde da população, principalmente dos ricos, e propiciar novos locais para se transitar. Os ares pútridos começaram a não fazer mais parte dos lares para em seguida deixarem as cidades livres de qualquer odor desagradável.

A cidade de Paris foi o exemplo da inovação, em termos de planejamento e urbanização. Os “boulevards”, ruas largas e arborizadas, faziam parte do projeto que colocou abaixo centenas de edifícios, deslocou milhares de moradores e destruiu bairros inteiros.

O processo de urbanização ocorrido na Europa impôs um novo modelo de comportamento ao mundo ocidental. No Brasil, a partir da segunda década do século XIX, os primeiros sinais de preocupação com os problemas urbanos começam a aparecer. No primeiro momento, ocorreu uma ampla proliferação da idéia de transformar os espaços públicos das cidades em locais para entretenimento e lazer.

Não devemos esquecer que as pessoas passavam o tempo em suas casas ou em visitas em casas de pessoas de suas relações para reuniões, cafés, almoços e jantares, mas somente no espaço privado.

Para se engajar no modismo europeu, o país adotou novas práticas/hábitos relacionados a um novo estilo de viver, que primava por uma vida saudável, onde a sociedade deveria usufruir os ambientes que passariam a ser reformados para tal fim.

Com o advento da República, tentativas de acompanhar o modelo estrangeiro visavam não só a modernização das cidades, mas também a questão higienista, muito em voga no período.

O país se pôs em marcha, com a modernização do meio urbano, o caminho para o desenvolvimento começou a ser construído. Nas principais cidades observou-se a modernidade urbana dos espaços, com seus projetos arquitetônicos, os meios de transporte coletivo como os bondes – tração animal e a vapor – e os trens, além dos avanços científico-tecnológicos.

Na administração de Pereira Passos, o Rio de Janeiro passou por mudanças, com o alargamento de ruas e avenidas, como a “Avenida Beira-Mar”. Edifícios velhos foram demolidos e houve a retirada de tudo o que impedia a elite de transitar no espaço destinado ao seu lazer. Os menos favorecidos economicamente foram levados para fora do cenário carioca, dando início às favelas. Observa-se uma tentativa de copiar o modelo de urbanização da cidade de Paris, sendo o carioca não tão bem sucedido. Com a europeização dos hábitos e do espaço citadino, o convívio social ampliou-se e novas formas de interação e entretenimento passaram a ter um papel importante na vida dos cariocas<sup>29</sup>.

O comportamento europeu desembarcou no país modificando o estilo de vida dos brasileiros, principalmente o da camada mais alta da sociedade, ou seja, a elite, entendida nesse trabalho como a classe dominante, a burguesia, aqueles considerados como “classe superior”, “os mais influentes”, “a nata”.

---

<sup>29</sup> BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. In: Revista Estudos Históricos. n° 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001. p. 55-56.

O final do século XIX foi um período de consolidação para o novo país, agora uma República<sup>30</sup>. Nesse momento, as novidades do mercado europeu chegavam ao Brasil rapidamente, trazidas por imigrantes, viajantes, estudantes ou até mesmo turistas. Todos queriam estar na moda, vestir-se, caminhar a “passo inglês” ou “andar à americana”<sup>31</sup>, comer à francesa, características adotadas pelo homem moderno. A modernização dos costumes acompanhou as mudanças ocorridas no espaço urbano.

A emergência de novos valores, considerados modernos, generalizou-se e passou a fazer parte da vida cotidiana dos brasileiros que logo adotaram os estilos de vida, comportamentos e hábitos europeizados.

## **1.2 - O encontro com o mar: a Europa rende-se aos frios banhos de mar**

Em meio às transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no mundo Ocidental no século XIX, entram em cena também o culto ao bem estar físico e mental, através dos banhos de mar frios que vinham sendo desfrutados desde o século XVII.

O desejo de usufruir os banhos de mar frios surgiu aos poucos na sociedade europeia. Primeiramente na Inglaterra, foi, depois, copiado pelos franceses. Foi-se o tempo em que os homens abominavam o oceano e apenas viam-no como um devorador de pescadores que navegavam em seus barcos em

---

<sup>30</sup> NEEDELL, Jeffrey D.. *Béle époque tropical: sociedade e cultura de elite no io de janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. p. 41.

<sup>31</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: *História da vida privada no Brasil República: da Béle époque à era do rádio*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. p. 551.

busca de alimento. *A época clássica com raras exceções ignora o encanto das praias de mar, a emoção do banhista que enfrenta as ondas, os prazeres da vilegiatura marítima*<sup>32</sup>. O indivíduo é acometido pelo medo que o impede de desfrutar os benefícios da beira-mar, pois vive em um período cercado de grandes histórias de dilúvios e serpentes (ou peixes gigantes), que podem acabar com a vida dos humanos se eles entrarem no mar.

O sagrado impõe ao oceano e às criaturas que o habitam um forte valor simbólico. A imaginação dos poetas do século XVII exalta os relatos de viajantes e passa pela sua própria melancolia/nostalgia quando se dirigirem ao mar como um desconhecido que leva horror às populações habitantes da costa.

Mesmo que sintam prazer em negar a convivência perto do mar, observamos através das leituras realizadas, o prazer que estas populações sentem em ultrapassar limites e se aventurar em expedições marítimas.

Um grande período de relatos mirabolantes e destruições causadas pelo mar resultaram também num longo tempo para os homens esquecerem o oceano como um devorador de inocentes. O pensamento da época sobre a fúria do mar, assim se expressava:

*O oceano caótico, avesso desordenado do mundo, morada dos monstros, agitado por poderes demoníacos, apresenta-se como uma das figuras insistentes da desrazão; a violência imprevisível de suas tempestades hibernais atesta sua demência*<sup>33</sup>.

Alain Corbin em *O território do vazio - A praia e o imaginário ocidental* faz um levantamento da relação homem-mar. Diz ele que essa relação teve início na Antigüidade, passando pelo dilúvio e pelos dizeres da Bíblia sobre a fúria do

---

<sup>32</sup> CORBIN, Alain. O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 11.

<sup>33</sup> CORBIN, op. cit., p. 17.

mar, vindo até o surgimento de um novo desejo de apreciar o mar, sua costa, suas praias, enfim, tudo o que o mar pudesse vir a oferecer de benefícios para o bem estar dos indivíduos.

Nas costas do mar, as populações que as habitam participam das imagens “repulsivas” que o oceano lhes proporciona. É o palco das catástrofes, onde o barco vem chocar-se com os recifes e é na praia que seus destroços são lançados. É nessa praia que o *cristão pode vir contemplar os traços do dilúvio, meditar sobre a antiga punição, experimentar os sinais da cólera divina*<sup>34</sup>..

É também o local onde a vontade de transgredir os relatos do passado brota na mente dos autores. Eles lançam um olhar renovador, alimentando o imaginário, em meio à agitação das águas e o seu espelhamento sob a luz do sol.

Os relatos de marinheiros portugueses e espanhóis revelam o medo com relação ao mar, eles chegavam a lançar relíquias às ondas para ver se acalmavam as tempestades. A literatura religiosa condena as águas do oceano, onde havia um *mundo condenado [em] cuja obscuridade se entredevoravam as criaturas malditas*<sup>35</sup>. No entanto, essa imagem vai sendo contornada pela apreciação da paisagem à beira-mar, com o estudo dos fenômenos meteorológicos e a curiosidade em enfrentar o causador de tanto sofrimento de dor e perda.

Há uma passagem na obra de Corbin sobre os escritos de Saint-Amant de 1628, onde ele relata uma experiência na costa marinha.

Ele confessa ficar sentado horas a fio no alto da falésia, contemplando o horizonte marinho, escutando o estranho grito que as gaivotas lançam no vazio. Depois desce à praia e passeia longamente; o

---

<sup>34</sup> op. cit., p. 19.

<sup>35</sup> op. cit., p. 17.

passeio serve de trampolim à meditação, permite a coleta de conchas. O espelho das águas acalma e as ilusões que provoca, a versatilidade do oceano, o fascina.

*A praia abre-se também ao prazer da conversação; sutil equilíbrio entre o retiro solitário e a massa tumultuada, implica a escolha de algumas pessoas especiais com quem nos comunicarmos para evitar o tédio da solidão e o peso da multidão.*

*A sedução do repouso provocado pelo retiro, a prática da meditação e da conversação, o devaneio favorecido pelo ambiente, certas formas de engajamento do corpo, a fascinação exercida pelas vibrações luminosas do espelho aquático compõem uma gama de prazeres do lugar, sem que, no entanto, as testemunhas procurem pintar o espetáculo da natureza como irão fazê-lo<sup>36</sup>.*

Aqui, um novo olhar sobre o mar já se faz presente, num contraponto ao mar até então descrito. O novo olhar sobre esse espaço inclui a contemplação e desperta a melancolia. A palavra melancolia foi muito usada no século XVI e no início do século XVII por escritores da época. Em 1621, Robert Burton publica sua obra *História da Melancolia*. Nele o autor, além de levantar diversos lugares, irá afirmar que o homem necessita de exercício para levar uma vida proveitosa e saudável, aconselha exercícios como a equitação, a pesca, a natação, entre outros, também como forma de diversão<sup>37</sup>.

Para Burton a terapêutica dos exercícios está na alegria e vigor que proporciona, e o banho de mar antes desprezado, ocupou o lugar de destaque para a nova moda que surgia, o cuidado excessivo com a saúde. A emergência do uso do banho terapêutico e a prosperidade dos ‘spas’ (estação de águas termais do

---

<sup>36</sup> op. cit., p. 32-33.

<sup>37</sup> op. cit., p. 70-71.

interior do país [Inglaterra]) serão logo difundidas pelo continente europeu, chegando nas Américas, e conseqüentemente, no Brasil<sup>38</sup>.

O contato com a água fria, por seu turno, trouxe benefícios para a saúde e aumentou as chances de se levar uma vida de muitos prazeres. A sensação de bem-estar apoderou-se dos corpos dos indivíduos e eles passaram a aproveitar as maravilhas proporcionadas pelos banhos de mar.

Médicos e higienistas, através do conhecimento científico, passaram a prescrever às novas práticas dos banhos de mar a seus pacientes. A sociabilidade terapêutica tomou forma, não apenas em tratamentos médicos, mas passou a levar famílias inteiras a desfrutarem dos banhos, unindo a melhoria da saúde ao bem estar oriundo do estabelecimento de redes de relações entre os freqüentadores das estações balneares.

A partir da metade do século XVIII, há a disseminação do desejo de freqüentar praias. A elite não pode se entregar aos devaneios das doenças e se enfraquecer diante dos operários fortalecidos graças às inúmeras horas de trabalhos diários.

Dessa forma, buscou-se na terapêutica do banho de mar o vigor físico necessário para lidar com as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade. Os ricos são favorecidos por freqüentarem locais privados, estações balneares com estrutura para atender os mais inóspitos hóspedes e que lhes promete vida saudável e longa.

*(...) espera-se do mar que acalme as ansiedades da elite, que restabeleça a harmonia do corpo e da alma, que estanque a perda de 'energia*

---

<sup>38</sup> op. cit., p. 71.



*vital' de uma classe social que se sente particularmente ameaçada em suas crianças, suas raparigas, suas mulheres, seus pensadores. Espera-se dele que corrija os males da civilização urbana, os efeitos perversos do conforto, embora respeitando os imperativos da 'privacy' (indica a intimidade que define e possibilita o exercício da vida privada)*<sup>39</sup>.

Os médicos aconselham a ingestão de fortificantes para repor as energias. Adotam a terapêutica dos banhos de mar, afirmam para seus pacientes que é na praia que encontrarão o apetite, o sono, o esquecimento das preocupações. O contato com pessoas saudáveis e vigorosas encontradas nas estações balneares ajudará na recuperação dos doentes. A bela paisagem do mar e a brisa refrescam a fronte dos turistas sedentos por mergulhar nas águas daquele que já lhe causou tanto pânico.

O pensamento europeu mudou em relação ao oceano. A preocupação com a higiene passou a fazer parte do novo padrão de “civilidade e boa convivência” imposto pela nova sociedade moderna. O luxo imperava para que nada faltasse, porque não eram só os banhos, mas o entorno que propiciava a sensação de bem-estar.

Os freqüentadores das estações buscavam o descanso e o lazer, e distraiam-se em meio a uma sociedade elegante presente nos balneários da moda européia, tais como Bath e Brighton, na Inglaterra e Dieppe, Deauville e Côte D'Azur, na França<sup>40</sup>. Uma comparação possível com o balneário Villa Sequeira

---

<sup>39</sup> op. cit., p. 74.

<sup>40</sup> Em 1822, o Conde Brancas funda o primeiro estabelecimento de banhos. Dieppe atraiu os aristocratas e a Corte até 1830 se desloca para lá. É o único balneário realmente organizado na época. Cote D'Azur data de 1877. FUGIER, Anne Martin. O ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4.

encontramos em duas imagens em que Anne Martin Fugier se refere ao período de verão europeu<sup>41</sup>. Observamos na primeira foto, as barracas ao fundo e na seqüência os camarotes para troca de roupa semelhantes as encontradas na costa de Mangureira.

As férias<sup>42</sup> antes pouco aproveitadas, agora eram passadas em estações elegantemente preparadas para recepcionar os banhistas. Num primeiro momento, quem praticava às férias na França era uma elite restrita. A sociedade passou a aproveitar suas férias, desfrutou das formas de lazer, praticando-as individualmente ou coletivamente. Isto só foi possível graças à conquista do direito dos profissionais, às férias após a longa jornada de trabalho.

O modo de vida das camadas abastadas na Europa inspirou sociedades de outros países a adotar seus hábitos. Eles foram assimilados e estavam em alta por volta da metade do século XIX.

Nesse período, ocorreu a expansão das estradas de ferro até o litoral, poupando tempo para a locomoção dos banhistas, afirmando o progresso e alterando a fisionomia da paisagem. Para Anne Martin Fugier, *as estradas de ferro foram o mais importante instrumento de transformação social no século XIX. Sua aparição revolucionou, incontestavelmente, o uso do tempo livre*<sup>43</sup>. Outros autores também apontam a importância do trem, neste contexto.

*O trem reduziu em dois terços o tempo de viagem entre a capital e as praias. Em agosto de 1848, o primeiro 'trem de recreio' vem a ligar Paris a Dieppe. Esses trens, que permitem chegar às cidades do litoral normando nos fins de semana,*

---

São Paulo: Cia. Das Letras, 1991. p. 231. Outras informações sobre as estações de banho européias citadas encontramos: [www.deauville.org](http://www.deauville.org) / [www.visitbath.co.uk](http://www.visitbath.co.uk)

<sup>41</sup> As imagens foram extraídas do livro: FUGIER, Anne Martin. O ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991. p. 230 e 233, respectivamente.

<sup>42</sup> As férias, com as características que aparecem neste trabalho, são, em nosso entendimento, uma especialização do desenvolvimento do capitalismo, uma invenção ligada ao desdobramento da vida em sociedade por parte das elites, reorganizando o tempo de trabalho e o tempo de lazer/ócio. Em sua origem, porém, os dias de férias estavam ligados aos dias das festas religiosas.

<sup>43</sup> FUGIER, Anne Martin. O ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991. p. 227.

*viriam a conhecer na segunda metade do século um sucesso crescente (...)*<sup>44</sup>.

A conexão ferroviária teve papel importante para a disseminação das estações balneares. Anne Martin-Fugier nos diz que *durante esse período, com o calor intenso as estações de trem ficam lotadas em busca de passagens para os franceses viajarem para a praia*<sup>45</sup>. Ao lembrar a ferrovia que ligava Londres a Brighton, vemos como ela propiciou a formação de um fluxo de banhistas, e criou uma nova forma de entretenimento ao longo do caminho do trem, com as paisagens, os olhares trocados, as conversas, risos, “fofocas”. Demonstra que as pessoas passaram a freqüentar os Balneários não apenas com fins terapêuticos, mas com o intuito de divertir-se, apreciar o mar, e quem sabe viver uma paixão.

### 1.2.1 - O banho de mar elege paixões

Um outro aspecto importante na eleição do banho de mar como importante nesta época é que os estudiosos do século XVIII garantem que o banho frio atenua as paixões, devendo fazer parte da educação dos jovens. São eles os grandes freqüentadores das estações balneares. Os rapazes procuram desenvolver a musculatura, transformam seus corpos, além de estarem em um local onde podem flertar com as mocinhas. Elas, por sua vez, delicadas, procuram soluções de melhora para a saúde debilitada, pensando em arrumar algum bom partido, também, nas estações. Banham-se às escondidas. Com seus *guias banhistas*, são carregadas até o mar, onde se molham aos poucos, soltam risadas e “gritinhos” ao

---

<sup>44</sup> FUGIER, op. cit., p. 231.

<sup>45</sup> FUGIER, op. cit., p. 228.

primeiro toque com a água fria, mas, ao mesmo tempo, sentem-se satisfeitas por cuidarem da saúde.

O banho de mar das mocinhas chama a atenção dos jovens rapazes freqüentadores das praias. Eles se escondem para poder apreciar o banho delas e partem, do olhar para o desejo de conquista. Sensações de prazer, não só físicas aparecem.

Os rapazes espiam as moças atraídas por suas risadas e gritos, mesmo que as roupas próprias para o ritual do banho cubram todo o corpo. Não importa, a imaginação é levada a erotizar cenas como um calcanhar de fora, a roupa colada ao corpo após o banho, o entrar na barraca para vestir algo mais quente. Tudo leva a momentos de prazer para os jovens turistas.

O público feminino passou a praticar a *coqueteria*, a *forma lúdica do erotismo*<sup>46</sup>. Numa espécie de jogo de oferecimento e recusa, onde alternam;

*promessas com retraimentos alusivos, para atrair o homem (...). A mulher coquete intensifica enormemente sua atração se demonstra consentimento como uma possibilidade quase imediata, mas que, no final das contas, não era sério. Seu comportamento oscila entre o 'sim' e o 'não', sem fixar-se em nenhum deles*<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> MORAES FILHO, Evaristo de (org.) Georg Simmel. São Paulo: Ática, 1983. p. 174.

<sup>47</sup> MORAES, op. cit., p. 175.

No momento em que os homens interagem com as mulheres neste jogo de ‘sim’ e ‘não’, estão praticando a sociabilidade entre duas pessoas e passam a jogar com as formas do erótico. A coqueteria, *jogo galante* revela seu *charme* e ajuda na conquista, pois quando não se tem o que se quer mais se tenta conseguir<sup>48</sup>.

A sensação de espiar algo proibido acarreta *o engajamento sensual do indivíduo por inteiro, atento aos eflúvios, aos imperceptíveis murmúrios, ao menor sopro de brisa*<sup>49</sup>.

No século XIX, vemos a renovação na arte de seduzir e amar. Admira-se o amor romântico e, nesse sentido, as moças em seus banhos tornam-se para os rapazes pinturas de arte, isto é, marcam momentos que ficam na memória e revelam a angústia em busca do amor.

Os balneários, nesse contexto romântico, representam novas possibilidades porque oferecem uma infra-estrutura apropriada para receber a sociedade, na medida em que proporcionam passeios à beira-mar, bailes, jantares, almoços, piqueniques, esportes e jogos, para agradar àqueles que podem pagar um bom preço pelo serviço.

Os hotéis transformam-se em um prolongamento do lazer após o banho de mar, pois os hóspedes banham-se e, ao retornarem ao estabelecimento, recebem tratamento especial para seu bem estar usufruindo massagens, conversas, ambiente dedicado na busca de melhores condições de saúde, diversão ou mesmo, para os que não querem usufruir destas delicadezas, ser servida a comida.

---

<sup>48</sup> *ibid.*

<sup>49</sup> CORBIN, Alain. O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 107.

Para os que desejam, ao lado destas condições de *ralax* aparecem também rodadas de *bridget*, [*cricket*], licores, conversas animadas. Reina a sociabilidade nos momentos de lazer da elite, principalmente nas férias, onde famílias inteiras se dirigem e aproveitam a terapêutica da água fria do mar.

Todos os estabelecimentos de banhos procuravam distrair os banhistas ou os pacientes encaminhados para a cura de seus males. Organizavam reuniões e festas, muitas ao ar livre, em pleno dia, algumas vezes debaixo de árvores. A convivência entre os freqüentadores era intensa e as recepções tornavam-se cada vez mais concorridas.

Para as mulheres era aconselhado pela manhã,

*partidas de jardim, à moda inglesa, um simples serviço de sandwicks, manteiga fresca e chá, sobre uma toalha branca, onde se vai encher a chavena e comer de pé. Depois sobre qualquer espaço de terreno devoluto e nivelado, um jogo de jardim, o 'croquet', que é muito engenhoso (...). Depois tendes ainda o tiro ao alvo, a pesca, os estudos de mineralogia e de botânica (...). Há uma orquesta, ouvida de dia parece que purifica, é outra coisa ouvida ao ar livre e a luz do sol<sup>50</sup>.*

### 1.3 - A modernidade desembarca no Brasil

Como já abordamos acima, a modernidade foi um fenômeno marcado pela crescente urbanização e por um novo conceito de viver em sociedade. No Brasil não foi diferente. A modernidade aqui desembarcou e moldou um país baseado no modelo europeu que foi seguido por uma camada abastada da sociedade brasileira.

---

<sup>50</sup> ORTIGÃO, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875. p. 18.

A instauração do regime republicano em 1889, a abolição dos escravos, a grande imigração, as crises epidêmicas, a industrialização, o processo de urbanização, os cuidados com a higiene, marcaram o final do século XIX e o início do século XX no país.

A presença da cultura européia, em especial no Sul do Brasil, teve na imigração um forte aliado. Esses povos mudaram os hábitos, introduziram sua língua, novas formas de pensar e se alimentar, mudaram a imagem que o país fazia de si mesmo. No Rio Grande do Sul, a imigração fez surgir um país com características européias.

Em estados brasileiros, principalmente do Sul e Sudeste, eram os comerciantes e industriais estrangeiros que *financiavam a comercialização, controlavam parte do transporte ferroviário, praticamente toda a exportação, o transporte marítimo e o seguro das mercadorias*<sup>51</sup>. O capital estrangeiro, diz o mesmo autor, *teve um papel importante na criação de uma estrutura básica de transportes, contribuindo assim para a modernização do país*<sup>52</sup>.

Com o crescimento industrial ocorreram mudanças socioeconômicas no país. *Ao promover o investimento em estradas de ferro, [os capitais estrangeiros] ampliaram e integraram*<sup>53</sup> um mercado de produtos voltado para a exportação em grande escala, e ajudaram a implantar um amplo projeto das elites nacionais que era o de transformar o Brasil em um país “civilizado”, de pessoas socializadas, à imagem da Europa, e inserindo-o no concerto das nações modernas do ocidente.

Pudemos observar que o projeto brasileiro de “modernidade” revelou um novo ‘universo’, marcado por intensa relação social, espaços de sociabilidade e

---

<sup>51</sup> FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1998. p. 295.

<sup>52</sup> *ibid.*

<sup>53</sup> FAUSTO, *op. cit.*, p. 287.

novas atitudes cotidianas, fruto desse processo de interação de interação social, estabelecendo novas formas de comunicação, e conseqüentemente ocorrendo uma modificação de comportamento<sup>54</sup>.

O país transformou-se, absorvendo influências do estrangeiro. Isto também foi percebido em seus novos padrões de consumo. *Logo ficou claro para todos o potencial extraordinário que os novos recursos comportavam e a profundidade com que podiam alterar as feições e rotinas cotidianas de tudo, de todos e de cada um*<sup>55</sup>..

O modismo da influência estrangeira teve uma função primordial para a emergente sociedade “moderna” brasileira que a partir de então se caracterizou, entre outros aspectos pela correção de seus hábitos de comportamento, a preocupação com a higiene e as boas maneiras à mesa.

Ocorreu ainda, pela mão dessa elite, a domesticação dos espaços públicos, cujas ruas, avenidas e praças passam a exibir seus personagens, que elegeram estes locais para o encontro com seus pares, fazendo dos espaços públicos uma espécie de salão ao ar livre destinado ao deleite de tais grupos. Os espaços públicos tornam-se, então, espaços de representação social das elites urbanas.

A idéia do ser moderno, portanto, expandiu-se, pois o desejo de inserção no mundo moderno fazia parte dos interesses da alta sociedade brasileira.

---

<sup>54</sup> “O comportamento coletivo é a forma de comportamento de grupo que surge e se desenvolve em situações emocionais e indefinidas; caracteriza-se por um processo de interação no qual impulsos e disposições de ânimo se excitam, se propagam, se organizam e se mobilizam através de objetivos específicos de ação. O comportamento coletivo resulta de qualquer ajuntamento de seres humanos no qual cada indivíduo (...) é levado a pensar e a agir sob a influência de uma disposição ou estado de espírito, do qual todos partilham e para o qual contribuem. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986. p. 223.

<sup>55</sup> SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil República: da Belle époque à era do rádio. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. p. 548.



*A elite brasileira era, em geral, recrutada dentro das mesmas camadas sociais, cuja identidade era dada por experiência e valores partilhados em comum e por padrões de carreiras muito semelhantes. (...) O advento da República significou a transformação progressiva das elites agrárias tradicionais, que aos poucos se tornaram mais urbanas e mais dirigidas por considerações de ordem econômica (...)*<sup>56</sup>.

A considerável expansão do número de empresários, favorecida pelo crescimento econômico e demográfico, assim como o dos profissionais liberais, especialmente os advogados, os médicos e engenheiros, que tivessem maior acesso ao pensamento e aos exemplos europeus, permite que eles adquiram uma crescente visibilidade na sociedade e se tornem atores de peso nas áreas econômica e social. *Em tal contexto, as pessoas estabeleceram, socialmente, tanto novas possibilidades de convivência e de vínculos sociais quanto significados a tais práticas*<sup>57</sup>.

Um novo mundo estabeleceu-se, do consumo, do espetáculo, do lazer, do encontro entre os indivíduos. A cidade do Rio de Janeiro tornou-se o símbolo brasileiro da chegada da modernidade, o convívio social permitiu uma interação entre as pessoas, e suas avenidas e ruas reformuladas tornaram-se uma continuidade do salão privado.

Na área médica, em particular, somos remetidos à questão higienista, onde verificamos que eles recomendavam nessa época, “educar o corpo e disciplinar os hábitos”. A imagem de um corpo saudável foi estimulada pelos profissionais da

---

<sup>56</sup> LOVE, Joseph. A locomotiva. São Paulo na federação brasileira. Capítulo 5: A elite política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 215.

<sup>57</sup> BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. In: Revista Estudos Históricos. n° 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001. p. 49.

saúde, “modificando a mentalidade em relação ao cultivo do corpo”, até então conhecida.

*A incorporação de valores esportivos vem associada à delimitação de fronteiras de classe. A prática da equitação, esgrima, natação, por exemplo, funciona como sinal de um padrão de vida burguês. A ideologia do esporte difunde-se, aos poucos, como conferidor de status, marcando a distância dos que não o praticam. O acesso ao turfe, por exemplo, esporte chic e elitista, definia um perfil civilizado e moderno<sup>58</sup>.*

A necessidade de movimento através de exercícios físicos foi adotada pela sociedade brasileira na melhoria da saúde do corpo e da alma. Após o retorno da família real a Portugal, em 1822, acentuou-se a preocupação com a modernização da cidade do Rio de Janeiro. Nesta época, os esportes e as atividades físicas são impulsionados, conquistando muitos adeptos no país<sup>59</sup>. O Rio de Janeiro é o precursor das práticas esportivas. Victor Andrade de Melo nos diz que o sport no Brasil adquiriu um caráter próprio, específico, peculiar, pois nos jornais cariocas, as touradas, as brigas de galo, a patinação, até mesmo os banhos de mar eram considerados práticas esportivas<sup>60</sup>.

No Rio de Janeiro não ocorreu a construção de um balneário. Os banhos eram tomados em suas praias, sendo as preferidas a Praia do Passeio e do Russel (hoje, Praia de Flamengo)<sup>61</sup>, pois estas faziam parte do espaço urbano e não havia a necessidade de se criar uma estrutura para receber os banhistas. O aumento da

---

<sup>58</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 316.

<sup>59</sup> MELO, Victor Andrade de. Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. p. 24-25.

<sup>60</sup> MELO, op. cit., p. 26-27.

<sup>61</sup> MELO, op. cit., p. 42.

popularidade dos banhos de mar na cidade foi impulsionado a partir da metade do século XIX.

Neste momento, os médicos passaram a receitar “mudanças de ares” no combate das moléstias, indicando caminhadas na praia e banhos de mar frios, para aliviar os males advindos da nova vida moderna, e também para as pessoas que possuíam algum tipo de doenças crônicas.

Dessa forma, o entorno da praia gerou uma nova sociabilidade, a do encontro de pessoas desconhecidas entre si e que começaram a interagir. A interação social foi um dos aspectos presentes na cotidianidade do espaço à beira mar. Seus freqüentadores manifestaram sua felicidade e enternecimentos, exaltando as novas maneiras de se apresentarem diante dos demais em um local público e aberto, renovando o olhar para si e para os outros.

O comportamento dos banhistas na praia revelava sensação de liberdade, mas esta deveria ser controlada, em relação às roupas de banho, afinal usar poucas vestes na frente de estranhos ainda era um “tabu” para muitos. As *preocupações com o pudor dos banhos de mar* tornaram-se uma *questão central*, pois havia uma parte dos freqüentadores das praias que não via com “bons olhos” a influência das vestimentas de banho para uma mudança rápida no comportamento da sociedade<sup>62</sup>.

Quando se encontram a banhos, encenam o papel de atores e deixam fluir as emoções, pois uma animação diferente toma conta do corpo do indivíduo, deixando-o com uma nova fisionomia. Rejuvenescidos após o banho,

---

<sup>62</sup> MELO, op. cit., p. 43-44.

consideravam-se prontos para o exercício do trabalho nas novas cidades brasileiras reformuladas.

A praia desse período tornou-se um local com regras de comportamento estabelecidas pelas elites brasileiras, influenciadas pelo modelo europeu das estações de banhos, pois eram eles que podiam arcar com as despesas dos hotéis, dos “guias-banhistas”, do aluguel de camarotes ou das barracas.

O relacionamento entre as pessoas no ambiente das estações de banho foi neste período, específico da elite, pois os membros da burguesia mantinham maneiras específicas de se distrair, de pensar, de jogar *bridget e pôquer*, de praticar equitação, e até mesmo de descanso. Um exemplo foi o Balneário Villa Sequeira, onde a elite se fez presente, e que será mostrado nos próximos capítulos.

Assim, é mister lembrar que o espaço das estações balneares não comportou durante algum tempo as camadas menos favorecidas da sociedade.

# Capítulo 02

---

*O surgimento do Balneário Villa  
Sequeira*

---

## 2.1 – Rio Grande: desenvolvimento econômico e político



Foto 01 - Cidade de Rio Grande vista da orla.

O processo de industrialização que ocorreu no Brasil no final do século XIX alcançou o sul do país. Primeiramente, o mercado gaúcho produzia para suprir às necessidades internas do país, mas logo com a modernização da indústria passou a exportar seus bens, pois muitos empresários estrangeiros passaram a investir na indústria local.

No Rio Grande do Sul, acentuou-se a diversificação da atividade econômica, no setor agrícola e na indústria têxtil. A Província assistiu a um aumento industrial relevante, centralizado em produtos alimentícios, no setor têxtil, banha, vinho, cerveja, calçados, tecidos e conservas.

Os imigrantes foram os protagonistas desse impulso na economia gaúcha, construindo uma Província com características sociais e culturais diferente das demais Províncias do país. Podemos estabelecer um vínculo entre o surgimento das indústrias no Rio Grande do Sul e o processo de colonização com a chegada dos imigrantes.

Muitos dos que se instalaram na cidade de Rio Grande, por exemplo, possuíam capital para ser investido em maquinário, aumentando a produção e expandindo o mercado.

*Em Rio Grande, o comerciante Carlos Guilherme Rheingantz fundou, em 1873, a primeira fábrica de tecidos do Rio Grande do Sul, em 1891, Gustavo Poock, filho de um fabricante de charutos da Alemanha, fundou uma fábrica deste tipo e, no mesmo ano, o comerciante Albino Cunha formou a Moinhos Rio-Grandense para fabricação de farinha de trigo<sup>63</sup>.*



Foto 02 - Fábrica de tecidos Rheingantz.

---

<sup>63</sup> PESAVENTO, Sandra J.. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985. p. 37.



Foto 03 - Influência européia na arquitetura das residências na Avenida Rheingantz.

O município de Rio Grande, no final do século XIX, apresentou uma rápida urbanização, com um crescimento econômico e social. Em consequência da vinda de imigrantes para a cidade, novos hábitos foram surgindo. Os ingleses, neste contexto, formaram uma parcela destes imigrantes, contribuindo para o desenvolvimento da mesma, em campos como o da navegação onde realizaram melhorias, chegando a tornar Rio Grande um centro de navegação sul-americana.

Exemplo do que falo pode ser o da figura de *John Proudfoot*, um dos fundadores da Associação Comercial, que possuía uma Casa Comercial na Rua Pedro II (...). Esta casa era um dos prédios mais ricos da cidade, valia em torno de 30 mil libras esterlinas. Em 1873, Proudfoot fundou as linhas de barco a vapor entre Porto Alegre e Rio Grande, com navios que haviam sido construídos em seus estaleiros em Glasgow<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> PORTO, Lúcia. Estrada de ferro, carvão e futebol. In: URBIM, Carlos (coord.). Rio Grande do Sul: Um Século de História. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p.148.



Outro exemplo pode ser apontado: em 1863, a cidade já contava com uma filial do London e Brazilian Bank. Os ingleses presentes nesta época em Rio Grande, portanto, eram ricos empresários e comerciantes, ou assalariados que vinham trabalhar como empregados na área da navegação<sup>65</sup>.



Foto 04 - Prédio da filial do London Bank na cidade de Rio Grande.

A presença de estrangeiros foi importante para a prosperidade da cidade, pois a sociedade rio-grandina estava deslumbrada com o avanço tecnológico do seu município, e não deixou de usufruir desse processo industrial que passava a fazer parte de sua cotidianidade, representado pelos bondes de tração animal da Companhia Carris Urbanos.

---

<sup>65</sup> PORTO, op. cit., p. 148.

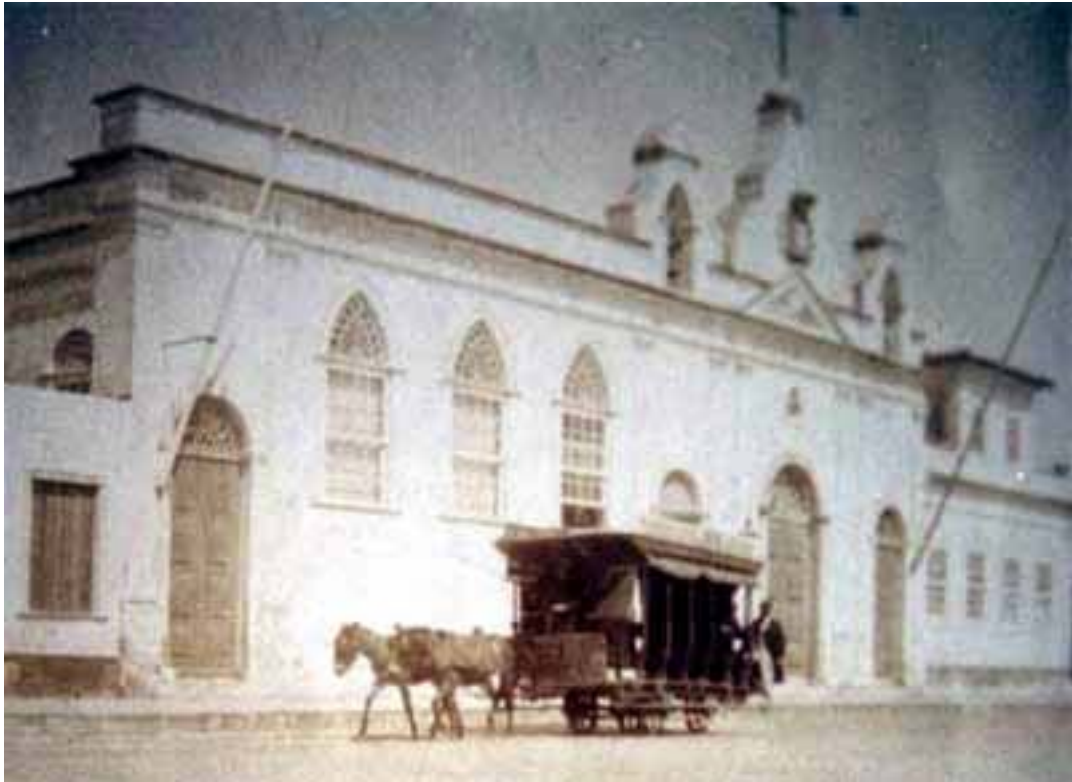


Foto 05 - Bonde de tração animal.

O processo de industrialização de Rio Grande colocou-a em lugar de destaque entre as cidades do sul do país. Com a modernização de algumas indústrias e a instalação de outras, a cidade passou a ser associada ao progresso, exigindo uma melhoria em sua organização urbana para suportar o aumento da população e das indústrias que chegavam.

É nesse período, que a elite rio-grandina vai, aos poucos, adotar as modas européias, adquirindo roupas e acessórios vindos principalmente de Paris, e seguindo *maneiras distintas*, que iam *desde os cumprimentos, à postura corporal, os hábitos à mesa, até o cultivo da música e das artes*<sup>66</sup>.

Algumas destas atitudes foram modismos implantados pela cultura européia que conquistou o mundo ocidental, com novidades tanto na moda de

---

<sup>66</sup> URBIM, Carlos. As charqueadas de Pelotas. In: URBIM, Carlos (coord.). Rio Grande do Sul: Um Século de História. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 27.

vestir como na arquitetura das casas. O que vimos aqui, portanto, foi uma mudança de comportamento, um refinamento de hábitos, decorrente do enriquecimento dessas elites.

Quanto à ferrovia, que cumpria um papel muito importante na região sul da Província, em especial na cidade de Rio Grande, teve sua história ligada à área da imigração, pois com a construção de uma estrada de ferro que ligava Porto Alegre ao município de São Leopoldo, no ano de 1874, o Rio Grande do Sul começava a formar uma extensa rede ferroviária. No município de Rio Grande os trilhos não tardaram a chegar, sendo inaugurada no dia 2 de dezembro de 1884, uma ligação com a cidade de Bagé<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> GIBBON, Sônia A. de O.. O Apito do Trem: Gênese e Desenvolvimento do Sistema Ferroviário em Rio Grande (RS). Rio Grande: FURG, 2000. (Monografia de Conclusão de Curso). p. 35.



Foto 06 - Desembarque de uma locomotiva no Porto de Rio Grande.

Após a inauguração da linha Rio Grande-Bagé, os proprietários da Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, no ano de 1885, notaram que a prática do turismo cresceu na cidade com a implantação da ferrovia, e resolveram aproveitar a geografia do local, com sua extensa costa de mar, estendendo a linha até o oceano, com a construção de uma estação de banhos, em tudo igual aos balneários europeus, como Dieppe, Biarritz, entre outros, ou sul-americanos como os de Pocitos e Ramirez, no Uruguai.

O sucesso das praias européias se expandiu, conquistando uma elite com capital para investir na construção do balneário, e disposta a reproduzir essas estações balneares para seu próprio deleite. O jornal *Echo do Sul*, do município de Rio Grande, no ano de 1885, publicou que a Companhia Carris Urbanos *fará*

*construir um importante estabelecimento balneário, em tudo igual ao de Pocitos em Montevideo*<sup>68</sup>. Neste mesmo ano, o Sr. Antônio Cândido Sequeira viajou a Porto Alegre com o fim de obter a concessão e o privilégio para a construção da linha de *bonds por tração a vapor*, entre a cidade e a costa do oceano, na Mangueira<sup>69</sup>.

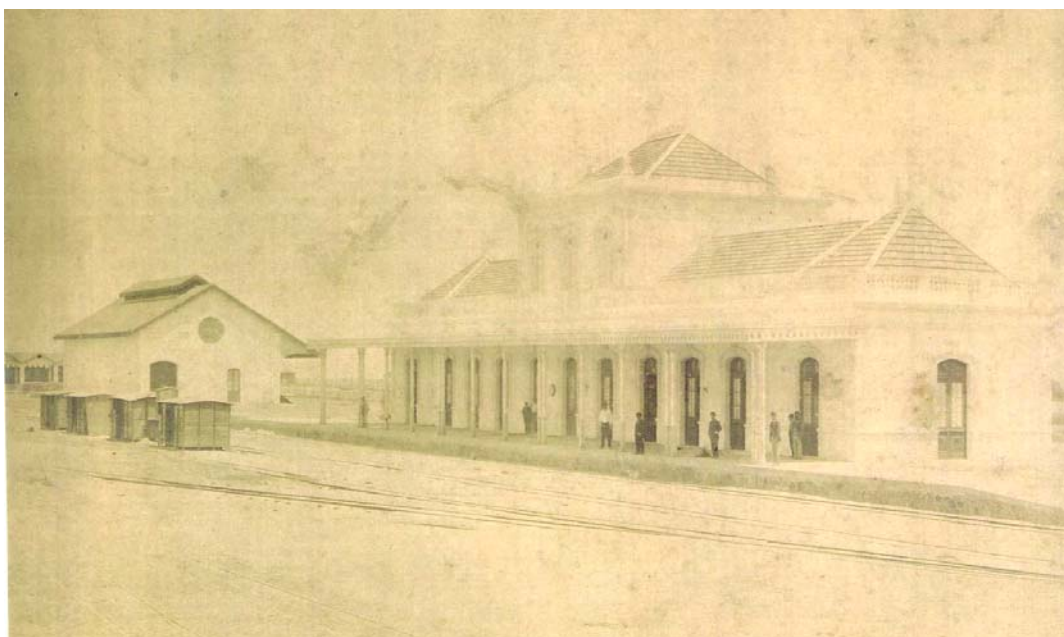


Foto 07 - Estação do Parque na cidade de Rio Grande.

Muitos locais haviam sido sondados para a construção de uma estação de banhos como a praia que se localizava atrás do farol da Atalaia no Pontal da Barra, a detrás de São José do Norte, a de Cidreira, a de Tramandaí, do Chuí, da

---

<sup>68</sup> Jornal Echo do Sul, 21/11/1885.

<sup>69</sup> Mangueira era o nome de uma extensa área do município do Rio grande, que chegava ao mar e, na época, tinha categoria de Distrito. Sua denominação deve-se ao fato de que naquela época o gado era deixado para descansar nas mangueiras (árvores) existentes ao longo do caminho. Informativo SOAMAR, 1995, n° 10: p. 12.

Praia de Fora em Santa Catarina e as de Pocitos e Ramirez em Montevideo, além da Praia da Mangueira<sup>70</sup>.

A Costa da Mangueira foi à escolhida por sua localização ser próxima a uma cidade que estava passando por uma fase de expansão econômica, um comércio e indústrias fortes, e um porto marítimo que facilitava o escoamento da produção. Além de a cidade contar neste período com o tráfego de bondes e linha telefônica.

A Companhia Carris Urbanos constituiu uma nova Companhia para obter a concessão de tráfego da ferrovia, denominada de Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira. Isto se fez necessário, pois não possuíam essa concessão que era própria das companhias de estrada de ferro. A Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway entrou com uma ação contra a Carris Urbanos, alegando que,

*uma outra espécie de empresa de transporte de passageiros e cargas, arrogando-se um direito que não se encontra baseado em lei, tem tentado gosar do favor ou privilégio de zona outorgado exclusivamente às estradas de ferro (...).*

*Referimo-nos às empresas ou companhias de veículos, denominados Bonds-tramway carris urbanos ou simplesmente carris<sup>71</sup>.*

A Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira, após ganhar o direito de concessão da linha no ano de 1888, elaborou estatutos e tomou as devidas providências para o início das obras. O diretor da empresa Antônio Cândido Sequeira buscou investimentos através da venda de ações, no valor de 10\$ por

---

<sup>70</sup> Memorial apresentado aos acionistas da Companhia Carris Urbanos de Rio Grande aprovado em Assembléia Geral de 26/03/1886 apud Jornal Cassino, 28/01/2000.

<sup>71</sup> Alegações finais da Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway. Na ação que lhe move a Companhia Carris Urbanos. Rio Grande, Tipografia da Livraria Americana, 1890. p. 05.

ação, com o objetivo de levantar capital necessário para tal. Nos jornais do período observamos anúncios sobre este assunto, assim:

*Bonds Suburbanos da Mangueira. Aceita-se subscritores para as ações desta empresa (...). Pela administração da Companhia Carris Urbanos, Antônio Cândido Sequeira<sup>72</sup>.*

Ou, assim:

*A comissão abaixo assinada pede aos Srs. subscritores de ações para esta companhia de realizarem o pagamento de 10% ou 10\$ por ação no escritório do Sr. José Soares Vianna (...). A comissão instaladora, Barão de Villa Izabel, José Soares Vianna, Antônio da C. Corrêa Leite<sup>73</sup>.*

Para a construção do balneário, o gerente da Companhia Carris Urbanos fez um levantamento dos valores que deveriam ser investidos no local.

*Em primeiro lugar a ferrovia, que orçava em 187 contos de réis, especificando o custo dos trilhos calculados a 20 quilos por metro, 73 contos; despesas de transporte de material e do assentamento de trilhos em torno de 28 contos e de administração em 8 contos e 500 mil réis. Acrescentasse os pontilhões, 11 contos; uma locomotiva, 10 contos; 4 carros de passageiros, 10 contos; e 2 para carga, 2 contos. Os abrigos, o aramado do terreno, o plantio de cedro marítimo e espinheiros e às barracas, calculadas em 1 conto de réis<sup>74</sup>.*

Notamos que não apenas imigrantes ingleses estavam envolvidos no planejamento do balneário, este também teria comerciantes portugueses, industriais alemães, entre outros profissionais que investiram capital nas ações da

---

<sup>72</sup> Jornal Echo do Sul, 01/05/1888.

<sup>73</sup> Jornal Echo do Sul, 08/06/1888.

<sup>74</sup> Informativo Rio Grande, 26/01/1990. p. 08.

empresa para dar início às obras do estabelecimento balnear. Alguns nomes faziam parte da sociedade de Rio Grande: o diretor-gerente da Companhia Carris Urbanos Antônio Cândido Sequeira, Comendador Antônio da Costa Corrêa Leite, Comendador A. J. Pinto da Rocha, Antônio M. Lemos Junior, Coronel Francisco Antônio Lopes, Capitão Evaristo dos Anjos Sandim, Albino Cunha da fábrica Moinho Rio-Grandense, os comerciantes Manoel Carlos de Lima Torres, Rosalvo d’Azevedo, W. A. Preller, Arnaldo José Pereira, os médicos, Dr. Carlos A. C. Laudares, Dr. M. Affonso Reis<sup>75</sup>.



Foto 08 - Fábrica Moinho Rio-Grandense.

---

<sup>75</sup> Estatutos da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande – Costa do Mar de 28/07/1890, p.12. Entre os acionistas do balneário encontramos também: Albino Cunha da “Moinhos Rio-Grandense”, os Rheingantz, da fábrica de tecidos “Rheingantz”, os comerciantes Alfredo Moutinho, José Francisco Cezar “loja de vestuário do Cezar”, João L. Vianna que vendia “Secos e molhados por atacado”. Jornal Diário do Rio Grande, 30/10/1890.



A Companhia Carris buscou apoio do Governo da Província, e o então Presidente Tristão de Araripe, *homem esclarecido, estando a par da fama adquirida na Europa pela terapêutica dos banhos de mar*<sup>76</sup>, incentivou a construção do balneário, ajudando na desapropriação dos antigos proprietários daquela região.



Foto 09 - Vista do início da construção do balneário.

O Informativo Rio Grande esclareceu que a elite *intelectual e social* do município tinha conhecimento do que ocorria na Europa, através de *revistas francesas, trazidas regularmente pelos navios transatlânticos*. Estas revistas possuíam ilustrações que serviram de modelo para as primeiras construções do balneário<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> Informativo Rio Grande, 26/01/1990. p. 11.

<sup>77</sup> Informativo Rio Grande, 26/01/1990. p. 11. Infelizmente não encontramos nenhuma revista

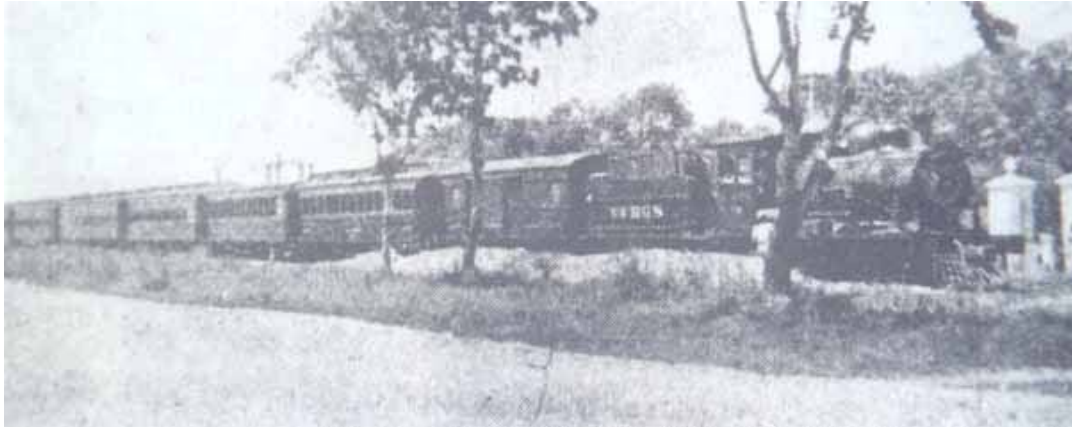


Foto 10 - Trem na linha de acesso à praia.

A Villa Sequeira foi sendo construída neste contexto, de mudanças sociais e culturais na mentalidade da população da época, e de intensa atividade econômica e política na cidade.

## **2.2 – A construção da praia – Balneário Villa Sequeira**



Foto 11 - Ao fundo observamos o trem que conduzia os passageiros à estação balnear na Avenida principal, que começava a esboçar suas primeiras moradias.

Uma das fontes principais sobre o balneário é o informativo “Guia dos Banhistas”, publicado em 1890 contendo muitos dados sobre a “praia de banhos”. No guia, encontramos toda espécie de informações sobre a extensão, o arruamento e a natureza do solo da estação balnear, as melhorias que deveriam ser feitas no mesmo, as comodidades e habitações na Villa Sequeira, e as precauções necessárias para aproveitar os benefícios dos banhos de mar. (Anexo 01)

Diz o autor do guia que no momento da fundação da estação, ela abrangia 3 quilômetros de extensão ao longo da costa e 2 quilômetros e 200 metros de fundo, sendo cortada ao meio pela linha férrea. A avenida, que logo se transformou em um espaço de sociabilidade, possuía 40 metros de largura e estava subdividida em quadras de terrenos de 100x50 metros, formando ruas paralelas a ela.

O guia nos revela uma região inóspita, abandonada à própria sorte, pois os antigos possuidores das terras não as valorizavam, resultando numa aparência “agreste” e dominada pelas “areias vindas do mar grosso”. O gado, pertencente aos pequenos criadores do local, devoravam a “rara” vegetação e ajudavam no avanço das areias.

Os empreendedores da Companhia se depararam com essa situação ao começar a construção das “bases da futura povoação”. Melhorias iniciais foram

feitas como o fechamento por aramados do contorno do terreno e arborização ao longo da faixa de areia, junto à costa, de pinheiros, eucaliptos, acácias e demais espécies, com o objetivo de fixação das dunas. (Anexo 02)

A primeira temporada de funcionamento da estação de banhos foi inaugurada no dia 26 de janeiro de 1890 e, após muitos adiamentos, inaugurou-se a linha férrea para a costa da “Mangueira”.

Foi com grande entusiasmo que a sociedade rio-grandina e redondezas deslocou-se para o balneário. Além das reportagens sobre a Villa Sequeira, o jornal Diário do Rio Grande publicava o sucesso de outra estação de banhos estabelecida no Uruguai, onde encontramos uma rival próxima à recém inaugurada Costa da Mangueira.

*Dizem de Montevideu: A estação de banhos de mar trouxe a esta capital de toda a parte inúmeros visitantes, entre os quais distintas famílias portenhas, cuja presença comunica a esta cidade extraordinária animação e alegria<sup>78</sup>.*

Rivalidades à parte, a vida do balneário Rio-grandino corria célere.

Os horários disponíveis dos trens para o novo balneário eram os seguintes: às 05:30h da manhã, às 12:30h e às 16:30h da tarde. A passagem custava 600 réis e algumas recomendações deveriam ser seguidas, tais como: *não se debruçar nas janelas; não se debruçar nas plataformas; não conduzir cães e armas de fogo carregadas<sup>79</sup>.*

A Companhia proprietária da estação disponibilizou outros horários de trens para os domingos e feriados, tamanho foi à demanda para a praia, e providenciaram novos “carros” para dar conta de todos os passageiros. O

---

<sup>78</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 21/01/1890.

<sup>79</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 28/01/1890.

balneário recebia muitas pessoas de diversos locais, interessados nos banhos, conforme publicado nas reportagens dos jornais do período.

*Os banhistas vêm em grande quantidade, não só de Rio Grande, como de Porto Alegre, Pelotas, Bagé e de outros, sendo que, alguns por falta de cômodos na praia, moram na cidade e vão todos os dias, no trem das 5:30 tomar banho e voltam.*

É este o primeiro ano da estação balnear em Rio Grande e apesar de tudo estar ainda em princípio, nota-se já uma animação extraordinária, sendo já bastante agradável o movimento que se nota todos os dias na Costa, na ocasião do banho<sup>80</sup>.

A estação seguinte inaugurou-se em novembro de 1890 e encerrou a 15 de maio de 1891. Neste momento, o balneário contava com as seguintes instalações:

*100 camarotes para homens – 1ª classe;  
100 camarotes para senhoras – 1ª classe;  
20 camarotes para homens – 2ª classe;  
20 camarotes para senhoras 2ª classe;  
50 barracas sobre rodas;  
Um restaurante elegante à la carte;  
Leitaria;  
Rouparia (recebimento de roupa de banho)<sup>81</sup>.*

Afirmavam que estas instalações seriam suficientes para atender uma média de 500 banhistas. Dizia também que não havia “rival em todo o Brasil e Rio da Prata” para o balneário Villa Sequeira. Os camarotes, que eram também espaços de lazer e de contemplação do mar, foram construídos com,

*solidez e elegância sobre um estrado fixo de madeiras de lei, com porta vidraça, xadrez para o piso, banquinho, cabides para roupa e espelho.*

*Junto a eles estão dispostos excelentes water-closets Na frente ao mar corre uma varanda espaçosa com balaustrada, corrimão e bancos, oferecendo desta forma toda a comodidade para os visitantes ou para nas horas de maior calor gozarem*

---

<sup>80</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 23/02/1890.

<sup>81</sup> Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890. p. 15.

*a vista do mar, o movimento de navios na barra e o ar marinho*<sup>82</sup>.



Foto 12 - Camarotes ainda em construção.

Do ponto de vista da urbanização do balneário e da comercialização dos terrenos vimos que a Companhia passou a vendê-los ao longo da avenida, iniciando a construção de “chalets” destinados à elite da época. Essas moradias foram verdadeiros monumentos de arte, com jardins e arranjos belíssimos, cada qual com seu estilo e, geralmente, reproduziam uma maneira de viver à moda francesa. Conforme Corbin, podemos dizer que uma nova *arquitetura privada, desejosa de responder às novas exigências de comodidade*<sup>83</sup> foi construída no balneário Villa Sequeira.

Para manter o glamour dos *chalets*, algumas condições foram sendo estabelecidas para a construção de casas de moradia no balneário, ao longo dos anos, pelas futuras companhias concessionárias. Desde a fundação da Villa Sequeira, quem erguesse *chalets ornamentados* tinha passe livre por 5 ou 10 anos,

---

<sup>82</sup> GUIA, op. cit., p. 16.

<sup>83</sup> CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 207.

dependendo do valor do imóvel. As propostas circulavam nos jornais da época como um *aviso balnear aos interessados em edificar casas de moradia na Villa Sequeira. Se for valor inferior a 8 contos, terá direito a um passe de 1ª classe por 5 anos e as superiores a 8 contos a um passe por 10 anos*<sup>84</sup>.

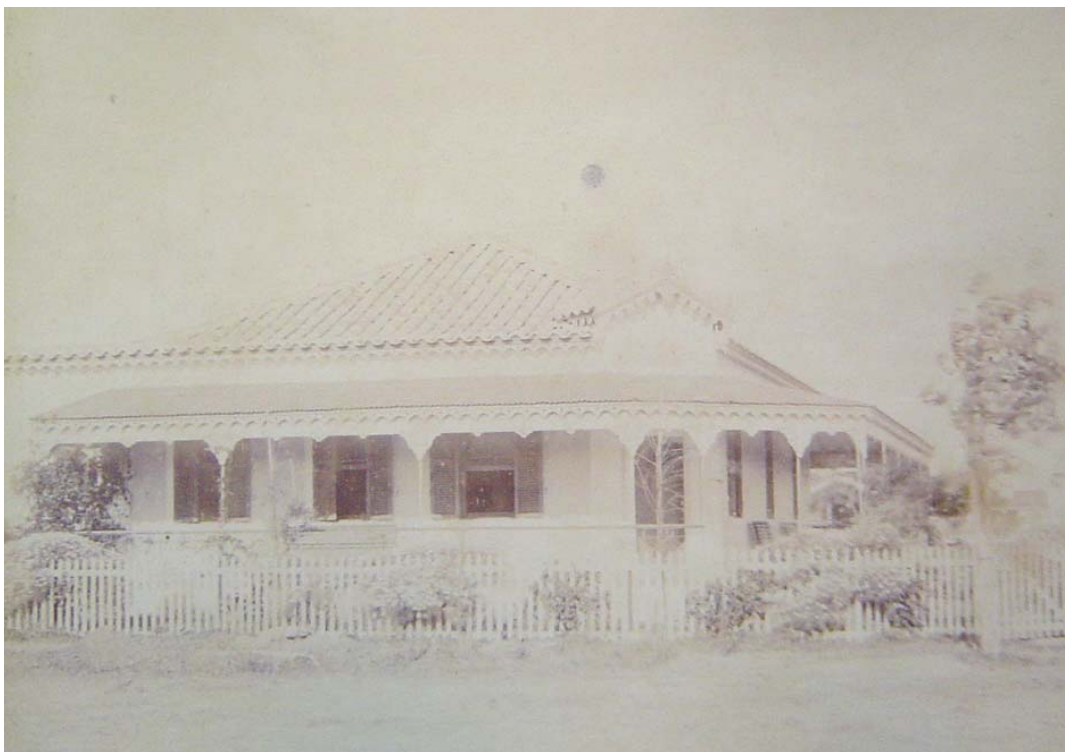


Foto 13 - *Chalet* do comerciante e industrial Carlos Guilherme Rheingantz.

Próximo ao Cassino acha-se pronta a bela casa do Sr. José Soares Vianna, e está quase concluída a dos herdeiros do finado Visconde de S. José do Norte.

*O Sr. Merck, da casa G. Pietzcker e C., edificou uma vistosa casa de campo ao lado*

---

<sup>84</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 23/12/1890.

*esquerdo da linha, três ou quatro quilômetros da praia, e o Sr. Dr. Afonso Reis um chalé de gosto norte-americano.*

*Um pouco aquém edificou o Sr. Manoel Joaquim Estrela o prédio onde funciona a aula pública de que este cidadão é professor.*

*Outras pessoas, segundo nos consta, pretendem também edificar, umas para seu gozo na estação balnear, outras para alugar<sup>85</sup>.*



Foto 14 - Chalet de A. J. Pinto da Rocha.

O entorno da avenida trouxe a marca do desenvolvimento urbano, implantado na Villa Sequeira, com casas de arquitetura moderna, e que se transformaram em ícones de um passado de ostentação e glamour. A elite desfrutava assim de seus “palacetes” cercados de muros e jardins. (Anexo 03)

A avenida lembrava os bulevares parisienses por sua largura e comprimento, seu caráter europeizado foi acentuado pelas fachadas dos chalés que aos pouco foram sendo construídos ao longo da linha férrea. Cada um a seu modo

---

<sup>85</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 24/01/1901.



exibia sua “suntuosidade” e seus proprietários não pouparam recursos em realçar suas belas vivendas.

Um hotel foi construído, sendo denominado de “Casino”. Contava com 136 quartos, 8 salões de jantar, banheiros, *water-closet*, circundados todas estas instalações por 700 metros correntes de varandas cobertas<sup>86</sup>. Os quartos possuíam o tamanho de 3x3m e 6x3m, eram mobiliados e forneciam serviço de criados, móveis, roupa de cama e lavatório, luz e limpeza, variando o preço dos quartos entre 1\$500 a 2\$000 e 3\$500 por dia. Os salões de jantar possuíam dois tipos de mesa, a dos pensionistas e o restaurante aberto ao público em geral. As taxas cobradas eram as seguintes:

***Mesa Redonda:***

*Adulto por mês sem vinho – 40\$000*

*Adulto por mês com vinho – 55\$000*

***Restaurante:***

*Adulto sem vinho por mês – 55\$000*

*Adulto com vinho por mês – 70\$000*

*Almoço ou Jantar avulso sem vinho – 1\$000 e 1\$500*

*Almoço ou Jantar avulso com vinho – 1\$500 e 2\$000*

***Sala dos criados:***

**Adultos por mês – 20\$000**

*Crianças de 3 a 10 anos, metade das taxas.*

***Serviço de comidas nos quartos:***

*Por cada refeição, mais 500 réis<sup>87</sup>.*

A descrição nos dá o padrão do hotel e sua infra-estrutura, mostrando também as ‘benesses’ possíveis às elites que gozavam das atrações da estação balnear.

---

<sup>86</sup> GUIA, op. cit., p. 17.

<sup>87</sup> GUIA, op. cit., p. 18.

O hotel Casino possuía ainda salão de visitas e de concertos, de jogos, restaurante, além dos jardins que possuíam mesas, onde os hóspedes podiam optar por realizar suas refeições ali ou no restaurante.

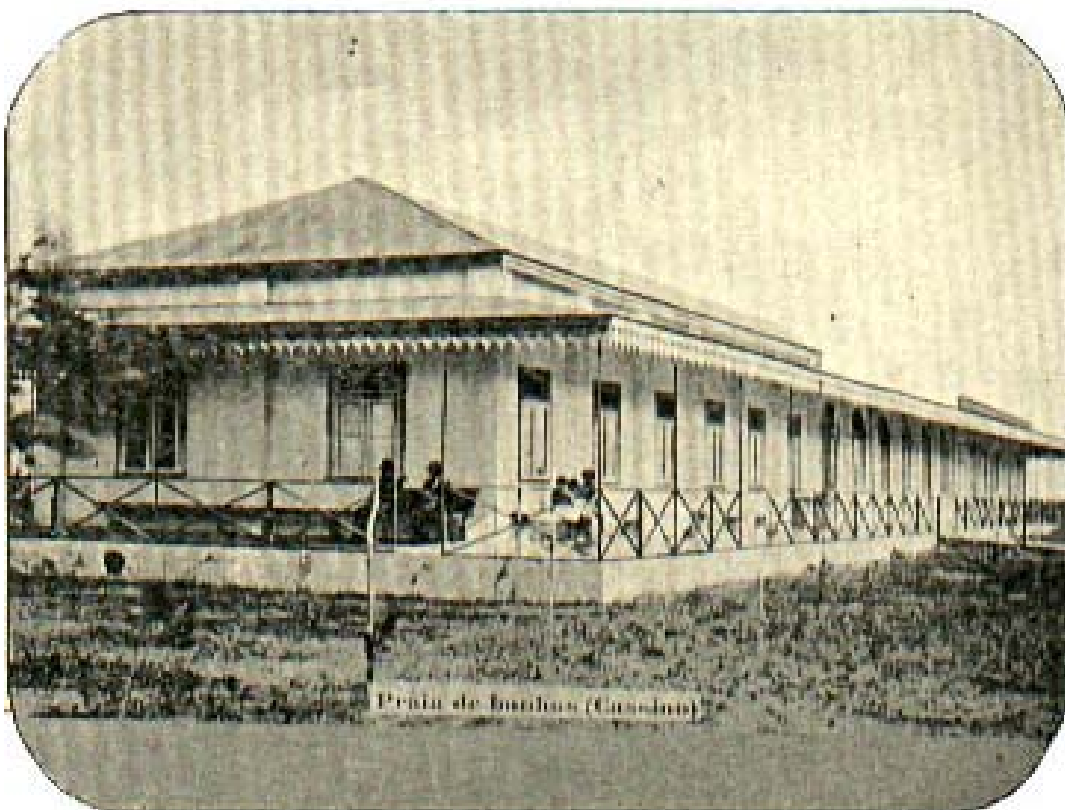


Foto 20 - Vista lateral do Hotel Casino.

Também foram construídas quarenta “casas mobiliadas” para as famílias numerosas que preferiam maior privacidade, mas não possuíam capital suficiente para construir um elegante chalé.

Os cômodos das casas mobiliadas constam de uma sala na frente à rua, por onde tem uma porta de vidraça e janela de duas folhas, à francesa, dando sobre um passeio ou varanda coberta, de dois metros de largura, três quartos espaçosos de 5x3m, dando

para uma área ou pátio e uma cozinha de 4x3m com porta à área e janela ao fundo.

*A área tem portão de serventia, que dá para um corredor geral de serviço.*

*Todas as peças têm, portanto, ar e luz, e são decentemente mobiliadas, tendo as camas os respectivos colchões e travesseiros.*

*A cozinha tem fogão econômico e aperfeiçoado para queimar lenha ou carvão<sup>88</sup>.*



Foto 21 - Casas para residências das famílias, conhecido como “Quadro”.

O aluguel de 5\$000 por dia correspondia aos 120 dias da temporada de banhos, incluindo a limpeza das casas. Desenvolveu-se um verdadeiro comércio voltado para a prática dos banhos, e os aluguéis das “barracas” de frente para o mar eram muito concorridos.

---

<sup>88</sup> GUIA, op. cit., p. 18-19.



Foto 22 - Aspecto das barracas.

A Companhia Carris Urbanos importou um “catavento” dos Estados Unidos, aproveitando-se da energia eólica para a captação de água do lençol freático descoberto pela mesma. Esta água abastecia o hotel Casino, as locomotivas e as casas do “Quadro”. Para as moradias particulares, seus proprietários construíram “algibes ou cacimbas”, onde a água era retirada através de “bombas” manualmente.



Foto 23 - Catavento importado de Illinois, Estados Unidos.

O balneário Villa Sequeira contava também com o serviço de lavanderia e “leitaria”. Nas cocheiras os animais encontravam-se já encilhados e as charretes para os passeios prontas para o uso.

O comércio na estação começou com o aluguel de lojas nos salões de visitas do hotel. Um anúncio do jornal Diário do Rio Grande convoca interessados para tal fim.

#### *Loja do cassino e anexas*

As pessoas que pretenderem alugar instalações apropriadas no Hotel Cassino, para o estabelecimento de vários ramos de negócio, abaixo discriminados, sirvam-se se entender com o gerente da Companhia.

*1ª Loja – Café, gelados e refrescos;*

*2ª Loja – Confeitaria;*

*3ª Loja – Fazendas, miudezas e objetos para banhistas;*

*4ª Loja – Objetos para fumantes;*

*5ª Loja – Cabeleireiro e perfumarias;*

*6ª Loja – Comestíveis e líquidos;*

*7ª Loja – Funilaria, ferragens, louça e objetos de uso doméstico.*

*Contrata-se o serviço dos salões de jogo, visitas e concertos que terá a seu largo a cobrança de taxas dos jogos de bilhar, cartas, etc. e fornecimento de chá, café, licores e outros líquidos.*

*Aluga-se igualmente instalações apropriadas para açougues, padaria e outro qualquer ramo de comércio, etc, etc<sup>89</sup>.*

O rico comércio em torno do lazer e do turismo começava a organizar-se na Costa da Mangueira. A Companhia com o aluguel dessas lojas proporcionou aos banhistas tudo o que eles encontravam na cidade. O balneário preparou-se para receber seus freqüentadores e sua administração montou uma estrutura completa para recebê-los como podemos observar na reportagem acima. Um exemplo é o das “mulheres vaidosas” que não precisavam se preocupar em ir à cidade para arrumar o “visual”, pois tinham cabeleireiro e loja de perfumes e maquiagem na estação balnear.

Ao propor o conteúdo das lojas, os administradores do hotel Casino não só dimensionaram o padrão do lazer e das necessidades locais, como também agregavam valor aos estabelecimentos que aí se instalassem, pela clientela que seria atendida, ampliando desse modo às condições de lazer e sociabilidade desse espaço.

*Ao mesmo tempo em que se planejava a “vida” na praia, os comerciantes da cidade de Rio Grande investiam em indumentárias para os freqüentadores do balneário. Observamos na publicidade dos periódicos que a procura era grande, pois todos queriam aproveitar os banhos, vestindo-se com as roupas adequadas para o desfrute do mar. O anúncio publicitário é testemunho do que dizemos:*

### *Novidade de Verão*

---

<sup>89</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 08/11/1890.

*Crepe de lã liso, azul, creme, rosa, lilás, salmão, palha, verde, claro e escuro, e outras cores modernas, a 900 réis o metro! Voile de leiin, padrões de grande moda, grande sortimento a 900 réis o metro! Vestidinhos cobertos de renda para meninas, esplêndido e invejável sortimento. Vestidos de brim para meninas. Aventais brancos, de piquê, brim, nonzuk, fustão e muitos outros. 1500 leques de papel, setineta, setim, seda e gaze, grande novidade. Ventarolas de papelão e gaze, novidade para bailes. Gregas pretas e cores. 3000 roupas para banho. Colarinhos e punhos de borracha, de cores e brancos. Camisas com peito de piquê grande moda. Luvas de pelica, brancas, de cores e pretas, para homens e Sras., 10 mil peças de renda! Au Louvre-F.Rasteiro e C.*

*Para verão*

*Grande quantidade de fustões, piquês brancos, beija-flor e setinetas de grande novidade.*

*Tarlatanas de cores, bordadas, para mosqueteiro e cortinas. Voile de pura lã, ricos padrões, a 900 réis o metro. Toalhas para banho. Chambres para banho. Camisas de malha de algodão, especialidade contra o calor, para homens e meninas. Guardas-sóis, cores claras, para Sras. F. Rasteiro e C.<sup>90</sup>.*

Podemos observar que 3000 roupas para banho dão a dimensão do movimento da nova área de comércio que se estabelecia no sul do Brasil para o usufruto da elite rio-grandina e rio-grandense. (Anexo 04)

A próxima temporada no balneário foi inaugurada no dia 21 de dezembro de 1890, com saída de trens, nos horários da manhã, do meio dia e da tarde. O mais concorrido foi o do meio dia, que transportou cerca de 200 excursionistas, inclusive muitas famílias ilustres. O jornal do dia nos relatou que, depois do passeio ao longo da costa, os passeantes chegaram ao hotel Casino, lotando o

---

<sup>90</sup> op. cit., 03/12/1890.

vasto salão, que *mal podia comportar a multidão de visitantes, sendo necessário colocar mesas nos passeios exteriores*<sup>91</sup>.

*O sucesso previsto para o balneário foi alcançado, ficando conhecido em território brasileiro e no estrangeiro, aumentando o turismo, que ganhava impulso na região. Aqueles que o visitavam afirmavam a proximidade com os balneários europeus, e a elite local tentou manter esta identificação por um longo período. É o que diz o relato de um apaixonado pela estação.*

Um moço de Porto Alegre descreveu as impressões da sua temporada a banhos, no ano passado, na Mangueira.

O Diário o achou um propagandista da estação balnear.

“Hoje já se encontra por ali muita vida, muita animação, muito ruído. Nos dias calmosos e serenos vê-se grande número de moças que estão acomodadas com as famílias em pequenas vivendas, correndo a cavalo na areia fina, que reluz polvilhada de sol.

Enchem a grande paisagem nua e solitária com a luz dos seus olhares brilhantes e com a frescura de rosa das suas cetinosas faces.

Com os vestidos de amazonas, as travessas gentis galopam destemidas soltando gritinhos

---

<sup>91</sup> op. cit., 23/12/1890.



agudos de expansiva vivacidade para assustarem as aves, que ruflando as asas fogem em debandada.

A chegada dos vagões que fazem viagem de manhã e de tarde e sempre repletos de povo é uma festa de regosijo, um contentamento comunicativo, troca-se beijos estalados e shke-kands afetuosos<sup>92</sup>.

*O relato escrito pelo “rapaz” referiu-se à primeira temporada na costa, o que nos permite reafirmar que os acontecimentos realizados no balneário, desde sua fundação, tiveram grande procura por parte de um público elitizado em busca de novidades e de um local para seu deleite. Apenas durante a guerra que afetou o Rio Grande do Sul, conhecida como Revolução Federalista (1893-1895), nota-se uma queda no movimento do balneário, fato este comprovado pelo “Relatório da Diretoria da Companhia Carris e Estrada de Ferro-Costa do Mar de 26/10/1893”, onde lemos que a queda na*

edificação de casas e chalets, de valor muitíssimo superior ao que os proprietários se achavam obrigados, precisando notar-se que, somente devido ao estado de guerra em que se acha o nosso Estado e ao custo elevado de toda a classe de materiais, não se efetuou venda maior número de quadras de terreno, nem se principiou a edificação de todas as quadras vendidas, como era desejo dos compradores e outros pretendemos<sup>93</sup>.

*Nos demais anos, o balneário mostrou o objetivo pelo qual foi construído, não deixando de receber seus freqüentadores com todo o “glamour” que eles procuravam.*

## **2.3 – Os preparativos para os banhos de mar na Villa Sequeira**

---

<sup>92</sup> op. cit., 15/01/1891.

<sup>93</sup> Relatório da Diretoria da Companhia Carris e Estrada de Ferro – Costa do Mar, apresentado em Assembléia Geral. Rio Grande: 26 de Outubro de 1893. p. 06.

O costume de “tomar ares” expandiu-se pelo continente europeu no século XIX e motivou a construção do balneário Villa Sequeira, como já foi descrito. Na cidade do Rio Grande, informações sobre as estações balneares chegaram através de periódicos e viajantes estrangeiros que vinham a Rio Grande a negócios ou a trabalho. A Companhia proprietária do balneário preocupou-se em informar os frequentadores em seu “Guia dos banhistas”<sup>94</sup> de como usufruir os banhos sem precauções desnecessárias. (Anexo 05)

O uso dos banhos, primeiramente voltou-se para a cura de pessoas adoentadas. Na época da construção do balneário Villa Sequeira eles ainda eram usufruídos, assim, o guia dos banhistas, nestes casos, seguia alguns rituais, que deveriam ser levados em conta, para obterem todos os benefícios terapêuticos que o mar oferecia.

Ramalho Ortigão em sua obra *Banhos de caldas e águas minerais*<sup>95</sup> revela a ação “calmante, tônica e sedativa” que o banho possui sobre o organismo dos indivíduos. Ele também foi citado no guia da Companhia concessionária por seu livro *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*<sup>96</sup>.

A moda dos banhos de mar estava tão em voga, que o jornal Diário do Rio Grande, elegeu o tema para algumas reportagens no ano de 1890. A notícia intitulada de “A vida nas praias” tratava da variedade de aplicações da água do mar e a que hora do dia deveriam banhar-se.

---

<sup>94</sup> Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.

<sup>95</sup> ORTIGÃO, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875.

<sup>96</sup> ORTIGÃO, Ramalho. As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante. Lisboa/Portugal: editora livraria clássica, ?. In: Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.

A matéria jornalística dizia que a água do mar podia ser aplicada em “fomentações, loções, afusões, banhos parciais e em pensos feitos de diversos modos: compressas molhadas, injeções, colírios, aspirações”. Antes dos banhos sugeriam um bom sono, “refeições abundantes e completas”, a espera de umas três horas, e quando o sol esquentar o ambiente, os banhistas deveriam tomar seus banhos, nunca excedendo um quarto de hora.

Algumas precauções foram tomadas para que não ocorressem acidentes/afogamentos como nos mostra o “Guia dos banhistas”.

(...) não afoitar-se, a pessoa que não sabe nadar a ir além do ponto em que o mar cubra a cabeça; e as senhoras débeis ou que dificilmente se sustentem de pé, não avancarem até a forte arrebentação sem o auxílio de um guia banhista.

*Os próprios nadadores devem ter muito em vista que com a maré de “ressaca” pode tornar-se-lhes difícil a volta para a terra e que alguma câimbra pode inutilizar-lhe o uso de uma perna e expô-lo à asfixia<sup>97</sup>.*

A Companhia concessionária providenciou um serviço de “guias-banhistas”, possibilitando o salvamento dos banhistas. Tratou a empresa de obter conselhos de “respeitáveis oficiais da armada” para garantir aos banhistas um banho de mar tranquilo. Mesmo assim, a temporada de 1890 fez sua primeira vítima, um jornalista da época chamado Rocha Gallo que foi tomar seu banho e

---

<sup>97</sup> GUIA, op. cit., 06.

afofou-se, não conseguindo ser salvo. *Rocha Gallo fora devorado pelo oceano na ocasião em que, conjuntamente com outras pessoas, tomava o banho habitual*<sup>98</sup>.

Os médicos receitavam os banhos de mar a seus pacientes na cura de muitos males do corpo e da mente.

A constituição linfática, a infância, o sexo feminino, todos os estados patológicos que se ligam ao enfraquecimento geral do organismo, à insuficiência do sangue, à repressão do sistema nervoso, constituem o domínio especial do banho de mar.

*Os escrupulosos e os nevrálgicos, ordinariamente mandados para os banhos de mar como para um curativo supremo, encontram nele um coadjuvante precioso (...)*<sup>99</sup>.

Os banhos de mar eram, por sua vez, contra indicados para pessoas com problemas cardíacos, reumatismos e a gota. Os banhistas para entrarem no mar também deveriam seguir uma dieta recomendada pelos especialistas no assunto, na época. O regime adotado era seguido “a risca” para obterem o melhor proveito do mar frio.

*A extensão do apetite produzida pelos primeiros banhos e pelo ar puro, fresco e penetrante do mar, junta a uma certa sonolência e fadiga que acompanha o princípio do tratamento, produzem quase invariavelmente algum incômodo intestinal, que pode comprometer ou retardar a cura se não intervier a dieta. Da alimentação do banhista devem excluir-se os pratos irritantes, as substâncias difíceis de digerir, o abuso da mostarda, da pimenta, do café, das bebidas alcoólicas*<sup>100</sup>.

---

<sup>98</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 25/03/1890.

<sup>99</sup> GUIA, op. cit., p. 08.

<sup>100</sup> GUIA, op. cit., p. 09.

O banhista adotou novos hábitos alimentares, já que no almoço era indicado “bife de vitela ou costeleta de carneiro grelhada e ovos quentes”, acompanhado de uma xícara de chá preto ou leite fresco. No jantar, a carne de boi não era aconselhada, elegendo-se as carnes brancas, como frango, peru e peixe fresco com manteiga derretida em vinho da “Madeira”. A bebida deveria ser um “vinho leve” e de sobremesa sorvete, laranja, pêra ou um cacho de uvas<sup>101</sup>.

Alain Corbin em sua obra<sup>102</sup>, aconselha que o banhista deve banhar-se uma vez por dia, ingerir meio litro de água do mar pela manhã e um copo ao sair do banho. O “Guia” também aconselha a ingestão da água do mar, sendo a mistura preparada em partes iguais, de água salgada e de água doce.

Os especialistas recomendavam que o corpo deveria estar quente ao entrar na água, por isso indicavam uma caminhada sob o sol da praia antes do banho. Este procedimento foi tomado para que o corpo transpirasse, a exemplo de gregos e romanos que costumavam banhar-se cobertos de suor e poeira.

Quando chegar à barraca para trocar de roupa, o banhista deve ser rápido, colocar seu calção de malha de lã, se envolver numa capa e correr para a água. Já as mulheres devem adotar certos cuidados, tais como:

*As senhoras devem usar a touca de gutta-percha para não molharem o cabelo e quando não tenham a touca não lhes convém mergulhar a cabeça. Basta-lhes refrescar repetidamente a fronte e o alto do crânio com a mão molhada durante o tempo que estiverem na água. Os longos cabelos molhados com água salgada produzem mais males dos daqueles que o banho é destinado a combater.*

---

<sup>101</sup> GUIA, op. cit., p. 09-10.

<sup>102</sup> CORBIN, Alain. O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 79.

*Molhados os cabelos por qualquer incidente, convirá às senhoras lavá-los em seguida em água doce com um bom sabonete até restabelecer o asseio indispensável à higiene da pele<sup>103</sup>.*

Durante o banho, o corpo deve permanecer em movimento, e a natação tornou-se o esporte praticado. O banhista deve controlar a duração do seu banho, os mais “fortes” podem banhar-se por vinte a trinta minutos, aqueles mais “fracos”, aconselha-se dez minutos. Se o banhista demorar-se, alguns sintomas podem aparecer na pele, como manchas roxas pelo corpo e o *rosto cobre-se duma palidez lívida, o corpo arrefece, as veias desvanecem-se, os pés e as mãos tornam-se dormentes: sente-se o peso da cabeça e mal estar (...). os socorros para este estado são as fricções imediatas e o banho aos pés em água quente<sup>104</sup>.*

No horário impróprio para usufruir os banhos de mar, algumas formas de lazer e entretenimento foram criadas para a distração dos frequentadores, tais como: *as corridas de cavalos, os passeios em carruagens e trollys, jogo de bolas de borracha, cricket, trapézios, balanços, velocípedes, volante, (lawn tênis), etc., etc,<sup>105</sup>*, aproveitando estes jogos nos duzentos metros na varanda dos camarotes estabelecidos na praia.

O “Guia” finalizava suas observações sobre os banhos, aconselhando suspender o uso dos banhos de mar se alguma “perturbação” aparecer nas funções do organismo, e somente depois de um tempo os banhistas poderiam voltar a entrar no mar.

---

<sup>103</sup> GUIA, op. cit., p. 12.

<sup>104</sup> GUIA, op. cit., p. 13-14.

# Capítulo 03

---

*Lazer e Prazer – Os banhos de mar e a  
sociabilidade na Villa Sequeira*

---

*Villa Sequeira*  
*É um passeio magnífico que nenhuma pessoa*  
*de bom gosto deixará de tomar parte.*  
*É até questão de saúde.*  
*Nunca é demais fazer de seis em seis*  
*previsão de ar puro e sadio<sup>105</sup>.*

### 3.1 - A sociabilidade no Balneário “Villa Sequeira”

(...)

*Apesar da noite tormentosa, esteve simplesmente esplêndido o baile realizado na noite de sábado no Casino da Estação Balnear. A concorrência foi extraordinária, reinando entre a brilhante reunião a mais encantadora familiaridade.*

*A bizarra Comissão promotora do baile foi com todos os convidados de uma gentileza fidalga, e levou a sua amabilidade a ponto de oferecer-lhes uma mesa abundantemente servida.*

*Não ouvimos ainda uma pessoa das que assistiram ao baile que não diga que foi aquele o melhor de quantos se tem dado no Cassino<sup>106</sup>.*

A estação balneária no final do século XIX e início do XX foi um espaço elitizado. Seus freqüentadores transitavam pela avenida, praia ou hotel, desfilando suas vestimentas, seu andar, sua maneira de portar-se. Estavam à vontade, neste local, construído para abrigar uma elite disposta a não compartilhar seus momentos de lazer com pessoas que não eram de suas relações.

---

<sup>105</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 21/02/1892. Esta notícia referia-se as pessoas que não podiam se deslocar para o balneário nos dias de semana, apenas nos domingos. A notícia incentiva estas pessoas a irem repor suas energias na Villa Sequeira, nem que fosse uma vez por semana.

<sup>106</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 29/03/1892.



Foi à forma própria de representação da elite rio-grandina, afirmando a posição de seu *status* entre os demais grupos pertencentes à sociedade da época, mostrando seu modo de vida e encenando seu “espetáculo” quase teatral, onde os “atores” satisfaziam suas emoções em meio a seus pares.

No balneário Villa Sequeira, a sociabilidade era uma prática, e a praia, a avenida e seu entorno, possuíam um caráter especial, onde as pessoas

*ai vão para ver e ser vistas e para comunicar suas visões uns aos outros, não por qualquer motivo oculto, ganância ou competição, mas um fim em si mesmo. Sua comunicação e a mensagem da rua como um todo são uma estranha mistura de fantasia e realidade. (...) a rua age como um cenário para as fantasias das pessoas, fantasias daquilo que elas querem ser*<sup>107</sup>.

Os freqüentadores do balneário, primeiramente o procuravam com fins terapêuticos, mas logo essa questão não foi o único motivo para a ida à estação, devido à variedade de opções de lazer. A praia estende os gestos, “alivia as roupas”, torna as brincadeiras mais espontâneas. O novo discurso instigou às paixões, emancipou os corpos e romantizou o momento.

O lazer encontrava assim novas formas de satisfação. A interação social se mostrava presente no balneário, obrigando ao uso de códigos de boas maneiras, com atitudes, gestos e posturas próprios do mundo “moderno”. Usufruir o bem estar de ter o corpo em liberdade, de se mostrar às outras pessoas, anunciava mudanças nos usos e costumes de uma sociedade calcada em princípios tradicionais e conservadores.

---

<sup>107</sup> BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 188.

O cotidiano no balneário fez brotar os sentimentos, as paixões, às idéias dos indivíduos. A capacidade de se relacionar, vinha à tona neste ambiente ao ar livre, e sob vários aspectos, seus freqüentadores encontraram na prática dos banhos de mar uma atividade social capaz de proporcionar uma rede de sociabilidade no entorno da praia, da avenida, e dos estabelecimentos ali implantados para receber visitantes/veranistas, que até então não era vista.

Os balneários passaram de locais de tratamento terapêutico, para ambientes que ofereciam uma infinidade de distrações aos banhistas na segunda metade do século XIX. Em algumas estações balneares do mundo este novo modelo vinha sendo adotado. O local antes indicado pelos médicos para a cura de moléstias, tornou-se local de lazer.

Ao longo do tempo, com a fama dos banhos, a idéia foi oferecer aos freqüentadores uma infra-estrutura de hotéis que primavam pelo luxo.

*(...) as pessoas que geralmente freqüentam durante o período das águas os Cassinos da Bélgica e da Alemanha não são propriamente os doentes. São as pessoas ricas e ociosas que procuram Baden ou Spa, como outras escolhem Mônaco ou o Cairo, como simples lugares de prazer e de jogo, como prazos anuais dados à moda, ao chic, ao amor fácil, à toilette ligeira. Nessa população ruidosa e garrida figuram principalmente os jogadores de profissão, as cocotes e os crevés, que não vão diretamente às águas, mas sim a roleta. O que para eles se trata de fazer saltar não são os reumatismos, são as bancas<sup>108</sup>.*

Esta nova forma de sociabilidade à beira mar, estava em voga nos países europeus e em outros países do mundo ocidental na segunda metade do século

---

<sup>108</sup> ORTIGÃO, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875. p. 17.

XIX. O balneário Villa Sequeira reproduziu esta nova moda, contando com uma estrutura adequada para receber os banhistas, que desde sua fundação preocupou-se com o bem estar de seus freqüentadores.

Por isso, o lazer e a sociabilidade reinaram na estação de banhos da Mangueira. Os bailes, matinês, concertos, os jogos, as gincanas, os passeios de charrete na avenida, o percurso do trem, o espaço da praia e do hotel interagiram-se entre si, proporcionando o entretenimento dos seus visitantes.

O balneário da Villa Sequeira fez com que a vida social da elite riograndina e de outras partes vivesse momentos de glamour e luxo, com “toques” franceses em suas vestimentas, indumentários de beleza, gestos, atitudes, gírias, ornamentos do hotel e de seus *chalets*.

Este novo espaço de lazer e ócio no Rio Grande do Sul foi muito procurado pela fama conquistada, de balneário *à moda da Europa*, onde os *homens envergam a casaca, abotoando gravata de seda* no cotidiano do balneário. Outro exemplo da influência européia era o hasteamento de bandeiras na frente dos chalés de diversos países, como: Espanha, Itália, Alemanha, Portugal, Inglaterra<sup>109</sup>.

Dessa forma, podemos afirmar que o balneário adotou hábitos e comportamentos estrangeiros para satisfazer os desejos de uma sociedade que queria manter-se “moderna”, com as novidades do momento. E na época, quem não seguisse a moda acabava ficando fora de seu círculo social, conforme nos informaram as fontes consultadas.

---

<sup>109</sup> BARCELLOS, João. Levantamento histórico sobre o balneário Cassino. Extraído da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental no dia 16/04/2002. Volume 04, outubro/novembro/dezembro de 2000. (<http://forrester.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol4c/joao.htm>).

### 3.2 – O espaço aberto: apresentamos a praia e a avenida

*É este o primeiro ano da estação balnear em Rio Grande e apesar de tudo estar ainda em princípio, nota-se já uma animação extraordinária, sendo já bastante agradável o movimento que se nota todos os dias na Costa, na ocasião do banho*<sup>110</sup>.

A invenção desse espaço de lazer, a praia, proporcionou uma nova alternativa de entretenimento, descanso e bem estar. No início, a praia foi freqüentada com o objetivo de curar moléstias, fato este receitado pelos médicos e especialistas da época. Encaminhavam seus enfermos às estações balneares como parte do tratamento terapêutico a que estes se submetiam, recomendando “mudança de ares, exercício ameno, banhos, entretenimento”<sup>111</sup>.

*A água salgada é a grande panacéia da moda, todos querem experimentá-la por luxo ou por gosto, por necessidade ou por pandega. A um cura, a outro alivia, mas não consta que tenha feito a ninguém*<sup>112</sup>.

Alguns comentários sobre a nova moda dos banhos de mar circulavam nos jornais de Rio Grande, confirmando que este novo lazer relacionava-se ao mesmo tempo como uma ostentação para a elite usufruir ou para a cura de doenças. Aos poucos, os banhos deixaram de ter apenas este fim, a praia emancipou-se, transformando-se em mais um atrativo da alta sociedade que passou a freqüentá-la.

---

<sup>110</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 23/02/1890.

<sup>111</sup> ORTIGÃO, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875. p. 06.

<sup>112</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 15/01/1891.



Foto 24 - Momentos de lazer na praia. Passeios à beira mar e conversas animadas.

Os balneários, num primeiro momento, foram planejados e construídos em locais escolhidos para receber a elite, ocorrendo o mesmo na Villa Sequeira, próxima à cidade de Rio Grande, em expansão na época.

Após tomarem seus banhos, os banhistas prolongavam este prazer nas varandas dos camarotes para troca de roupas, constituídos de porta, piso xadrez, banco, cabides e espelho, onde a conversa e os jogos eram as principais distrações<sup>113</sup>. Os banhistas que retornavam à cidade para “sua repartição ou escritório”, podiam optar por almoçar no restaurante do hotel Casino ou pegar o trem e voltar ao município.

---

<sup>113</sup> Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890. p. 16.



Foto 25 – Vista da praia. Pessoas em passeio à frente dos camarotes.

A Companhia Carris Urbanos promoveu excursões com saídas de Rio Grande, Pelotas, Bagé, Jaguarão, entre outras, para a Villa Sequeira. Havia uma parada na linha, onde os excursionistas destas cidades podiam trocar de trem e seguirem para a praia. Outro serviço proporcionado pela Companhia no balneário era o de bondes de tração animal no trajeto de 800 metros entre o hotel Casino e a praia, *desde às 3:30 ou 4 horas da manhã até às 10 horas da noite, aos preços de 50 réis por adulto e 25 réis por criança*<sup>114</sup>.

Podemos observar o horário que começavam a freqüentar a praia, entre 3 e 30min e 4 horas da manhã. Nos passeios ao longo da praia, “andar e conversar

---

<sup>114</sup> GUIA, op. cit., 22.

constituíam atividades apreciáveis”<sup>115</sup>, onde corria a fresca e suave brisa marinha como descrita pelos banhistas. Eles encontravam alívio nos exercícios realizados durante os banhos, a natação em especial, e o descanso na beira da praia.

No primeiro ano de funcionamento do balneário calcularam-se umas 130 pessoas que desfrutavam dos banhos de mar<sup>116</sup>. O informativo “Guia dos banhistas” fez um comentário sobre a praia da Villa Sequeira.

#### *A Praia*

*Impressiona de maneira especialíssima a primeira visita ao espetáculo que a vista domina.*

*Ao nordeste, avista-se a duas léguas de distância os estabelecimentos principais da praticagem da barra: o farol e a atalaia; ao sudoeste descortina-se a praia lisa, resistente aos passos bem como às rodas dos veículos, que nenhuma depressão causam na areia, que mais parece coberta de sólida camada de cimento; e em frente, ao sueste, vê-se o grande, o imenso oceano, em que a atenção se fixa por longo tempo, admirando as suas belezas, relembrando as suas virtudes, e também os segredos que encerra de riqueza animal, e de valores e vidas que sepultou.*

*Um extenso baixio que se mede por milhas oferece belo quadro da arrebentação das ondas, lançando-se umas sobre as outras, como si se despenhassem dos rochedos de uma cascata; e o fundo arenoso em plano inclinado, permite a escolha da profundidade que o banhista deseja, se procura o maior fundo para a natação, o ponto médio da arrebentação para o banho de choque ou somente o baixio para a imersão do corpo.*

*Assim é que as crianças da menor idade podem, sem cometer imprudência, banharem-se a sós e gozar do prazer do banho prolongado que lhes é tão útil<sup>117</sup>.*

---

<sup>115</sup> BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. In: Revista Estudos Históricos. nº 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001. p. 28.

<sup>116</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 09/02/1892.

<sup>117</sup> GUIA, op. cit., p. 05-06.

Neste local aberto, podiam cavalgar, conduzir charretes, participar de corridas de cavalo, anunciando uma nova relação homem-praia. A repulsa e o medo do mar eram passado, buscavam nele o conforto para seus males, praticando atividades ao ar livre como as corridas de cavalo a beira mar, realizadas aos domingos, dia de maior movimento na estação de banhos. *Inscrição para corridas na Praia do Casino – Domingo – 12 de março de 1893, à 1 hora da tarde. Prêmios para o 1º lugar: 80\$000 e 2º lugar: 35\$000*<sup>118</sup>. As bandas de música tocavam na praia nos dias em que as corridas eram realizadas, para “abrilhantar” o local e proporcionar distração aos espectadores.

Victor Andrade de Melo comentou que no Rio de Janeiro as “corridas de cavalo na praia tornaram-se uma grande diversão, um evento da moda, um acontecimento imperdível, no qual os cavalheiros e as damas das elites iam desfilarem seus trajes e sua pompa”<sup>119</sup>. Na Villa Sequeira ocorreu o mesmo, a elite participava desses eventos com seus trajes importados, criando assim elementos de distinção social entre seus frequentadores.

Um artigo veiculado no jornal Diário do Rio Grande do ano de 1896 referiu-se ao “enorme luxo que se nota na praia de banhos”, que homens e mulheres não deixavam de exibir seus melhores trajes, os primeiros dispensando apenas o “colarinho e o colete” e as “senhoras trajam com apuro, numa ostentação de opulência”<sup>120</sup>.

---

<sup>118</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 09/03/1893.

<sup>119</sup> MELO, Victor Andrade de. Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. p. 63.

<sup>120</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 07/02/1896.





Foto 26 - Vista da praia. Observamos a interação das pessoas nos passeios a cavalo.

Outras corridas também fizeram parte da sociabilidade no espaço da praia, as corridas de bicicletas movimentavam o balneário, atraindo ciclistas dispostos a pedalar nas areias com o vento típico da praia da Villa Sequeira. (Anexo 06)

Construíram *water-closets*, uma espécie de “quarto de banho”, encontrados próximo às barracas e camarotes para os banhistas. Algumas barracas possuíam rodas na parte inferior, elas eram alugadas e podiam acompanhar os banhistas para o local escolhido para seus banhos. Valdeci Rezende Borges referindo-se à nova moda dos banhos de mar, afirma que as barracas foram construídas para trazer alguma privacidade aos banhistas, pois a indiscrição dos olhares públicos atraía indivíduos para ver o espetáculo atraente<sup>121</sup>.

---

<sup>121</sup> BORGES, op. cit., p. 28.



*Praia de banho aspectos das barracas.*

Foto 27 – Veranistas a caminho das barracas.

A praia no balneário Villa Sequeira foi um espaço planejado pela Companhia para atender os banhistas, com seus camarotes e barracas, que lembravam as estações balneares européias. Exemplo do que falo é uma das dicas do Guia dos banhistas.

*O mais salutar depois do banho é um exercício moderado, um passeio a pé, de meia hora, na praia debaixo de sol, com o cabelo solto como usam às senhoras nas praias da Alemanha<sup>122</sup>.*

Os banhistas da Villa Sequeira não deveriam se ausentar do passeio ao longo da praia, afinal se nos balneários da Europa, onde levavam uma “vida moderna” o realizavam, eles reproduziam o mesmo na praia gaúcha. Outro

---

<sup>122</sup> GUIA, op. cit., p. 14.

exemplo seguido foram as roupas adequadas para o desfrute dos banhos. A publicidade abordada no segundo capítulo nos mostra a chegada da moda européia, no qual lemos em alguns anúncios

*AOS BANHISTAS*

*Roupas e Sapatos para banho para homens e mulheres. Os feitios das roupas de banho para senhoras são elegantísimos a última novidade em Paris, de onde foram importadas. Os sapatos de banho, artigo chic, recebeu o “Palais Royal”<sup>123</sup>.*

Notamos que a loja “Palais Royal” publicou material publicitário durante as décadas de 1890 e 1900. Em 1893, sabemos que o proprietário do “Palais” viajou a Europa para trazer as “últimas novidades de lá”. Sem contar outros estabelecimentos comerciais que investiram nos artigos para banho.

O percurso entre o centro do balneário, onde se encontravam o hotel *Casino*, o *Quadro*, alguns *chalets*, era feito pelos bondes ao longo da Avenida principal da Villa. Ela constituiu-se na principal referência de encontro entre as pessoas. O balneário começou a ser estruturado após a abertura desta avenida principal e o desenvolvimento urbano foi se dando paralelamente a ela. (Anexo 07)

A avenida foi inspirada nas características dos *boulevards* franceses, ela é larga, com espaço destinado para o passeio público, e foi toda arborizada ao longo de sua extensão com eucaliptos. Assim, a paisagem da avenida passou a ser delineada.

A avenida, portanto, consolidou-se como uma das principais referências do balneário e, por isso, ali se desenvolveram diferentes atividades de cunho

---

<sup>123</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 08/02/1890.

comercial e social, por onde obrigatoriamente todos os hóspedes do hotel, excursionistas, visitantes e moradores dos *chalets* e *quadro* deveriam cruzar. As pessoas que se deslocavam da cidade para o balneário através do trem desembarcavam na avenida, alguns ficando por ali, descansando à sombra das árvores, outros rumavam para o desfrute à beira-mar.

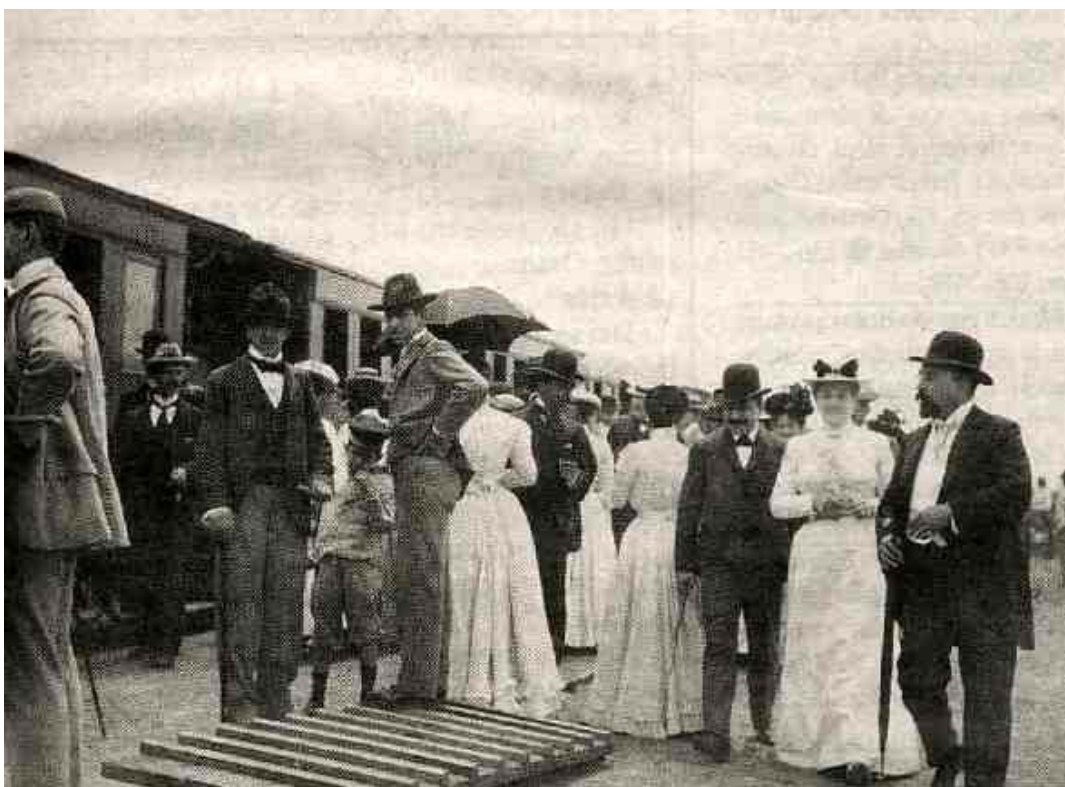


Foto 28 - O passeio de trem tornou-se um local de encontro de pessoas próximas.

O embarque e o desembarque de passageiros na avenida da Villa Sequeira era um momento de interação entre os visitantes, onde encontravam as pessoas de suas relações, e na conversação social<sup>124</sup> trocavam palavras pelo simples gesto de conversar.

---

<sup>124</sup> MORAES FILHO, Evaristo de (org.) Georg Simmel. São Paulo: Ática, 1983. p. 176.



Foto 29 - Embarque ou desembarque de visitantes no balneário Villa Sequeira.

A avenida presenciou também os bailes de carnaval organizados na Villa Sequeira, onde os *festejos carnavalescos terminarão no vasto salão do Casino*. Outros bailes de carnaval começavam no hotel Casino, e alguns convidados saíam pela avenida como o “grupo carnavalesco dos Machados”, que percorria os *chalets* contagiando os moradores e espalhando *confettis e serpentinas* por onde passavam<sup>125</sup>.

Os passeios nas charretes eram os favoritos das mulheres, já os homens preferiam a montaria, que os conduzia pela sombra da avenida ao lado dos trilhos do trem, para muitos lugares do balneário, inclusive para a beira mar. Afirmavam que os passeios eram requisitos indispensáveis da vida campestre<sup>126</sup>.

---

<sup>125</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 18/01/1898.

<sup>126</sup> GUIA, op. cit., p. 21.

As ruas paralelas à avenida possuíam nomes de países europeus, como Roma, Berlim, Londres, Lisboa, e a avenida de frente para o mar era chamada de “Avenida Paris”. Também foram denominados as ruas com nomes de cidades do Rio Grande do Sul, tais como Porto Alegre, Bagé, Uruguaiana, São José do Norte, entre outras.

Na entrada do balneário Villa Sequeira, encontrava-se o primeiro prédio da avenida, o da administração do local, onde alguns funcionários da Companhia concessionária eram encarregados da venda das passagens do trem ou dos bondes, e do desembarque dos visitantes, que podiam ser feitos ali, ou na frente do hotel Casino. Neste local funcionava um pequeno estabelecimento de “comidas quentes e frias” e “refrescos” para atender os visitantes que ali desembarcassem.



Foto 30 - Prédio da administração na entrada do balneário Villa Sequeira.

A maioria dos *chalets* foram construídos voltados para a avenida principal, onde seus proprietários recebiam suas visitas à moda inglesa. Para as mulheres

eram servidos refrescos, chás, biscoitos e doces. Já os homens preferiam os licores e os charutos, este último muito apreciado pela sociedade rio-grandina que na época contava com a fábrica de charutos de Gustavo Pöock. No Diário do Rio Grande saiu a seguinte matéria: *Muitas senhoras e cavalheiros foram da cidade passar o dia com as famílias de suas relações que já possuem moradia na costa e que se acham ali a banhos*<sup>127</sup>.

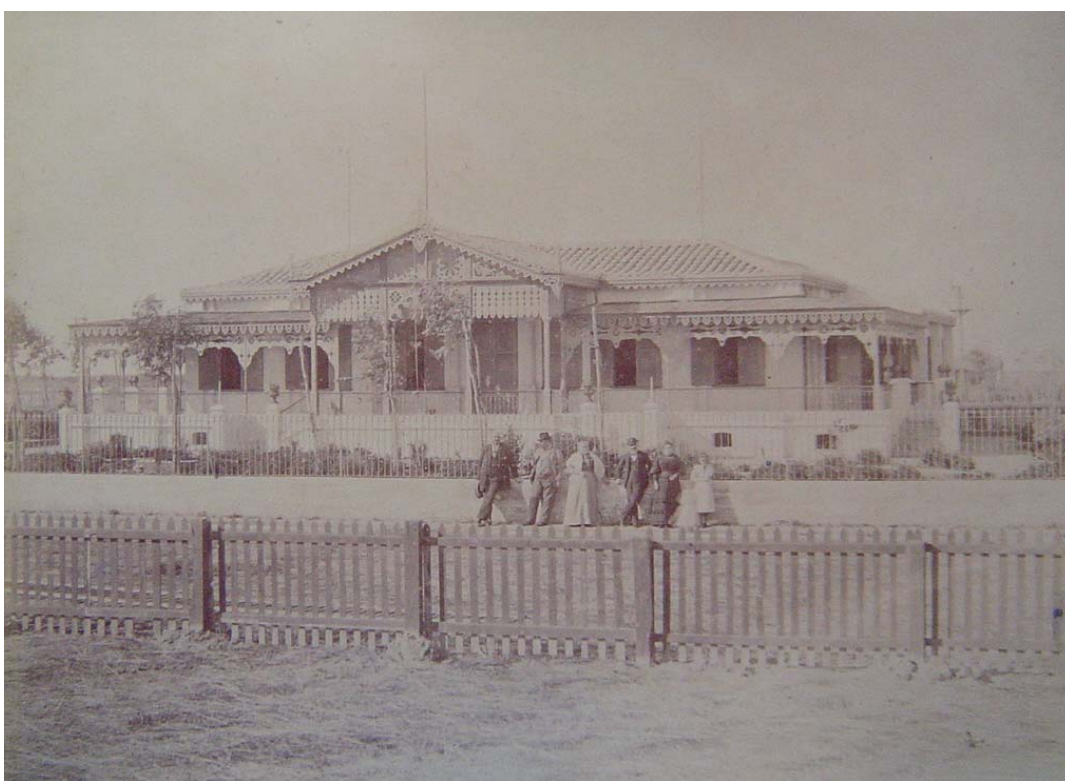


Foto 31 - Pessoas posam para a fotografia em frente ao *chalet* do Cônsul da Alemanha Charles Nieckele.

Outras atividades realizadas nos espaços abertos eram os movimentados *pic-nics*. Estes eventos, geralmente oferecidos por moradores, podiam ocorrer nas localidades próximas ao balneário,

---

<sup>127</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 03/03/1892.

como o Bolaxa, distante cerca de 3 quilômetros, ou na área campestre da Villa Sequeira. Uma descrição de um piquenique realizado no Bolaxa foi destaque do jornal Diário do Rio Grande.

*Pic-Nic*

*Foi simplesmente esplêndido o "pic nic" que ante-ontem realizou-se, oferecido pelos banhistas do Bolaxa aos da Villa Sequeira.*

*Foi uma festa campestre como não há exemplo de outra igual, não só na reunião que era seletíssima como na abundância do serviço e boa ordem e cordialidade que sempre reinaram<sup>128</sup>. (Anexo 08)*

As atividades sociais e culturais realizadas na praia e na avenida foram uma continuação dos acontecimentos oferecidos nos espaços fechados, tais como no hotel, no restaurante a beira mar, nos *chalets*. Estavam ligados entre si, pois se determinado evento começava no hotel podia terminar na avenida ou na praia. Neste interstício, a circulação de pessoas e a profusão dos acontecimentos foram imensas e, mesmo que efêmera, reuniu seus freqüentadores e promoveu a interação social.

---

<sup>128</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 05/04/1892.



### 3.3. – O espaço fechado: o Hotel Casino e o Restaurante “Chalet Buffet”



Foto 32 - Vista do hotel Casino de frente para a avenida principal da Villa Sequeira.

O único hotel do balneário Villa Sequeira na época ficou conhecido como *Casino*<sup>129</sup> devido sua alusão aos jogos e à diversão. Após algumas décadas o próprio balneário ficou sendo conhecido como balneário do Cassino, agora já com dois “s”, não sendo mais lembrado como “Villa Sequeira”, nome dado em homenagem a um dos seus fundadores, Antônio Cândido Sequeira.

No primeiro ano de funcionamento da estação balnear, as pessoas se reuniam no salão restaurante do hotel no horário do almoço e do jantar. Aos

---

<sup>129</sup> A palavra Casino, de origem italiana, significa: casa de diversões, com salões para jogos de azar e salões de festas com espaço para danças, representações teatrais, etc. Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Versão 3.0/novembro/1999. Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática.

domingos o movimento era maior devido aos excursionistas vindos das cidades de Pelotas e Bagé. Desta cidade vinham *cavalheiros da primeira sociedade bageense, acompanhados de suas Exmas. Famílias*<sup>130</sup>. Os trens de excursão vindos dessas cidades traziam uma média de 100 a 150 passageiros como consta a informação no jornal Diário do Rio Grande<sup>131</sup>. (Anexo 09)

Na segunda temporada balnear o salão do hotel Casino *mal podia comportar a multidão de visitantes, sendo necessário colocar mesas na parte do interior do hotel*<sup>132</sup>. O Casino promoveu atividades de cunho social e cultural no balneário, possibilitando a seus freqüentadores uma infinidade de opções de lazer e entretenimento.

Os bailes oferecidos no hotel eram “concorridos e animados”. As presenças de bandas de música e orquestras promoviam a interação entre os convidados, que algumas vezes participavam dos concertos musicais, como o

*concerto de violino do Sr. Tadeu Schultz, que foi auxiliado pelas inteligentíssimas amadoras Exmas. Filhas do Sr. José Procópio Pereira e Dr. Oscar Rheingantz, os quais, bem como o distinto violinista Sr. Schultz, foram estrepitosamente aplaudidos pela seleta e numerosa sociedade que enchia o salão*<sup>133</sup>.

Neste baile o entusiasmo do público foi grande, pois muitas “famílias e cavalheiros que haviam ido da cidade voltaram no último trem”, que na época circulava até as 9 horas da noite.

---

<sup>130</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 18/11/1890.

<sup>131</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 09/02/1892.

<sup>132</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 23/12/1890.

<sup>133</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 02/02/1892.

Para a realização dos eventos eram escolhidas comissões de membros da sociedade rio-grandina e de cidades próximas encarregados de os promoverem. Para os bailes à fantasia, realizados no período do carnaval, os convites eram adquiridos em algum estabelecimento comercial ou industrial patrocinador. Os nomes de Fernando Luiz Osório (Pelotas), Arthur Pinto da Rocha, o Cônsul da Alemanha Charles Nieckele, George W. Lawson e Carlos Guilherme Rheingantz figuravam entre organizadores de alguns eventos. Em alguns bailes à fantasia as pessoas não precisavam se deslocar no trem fantasiadas, a administração do hotel disponibilizava o serviço de aluguel ou compra de fantasias.

Os bailes de carnaval no hotel movimentavam o balneário, eram disponibilizados novos horários dos trens e mais carros seguiam para a Villa Sequeira. O jornal Diário do rio Grande não deixava de tecer comentários sobre os “magníficos” bailes, como lemos a seguir

*O carnaval não passou despercebido no Casino, (...). O confetti, as serpentinas, as borboletas, as flores tiveram ali grande extração, (...). Efetivamente a alegria, durante esses dias de folia chic, (...). No grande salão das diversões, dançou-se animadamente ao som de excelente orquestra (...)*<sup>134</sup>. (Anexo 10 e 11)

---

<sup>134</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 21/02/1896.



Foto 33 - Salão de baile do hotel Casino. Notamos a presença de ornamentos e enfeites. Ao fundo o palco de representações teatrais.

O Guia dos banhistas revela que nos salões de visitas e concertos, e jogos do hotel Casino, o público encontrava “comodidade, decência e ordem”. Continuava que *serão estes salões o rendez-vous dos moços empregados no comércio, que indo na viagem da noite para pernoitarem na ‘Villa Sequeira’, darão brilho às danças e folguedos em companhia das famílias ali residentes*<sup>135</sup>.

No salão de visitas e concertos encontrava-se um piano e demais instrumentos para “concertos instrumentais e vocais”. Possuía um pequeno palco para as representações teatrais mobiliado no “tipo bailante”, com espaço para as danças. Os concertos e apresentações contavam com a presença de artistas

---

<sup>135</sup> GUIA, op. cit., p. 20.

nacionais como a *Companhia de zarzuela de D. Claudina Montenegro*<sup>136</sup> e do estrangeiro como o *grupo de artistas espanhóis e do Sr. Maestro Victor de los Rios*<sup>137</sup>. (Anexo 12)

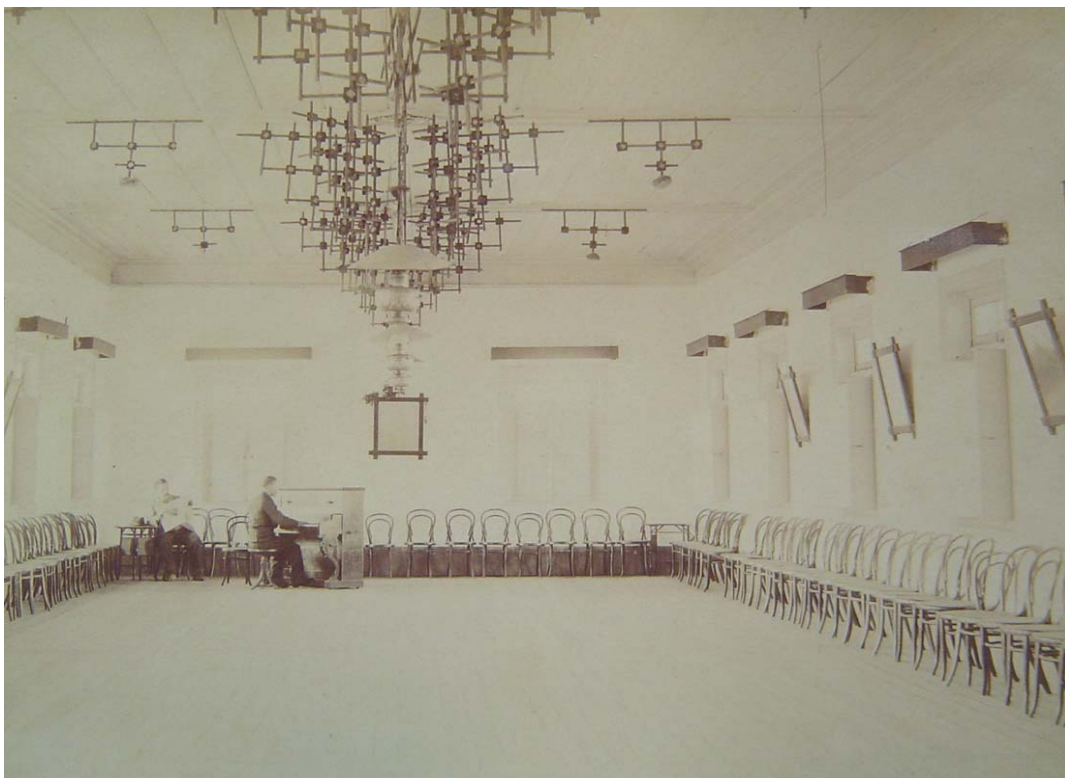


Foto 34 - Interior do salão de baile do hotel. Ao fundo homem toca piano, enquanto outro a seu lado recorria à leitura.

O salão de jogos oferecia “bilhares, jogo de bagatela, damas, dominó, xadrez e mesas para cartas”, uma sala de leituras que servia também para sala dos fumantes, e “qualquer outro passatempo próprio para homens”<sup>138</sup>. Esperavam da Europa sempre novidades na área das diversões.

O restaurante do hotel em seus almoços e jantares oferecia cardápio variado acompanhados de vinho. Pratos típicos da culinária rio-grandina como

<sup>136</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 08/01/1898.

<sup>137</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 14/01/1898.

<sup>138</sup> GUIA, op. cit., 20.

peixes, camarões, legumes e frutas da estação faziam parte do “menu”. Os hóspedes optavam por realizarem as refeições no salão-restaurante ou no jardim interno do hotel denominado de “primavera”, as mesas eram ladeadas por diversos tipos de flores e algumas árvores que proporcionavam sombra. O restaurante também servia café-da-manhã e serviço de chá *a moda inglesa* na parte da tarde.



Foto 35 - Salão de jogos do hotel Casino. Homens e mulheres divertem-se com as conversas e os jogos.

O hotel contava ainda com linha telefônica, e seus administradores afirmavam que havia toda *facilidade para os visitantes e moradores comunicarem-se com Rio Grande, Pelotas e até as Praças de todo o mundo*<sup>139</sup>.

---

<sup>139</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 07/01/1903.

As temporadas de verão na Villa Sequeira eram realizadas entre os meses de novembro a maio, não impedindo que os proprietários das moradias se deslocassem para lá. Os trens circulavam apenas nos fins-de-semana para passeios na beira da praia e pela avenida. O hotel Casino e o restaurante da praia conhecido como *Chalet-buffet*, ficavam fechados. A administração do balneário mantinha a limpeza do hotel, bem como a conservação de seus imóveis, o policiamento, o serviço de água potável e de luz e o controle das “areias” que tomavam conta da avenida e das ruas da Villa Sequeira devido ao forte vento “daquelas plagas”.

O restaurante *chalet-buffet* impressiona pela “imponência” de sua construção, talvez uma das mais belas erguidas no balneário. Antes de ser concluído, um artigo do Diário do Rio Grande de 1890 referiu-se ao restaurante que *estava sendo erguido um pouco aquém das barracas e dos camarotes, como um edifício elegante e muito agradável nos dias de grande calor*<sup>140</sup>.

Sua construção data do ano de 1892, e seu “desaparecimento” ocorreu na década de 1940. Foi o estabelecimento mais próximo da praia no período, e de sua varanda diziam que “a vista era magnífica”. A Companhia proprietária do balneário arrendava o estabelecimento a cada estação de veraneio.

O Sr. René Pascal, do Hotel Paris instalado no município de Rio Grande, foi um dos administradores do restaurante. Em sua administração, o cardápio recebia “elogios” pelos “bons quitutes” que eram servidos<sup>141</sup>. Os banhistas recorriam ao restaurante para refeições rápidas, e aproveitavam seu “avarandado”

---

<sup>140</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 23/12/1890.

<sup>141</sup> Diversas notícias foram veiculadas no jornal Diário do Rio Grande entre os anos de 1892 e 1893 sobre o cardápio do restaurante chalet-buffet.

que lembrava o “tombadilho de uma embarcação” para apreciarem o mar, conversarem e se distraírem em meio à agitação de pessoas<sup>142</sup>.



Foto 36 - Restaurante *chalet-buffet* construído próximo à praia.

As informações sobre este restaurante foram poucas e dispersas. Elas nos levam até o ano de 1898, contendo sempre uma pequena referência sobre seu arrendamento ou sobre a vista de sua varanda. Assim, algumas informações veiculadas nos jornais do período sobre o aluguel de um *chalet* muito próximo à praia nos levam a seguinte suposição, que o restaurante após reformas, passou a servir de moradia para os frequentadores do balneário. Não sabemos se foi posto a venda ou se foi alugado para as temporadas de verão.

---

<sup>142</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 15/01/1898.



Muitas famílias de Rio Grande e de outras cidades hospedavam-se no hotel, no “Quadro” e em seus próprios *chalets*. Entre os freqüentadores do balneário citamos

*De Porto Alegre: Coronel Manuel Py, Dr. Possidonio M. da Cunha, Dr. Eugenio C. Malheiros, Comendador Antonio Roiz Tavares. De Pelotas: Barão de São Luiz, Conselheiro Francisco Nunes de Souza, Martin Bidart Filho. De Rio Grande: Coronel Antonio C. Campello, Dr. Leonel Gomes Velho, Reverendo Lucien Lee Kinsolving, Srs. Paul Stoss, Carl Engelhardt, Chas Bateman, Francisco E. Belfort, Henrique Kulcke, João Gottwald, Luiz A. Otero, Domingos Vaz Dias, Joaquim Domingues Pereira*<sup>143</sup>. (Anexo 13)

Algumas destas pessoas fizeram parte do desenvolvimento industrial e comercial do Rio Grande do Sul. Outras tiveram participação na vida política da Província e do Estado, e havia também os profissionais liberais compostos de médicos, advogados, engenheiros, entre outros.

Muitos destes indivíduos ajudavam na divulgação da Villa Sequeira, bem como realizavam eventos para arrecadarem fundos para obras de prédios novos e outros melhoramentos para o balneário. Elegemos a construção da capela na estação de banhos como o episódio mais longo para a arrecadação de “meios”, prolongando-se da estação de verão de 1897/1898 a 1905. O local foi doado pela família Osório, de Pelotas.

Promoveu-se um concerto “vocal e instrumental” em prol das obras da capela na Villa Sequeira. Foram produzidos materiais publicitários em formato de cartazes convidando as pessoas para participarem do evento e contribuírem com

---

<sup>143</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 09/01/1898.

qualquer quantia. A programação da *matinée* era composta de duas partes, sendo dirigida pelo maestro Victor de Los Rios, acompanhado de diversos artistas. (Anexo 14)

Na estação balnear do ano de 1899, outro grande festival foi promovido no hotel Casino no dia 19 de março, um domingo. Uma missa foi realizada no Casino pelo “Vigário Reverendo Octaviano Pereira de Albuquerque”, que se encontrava no balneário “a banhos”. A celebração teve o acompanhamento de órgão e canto. Uma *matinée* musical dirigida pelos maestros Cavalcanti, Garbini e Guimarães fizeram parte das comemorações, além de um baile no salão do Casino. (Anexo 15)

Um festival lírico no ano de 1901 foi realizado com o mesmo objetivo, o de arrecadar fundos para a construção da capela.

*O maestro Sr. Stella, organizou um festival lírico no salão do Casino, em favor da capela em construção na aprazível praia de banhos. O programa teve duas partes, com números de canto, piano e violino<sup>144</sup>.*

A capela da Villa Sequeira ficou totalmente pronta apenas no ano de 1905. O jornal Diário do Rio Grande publicou uma matéria sobre a inauguração do templo, que possuía uma “arquitetura elegante, com um altar em estilo gótico, de madeira rendilhada, ofertado por uma senhora residente nesta cidade” de Rio Grande. Também se referia às imagens de Jesus, Maria e José trazidas do Rio de Janeiro, e do momento em que as bandas do clube Saca Rolhas e Duas Coroas

---

<sup>144</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 27/01/1901.

tocaram o hino nacional. A “festividade” atraiu cerca de 200 pessoas<sup>145</sup> que para lá se dirigiram para receber a bênção divina.

Dessa forma, podemos dizer que, tanto nos espaços abertos, a praia e a avenida, como nos espaços fechados, o hotel e afins, ocorreram encontros de pessoas por estímulos espontâneos e algumas vezes induzidos. As formas de sociabilidade geradas nestes espaços de lazer proporcionaram a seus freqüentadores, momentos de “animação”, “euforia” e “felicidade”, mas principalmente, de prazer frente ao novo.

No balneário Villa Sequeira as atividades sociais oferecidas, fizeram parte do cotidiano da estação de banhos, reinando assim, a interação social entre seus visitantes.

---

<sup>145</sup> Jornal Diário do Rio Grande, 07/02/1905.

# Considerações finais

Ao longo de nosso trabalho, evidenciamos a interação social presente nos espaços abertos e fechados do balneário Villa Sequeira, entre os anos de 1890-1905, afirmando que a sociabilidade esteve presente no cotidiano da estação balnear, através das conversas, dos olhares trocados, das relações estabelecidas entre os pares, do “ver e ser visto”.

O convívio social no balneário foi constante, notamos que os eventos proporcionados aos freqüentadores iam desde o passeio de charretes, a apreciação da praia através das varandas dos camarotes, as corridas a cavalo, os bailes, os concertos, as *matinées e soirées*, os jogos, enfim, uma gama de distrações foram oferecidas neste local, cujo entorno reproduzia os balneários europeus.

A influência européia na Villa Sequeira foi evidente, através da arquitetura de seus *chalets*, em seus camarotes e barracas na praia, em alguns termos como “Villa”, “Casino”, “pic-nic”, “chic”, nos jogos do hotel, “bridget”, “pôquer”, entre outros. A repetição de hábitos europeus tornou o balneário conhecido na época, recebendo inúmeros visitantes considerados “ilustres”, que o freqüentavam para a ostentação de seu *status* social. Para isso, portavam-se na Villa Sequeira como se estivessem no estrangeiro.

Os momentos vivenciados na estação balnear na época, deixaram muitas lembranças de um passado glamouroso, observado no material fotográfico apresentado no trabalho e nos relatos dos periódicos que não deixavam de

enaltecer o balneário. Mas, ao longo do tempo, a Villa Sequeira foi perdendo seus visitantes para praias, como Tramandaí, Cidreira e Torres, próximas aos centros urbanos, e freqüentadas por diferentes camadas sociais. E de balneário da elite tornou-se um local para todos. Outro motivo foi que o município de Rio Grande deixou de ser o grande centro comercial e industrial do passado, afetando diretamente a movimentação dos freqüentadores no balneário.

Mesmo que com recursos limitados, tanto financeiros, como na escassez de fontes sobre o tema da sociabilidade, nossa pesquisa atingiu seu objetivo, de lançar um olhar sobre as práticas de lazer em um balneário construído no sul do Rio Grande do Sul, contemporâneo às estações balneares européias e às praias do Rio de Janeiro, que apesar da distância se desenvolveu com toda a “pompa” e “requisite” de um grande estabelecimento balnear.

O estudo dessa nova opção de lazer no sul do Brasil, o balneário Villa Sequeira, pode ser visto sob novos olhares, de diferentes óticas. Assim, afirmamos que a temática da sociabilidade no balneário possui um rico campo de investigação, devendo ser objeto de pesquisas futuras.

## Referências Bibliográficas

- ❖ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ❖ BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOURDON, Raymond (org.). Tratado de Sociologia. Trad. Teresa Curvelo. RJ: Zahar, 1995.
- ❖ BARCELLOS, João. Levantamento histórico sobre o balneário Cassino. Extraído da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental no dia 16/04/2002. Volume 04, outubro/novembro/dezembro de 2000. (<http://forrester.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol4c/joao.htm>).
- ❖ \_\_\_\_\_, João. O balneário Cassino: uma inspiração européia. In: Revista Biblos. Rio Grande: Editora da FURG, 2000. p. 43-48.
- ❖ BARRÁN, José Pedro. Historia de la sensibilidad en el Uruguay. Tomo 1: La Cultura “bárbara” (1800-1860). Montevideo, Uruguay: Grupo Editor, ?. p. 103-146.
- ❖ BARROS, Eliane C. & LANDO, Aldair M. Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H. (org.) RS: imigração e colonização. POA: Mercado Aberto, 1980.
- ❖ BEDIN, Pierri G. Olhar a cidade do Brasil, ver a modernidade à brasileira. In: Revista Biblos nº 10. Rio Grande: Editora FURG, 1998.
- ❖ BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- ❖ BLAY, Jean-Pierre. O espaço urbano e a identidade cultural: o exemplo do Clube de Regatas do Flamengo. In: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH): Anais da XX reunião anual, p. 107-112: Curitiba SBPH, 2001.
- ❖ BOURDON, Raymond & BOURRICAUD, François. Dicionário crítico de sociologia. São Paulo: Ática, 1993.
- ❖ BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. In: Revista Estudos Históricos. nº 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001. p. 49-69.
- ❖ BURKE, Peter. Variiedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- ❖ CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da história. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- ❖ CORBIN, Alain. O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- ❖ \_\_\_\_\_ . Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- ❖ \_\_\_\_\_ . Bastidores. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.
- ❖ Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Versão 3.0/novembro/1999. Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática.
- ❖ Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986.
- ❖ Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1999.
- ❖ DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ❖ FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1998.
- ❖ FUGIER, Anne Martin. O ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991. (p. 228-240)
- ❖ GIBBON, Sônia A. de O.. O Apito do Trem: Gênese e Desenvolvimento do Sistema Ferroviário em Rio Grande (RS). Rio Grande: FURG, 2000. (Monografia de Conclusão de Curso)
- ❖ GRIECO, Sara F. Matthews. O corpo, aparência e sexualidade. In: PERROT, Michelle et al. História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna. Vol. 3. Sob a direção de Natalie Zemon Davis e Arlette Farge. São Paulo: EBRADIL, 1991.
- ❖ HOBSBAWN, Eric J.. A era das revoluções (1789-1848). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ❖ LEME, Eunice. “Cassino: Momentos Históricos”. Rio Grande: Fatos em Revista. Fevereiro, 1993. Pag.: 32-36.
- ❖ LOVE, Joseph. A locomotiva. São Paulo na federação brasileira. Capítulo 5: A elite política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 215-247.
- ❖ MACEDO, F. Riopardense de. Inglese no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação, 1975.



- ❖ MACIEL, Maria Eunice. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, Loiva Otero & ELMIR, Cláudio P. (orgs.). Mitos e heróis: construção de imaginários. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- ❖ MELO, Victor Andrade de. Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.
- ❖ MORAES FILHO, Evaristo de (org.) Georg Simmel. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.
- ❖ NASCIMENTO, Mara R. No andar do bonde, a vivência da cidade. In: Revista Biblos nº 10. Rio Grande: Editora da FURG, 1998.
- ❖ NEEDELL, Jeffrey D.. Béle époque tropical: sociedade e cultura de elite no rio de janeiro na virada do século. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.
- ❖ ORTIGÃO, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875.
- ❖ ORTIGÃO, Ramalho. As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante. Lisboa/Portugal: editora livraria clássica, ?. In: Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.
- ❖ PESAVENTO, Sandra J.. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985.
- ❖ PETERSEN, Sílvia Regina. Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- ❖ PIMENTEL, Fortunato. Aspectos Gerais do Município de Rio Grande. Porto Alegre: Of. Graf. Oficiais, 1944.
- ❖ PINTO, Luciana G.. O processo de formação do espaço no Balneário da Barra do Chuí. Rio Grande: FURG, 2000. (monografia de conclusão de curso).
- ❖ PORTO, Lúcia. Estrada de ferro, carvão e futebol. In: URBIM, Carlos (coord.). Rio Grande do Sul: Um Século de História. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- ❖ RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. O Teatro da Sociabilidade: Um Estudo dos Clubes Sociais como Espaços de Representação das Elites Urbanas Alemãs e teuto-Brasileiras. São Leopoldo, 1850/1930. (Tese de Doutorado)

- ❖ REICHEL, Heloísa J. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: DACANAL, José H. & GONZAGA, Sérgio (orgs.) RS: economia e política. POA: Mercado Aberto, 1979.
- ❖ Revista Anos 90. Revista do Programa do Pós-Graduação em História. nº 14. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.
- ❖ SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia A. G. de Perez & THORMANN, Maria do C.. “Crescimento Horizontal da Cidade do Rio Grande”. In Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, janeiro/março de 1989.
- ❖ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil República: da Belle époque à era do rádio. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- ❖ URBIM, Carlos. As charqueadas de Pelotas. In: URBIM, Carlos (coord.). Rio Grande do Sul: Um Século de História. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- ❖ VILLWOCK, Gláucia Ennes. Por que Amo o Rio Grande. Rio Grande: Ed. da FURG, 1997.
- ❖ VINCENT-BUFFAULT, Anne. Do pudor à aridez: Da história das lágrimas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ❖ WIDHOLZER, Janeska. Os projetos de reforma urbana e a cidade moderna. In: Revista Biblos nº 10. Rio Grande: Editora da FURG, 1998.

#### Jornais

- ❖ Jornal Cassino. 7, 14, 21 e 28 de Janeiro e 11 de fevereiro de 2000.
- ❖ Jornal Diário do Rio Grande. Anos de 1890, 1891, 1892, 1893, 1896, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1908.
- ❖ Jornal Echo do Sul. 2º semestre de 1885 e 1º semestre de 1888.
- ❖ Informativo Rio Grande. 18 e 26 de Janeiro de 1990.

### Páginas pesquisadas na Internet

[www.flama-rj.com.br/ruas.htm](http://www.flama-rj.com.br/ruas.htm)

[www.visitbath.co.uk](http://www.visitbath.co.uk)

[www.vivasantos.com.br](http://www.vivasantos.com.br)

<http://forrester.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol4c/joao.htm>

[www.vivapunta.com/informacion/historia.html](http://www.vivapunta.com/informacion/historia.html)

<http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas01.html>

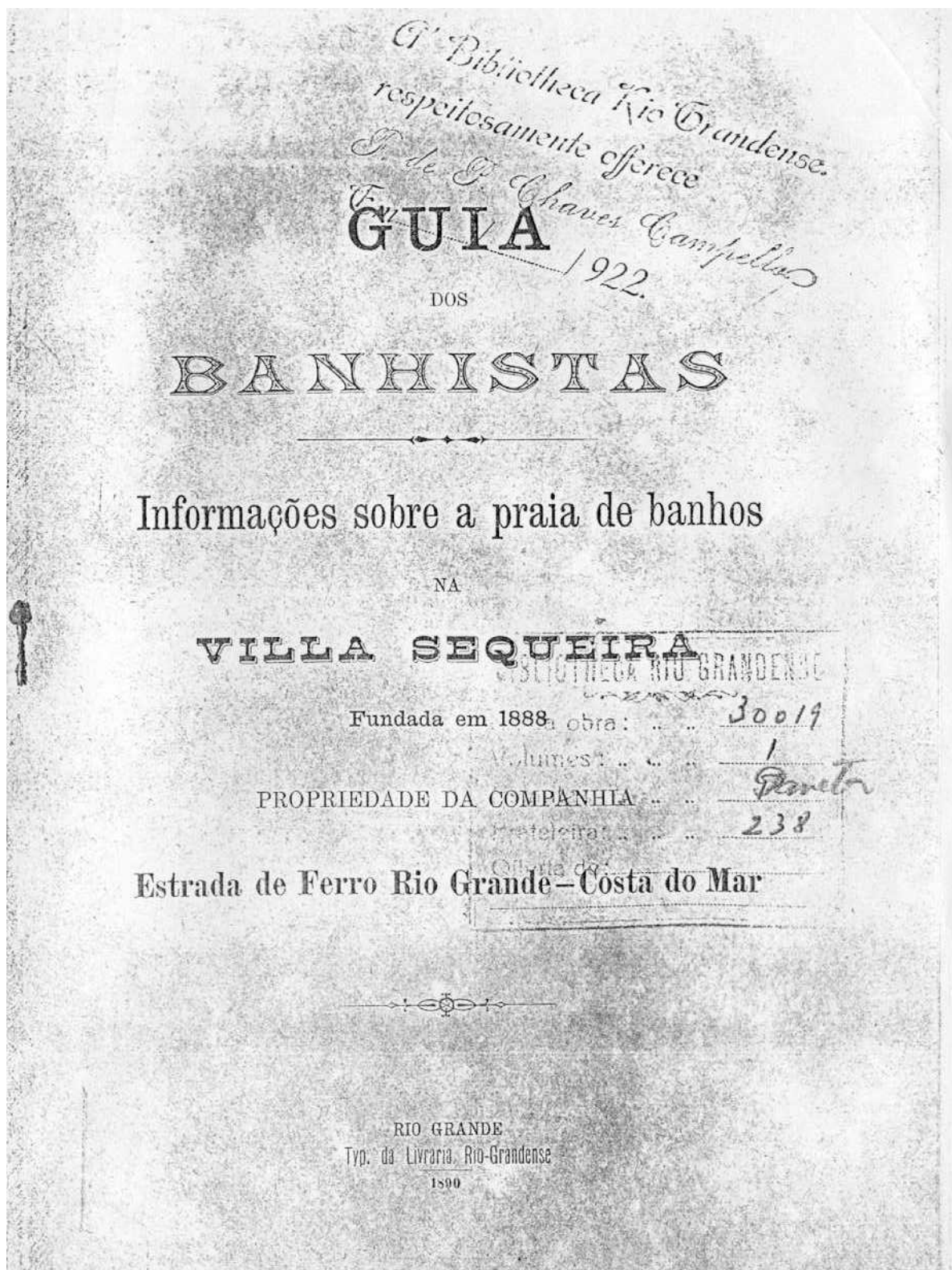
### Fontes Documentais

- ❖ Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense. Estação Balnear. Livraria Universal. Echenique Irmãos e CIA. (1890-1910)
- ❖ Alegações finais da Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway. Na ação que lhe move a Companhia Carris Urbanos. Rio Grande, Tipografia da Livraria Americana, 1890.
- ❖ Correspondência enviada ao Coronel Augusto Cezar Leivas pelo Gerente da estação balnear da Mangueira, Laurence Hislop. Data: 04/11/1898. Extraída do jornal Cassino.
- ❖ Escritura de venda do Casino, de 24/08/1909.
- ❖ Estatutos da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar aprovados em assembléia geral de acionistas de 28 de julho de 1890. Rio Grande: Tipografia Do Artista, 1890.
- ❖ Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.
- ❖ Memorial apresentado aos acionistas da Companhia Carris Urbanos de Rio Grande aprovado em Assembléia Geral de 26/03/1886 apud Jornal Cassino, 28/01/2000.
- ❖ Panfleto publicitário sobre o concerto vocal e instrumental da estação balnear de 1897-1898 no Casino.

- ❖ Planta do balneário Villa Sequeira do ano de 1907.
- ❖ Recordação da 1º Missa no Casino. Rio Grande: Livraria Americana, 1899.
- ❖ Relatório da Diretoria da Companhia Carris e Estrada de Ferro – Costa do Mar, apresentado em Assembléia Geral. Rio Grande: 26 de Outubro de 1893.

# Anexos

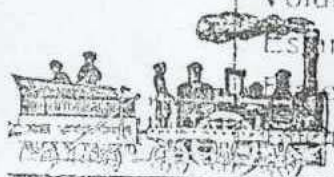
## Anexo 01



## Anexo 02

ESTATUTOS  
 — DA —  
**COMPANHIA**  
 ESTRADA DE FERRO  
 RIO GRANDE-COSTA DO MAR  
 APPROVADOS

*Em assembleia geral de accionistas, de 28<sup>a</sup>  
 de julho de 1890*



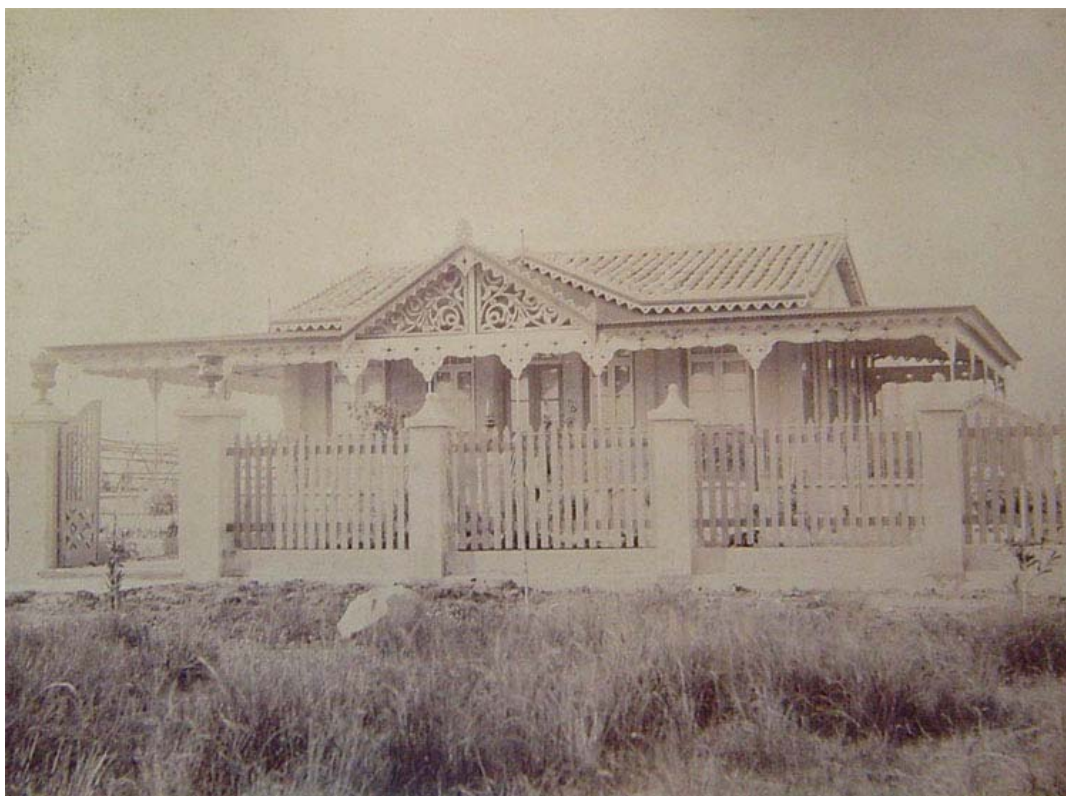
BIBLIOTHECA RIO GRANDE	
N.º da obra: .. ..	30602
Volumes: .. ..	1
Estado: .. ..	P
Classe: .. ..	260
Assinatura de: .. ..	

**RIO GRANDE**

*Typ. do — Artista —, de Franklin da Fonseca Torres*

**1890**

## Anexo 03

Foto 15 – *Chalet* do comerciante M. Fernandes Moreira.Foto 16 – *Chalet* da viúva de J. Soares Vianna.



## Anexo 03

Foto 17 – *Chalet* de M. José Araújo.Foto 18 - *Chalet* no balneário Villa Sequeira. Proprietário desconhecido.

Anexo 03



Foto 19 - *Chalet* da família Osório, denominado Villa Francisca.

## Anexo 04

Guarda-sol, de seda, pretos e de cores para senhoras, novo sortimento, o mais chic que existe neste gênero, recebeu a Loja do Cezar. (jornal Diário do Rio Grande, 05/11/1890)

### Para roupas de banho

Superiores casemiras riscadinhas e xadrez de lã, preparadas para não encolher, especialidade para roupas de banho. No Rasteiro. (jornal Diário do Rio Grande, 21/12/1890)

### Para a Villa Sequeira

Sapatos amarelos com borracha na sola, indispensáveis nas praias de banho, para homens, senhoras, meninas e rapazes. Chegou bom sortimento no Rasteiro. (jornal Diário do Rio Grande, 16/02/1892)

Guarda-sol brancos para passeios na Costa do mar a 2\$500. Ao Louvre. (jornal Diário do Rio Grande, 23/02/1892)

### Au Palais Royal

Roupas de banho e sapatos para homens e senhoras. Esplêndido sortimento em tecidos especiais, diversos feitios e tamanhos, recebeu o Palais Royal.

Os feitios das roupas de banho para senhoras são elegantíssimos, a última novidade em Paris, de onde foram importados.

Sapatos de banho também para homens e senhoras, artigo chic recebeu o Palais Royal.

Roupas de banho – grande sortimento de roupas de superior casemira, para banho, garantida não encolher nem se cortar com água salgada, fabricada na Inglaterra especialmente para este fim.

Gorros de banho para senhoras no Palais Royal. Propriedade Areias Júnior. (Jornal Diário do Rio Grande, 16/03/1892)

### Banhos de mar – Roupas e sapatos

Para homens, senhoras e crianças acaba o Palais Royal de receber uma rica coleção de roupas de feitios elegantes e em tecidos próprios para banhos de mar.

Também recebeu esplêndido sortimento de toalhas felpudas, toucas de vários feitios, capas, sapatos, bolsas para conduzir roupa para o banho e muitos outros artigos para esse fim.

### Roupas francesas para homens e rapazes

O Palais Royal acaba de receber da casa AD. Codchau, de Paris, um rico sortimento e variado sortimento de roupas feitas para homens, rapazes e crianças. (Jornal Diário do Rio Grande, 03/01/1896.)

### Roupas, toalhas, sapatos e toucas

Robes de chambre felpudos, sacos para conduzir roupa e outros artigos próprios para banhos, recebeu importante e variado sortimento o Palais Royal.

## Anexo 04

Convém observar que nossas roupas de banho, tanto para senhoras como para homens e rapazes, são recebidos de Paris. (jornal Diário do Rio Grande, 04/01/1898)

### Banhos de mar

Toucas impermeáveis, sapatos especiais, toalhas, saídas de banho, de pano felpudo e muitos outros artigos próprios para serem usados em praia de banhos, encontra-se no Palais Royal. (jornal Diário do Rio Grande, 07/01/1902)

### Atalaia Rio-Grandense

Chapéus de sol brancos com roda enfeitada, chegadinhos pelo último vapor, bem a tempo da estação balnear. (jornal Diário do Rio Grande, 01/01/1903)

### Jovem Itália

Recebeu importantes novidades para esse verão para serem usados na estação de banhos. (jornal Diário do Rio Grande, 12/01/1904)

### Au Palais Royal

Últimas novidades de Paris, Viena e Berlim para a atual estação de banhos. (jornal Diário do Rio Grande, 07/01/1905)

## Anexo 05

### Os banhos de mar

Têm muita utilidade e importância as indicações que o ilustre professor ‘Crinon’ publicou, há pouco, no ‘Petit Journal’, relativamente ao uso dos banhos de mar. O ilustre homem da “sciencia” aconselha o seguinte:

“É necessário não esquecer o bem conhecido axioma: ‘Todos os remédios que podem curar, podem fazer mal’.

É precisamente o que ocorre freqüentemente com os banhos de mar, tomados na maior parte dos casos, inconsideradamente; e por isso produzem muitos efeitos nulos, e outras vezes nocivos, como se observa em seguida a uma estação balnear.

Passa a fazer uma análise química do mar que considera uma verdadeira água mineral e constitui o tipo das águas coloradas fortes. Fala das temperaturas da superfície do mar durante os meses de julho a setembro e durante as horas do dia, na Europa. Diz que não somente os banhos de mar são úteis, mas também o ar puro que se respira nas praias. Aí a atmosfera é mais pura, a sua densidade maior, e a luz são mais intensas e, portanto, a oxigenação mais forte do que nas terras do interior. É incessantemente renovada pelas correntes marítimas. A sua riqueza em ozônio determina a oxigenação rápida das substâncias orgânicas, favorece a nutrição e todas as funções vitais.

E prossegue: Quando o mar é indicado, é necessário, antes de tudo, escolher judiciosamente a praia, o que não é indiferente, porque o tratamento varia, segundo a água é mais ou menos salgada, mais ou menos fria, e segundo o ar ambiente da localidade. Compete ao médico a designação da praia, tendo muito em conta o temperamento, a constituição do enfermo e a natureza que se trata de combater.

Uma vez chegado ao seu destino, o doente ainda deve observar as indicações do médico, porque o regime dos banhos de mar, temo-lo dito muitas vezes, está sujeito a regras que se não podem infligir impunemente, e estas regras variam com a idade, o temperamento do indivíduo e a natureza da enfermidade. De uma maneira geral importa não ir para o banho com frio. Antes de o tomar, convém fazer um pequeno exercício, sem ir, bem entendido até a transpiração. Chegado da praia, o banhista deve despir-se imediatamente e mergulhar sem hesitação.

Não ficar no banho muito tempo, sobretudo nos primeiros. Três mergulhos e fora: tal é a fórmula lacônica dos médicos ingleses, para exprimir o tempo que deve durar o banho de mar. Está tanto mais em desacordo com a prática geralmente observada, quanto mais harmoniosa com a opinião de todos os que se ocupam do medicamento marítimo. Os banhos mais curtos são os mais eficazes.

Os primeiros banhos deverão, pois, durar alguns segundos até a um ou dois minutos, o máximo; depois os banhos poderão ser prolongados até 4 ou 5 minutos, e, por vezes, até 10 minutos por uma tolerância bem estabelecida. Em geral, o banho deve ser bem mais curto, quanto mais fracas são as pessoas e quanto mais novas ou mais velhas. Em todo o caso, mesmo para as pessoas que tomam banho por prazer ou por higiene, convém sair da água ao segundo arrepiado e mesmo não esperar que ele venha. Durante o banho deve-se fazer exercício com o corpo porque é preciso opor ao banho frio a atividade dos órgãos e da circulação.

A natação é excelente meio de obter este efeito essencial porque todos os músculos concorrem para ele da maneira mais variada e contínua.

## Anexo 05

O uso e as conveniências forçam o uso das roupas de banho, mas, é necessário que sejam de um tecido leve e não suscetíveis de se apegarem ao corpo, a fim de que a água esteja em contato constante e direito com a pele.

Não se deve enxugar logo ao sair do banho para não levar às moléculas dos princípios excitantes contidos na água do mar e que constituem uma parte da eficácia do banho. O exercício é ainda indispensável depois do banho para favorecer e conservar a reação, a negligência deste preceito pode dar origem a má conseqüências. Nas pessoas fracas e delicadas promover-se-á a reação com enérgicas fricções em todo o corpo e com bebidas quentes e aromáticas.

Uma estação balnear geralmente é de 25 banhos com uma interrupção passageira. Nalguns casos é preciso prolongar, em outros, ao contrário, abreviar. Ordinariamente toma-se um só banho por dia: há, porém, casos excepcionais, que exigem dois. Deve haver então todo o cuidado de tomar o segundo banho o mais tarde possível depois do da manhã, porque os efeitos do primeiro deram muitas horas. Tornando-se o segundo banho durante estas condições orgânicas, resultariam grandes perturbações delas.

É bom banhar-se na preamar, primeiramente por causa da lama, depois porque em certas praias e nos dias de mar forte, a ressaca pode levar consigo o banhista se este não for bom nadador.

Haverá cuidado de interromper os banhos de vez em quando, principalmente quando houver perturbação da saúde habitual, como excitação e fadiga.

Finalmente, durante os banhos sobrevêm acidentes que é preciso combater. São excitações nervosas, movimentos febris, dores vagas, impaciência, etc., mas todos estes fenômenos se dissipam com facilidade por meio do repouso e de alguns medicamentos apropriados". (Jornal Diário do Rio Grande, 26/01/1901)

## Anexo 06

‘Club Cyclista’

Com uma animação extraordinária, realizou-se ante-ontem o projetado passeio do ‘club cyclista’ desta cidade à nossa praia de banhos.

Imensamente concorridos estiveram os 2 trens de excursão que para ali partiram, tendo tomado passagem no 1º trem, 308 pessoas, e no segundo 517 pessoas. Sendo necessário adicionar mais dois vagões para a costa do mar.

Às 4 horas da tarde realizou-se o 1º páreo dos ‘cyclistas’ obtendo com grande vantagem o 1º prêmio, oferecido pela Companhia Viação, o estimável moço Álvaro da Silva. A poule de 11\$200.

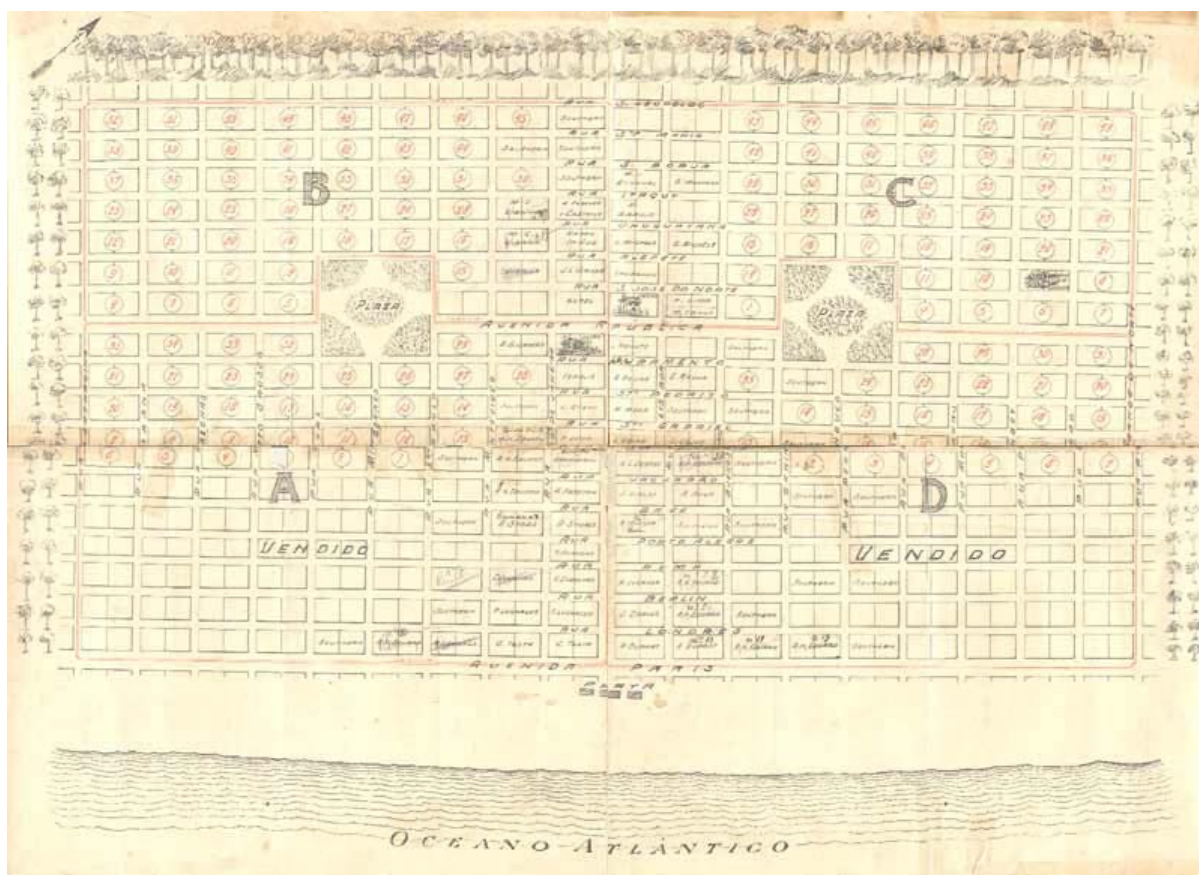
No segundo páreo, 1000 metros, chegou em primeiro lugar o jovem Pretextato Mostardeiro, e em segundo o Sr. M.S. Lopes, cabendo aquele uma belíssima medalha e a este uma lanterna, prêmios oferecidos pela Livraria Americana. Poule 23\$600. Ao Sr. Alfredo Rodrigues coube a glória de ser o vencedor do 3º páreo, chegando em segundo o Sr. Rodrigo Souza. Prêmios: ao 1º uma medalha e ao 2º uma caixa com preparos para limpar metais, oferecidos pelos Srs. F. Scavaglione e C.. Poule 19\$800.

No 4º páreo, 1000 metros, coube a vitória ao nosso estimável e jovem amigo Alberto Braga, que chegou em 1º lugar e ao Sr. Artur Nascimento, em 2º lugar, ganhando aquele uma bonita medalha e este uma campainha, prêmios da Casa Gottwald e C.. A poule desta corrida deu 9\$200.

Na última corrida: ‘Perde-ganha’, mais uma vez coube a vitória ao ciclista Álvaro da Silva, a quem coube o prêmio de uma chave inglesa, oferecida pela Livraria Americana. A poule foi de 8\$800.

Durante as corridas foi grande a animação que se notou na praia. Finda as corridas os excursionistas vieram para o Casino, tendo-se dançado no salão do hotel. Pela animação extraordinária que, ante-ontem, notamos na nossa praia de banhos, é de julgar que a presente estação será uma das mais concorridas, principalmente se ali se derem diversões como que realizou o Club Cyclista. (jornal Diário do Rio Grande, 03/01/1899)

## Anexo 07



Fonte desconhecida.



## Anexo 08

Pic-Nic

Foi simplesmente esplêndido o “pic nic” que ante-ontem realizou-se na Mangueira, oferecido pelos banhistas do Bolaxa aos da Villa Sequeira.

Foi uma festa campestre como não há exemplo de outra igual, não só na reunião que era seletíssima como na abundância do serviço e boa ordem e cordialidade que sempre reinaram. (jornal Diário do Rio Grande, 05/04/1892)

Pic-Nic

O dia 3 de abril amanheceu verdadeiramente enfarruscado, fortes e repetidas bátegas de água fustigavam as areias brancas, que cercam a Villa Sequeira e os zincos que cobrem o Cassino.

O 3 de abril amanheceu com uma cara de governado deposto pelas ondas populares, floriantemente levantadas pelos ataques à imprensa, às liberdades públicas, ao tesouro, que por vazio já não teme ataques, enfim por um milhão de razões invocadas nesses momentos supremos.

O desapontamento era imenso, o 3 de abril era o dia do pic nic oferecido pelo Bolaxa à Villa Sequeira e tudo parecia perdido, os dedos de rosas da aurora estavam molhados e sem forças para abrirem as portas do Oriente, o sol ia ficar fechado na sua caixinha forrada de cetim azul, rodeada de nuvens pardacentas, açoitadas pelos aguaceiros que vinham do mar alto.

Tudo estava perdido, no entanto, tudo se salvou, graças à intervenção de uns moços quase irados que as moças que podem tudo fizeram aos aguaceiros, às nuvens carregadas ao vento, ao sol. Ninguém resiste às moças, o almirante que durante os ciclones manobra a não sereno, intemerato e na hora do combate, quando a voz de abordar retumba forte, primeiro que ninguém salta ligeiro, levando a morte a coriscar na espada, foge medroso, arreia o pavilhão, ante um sorriso e o abanar de um leque.

O general que o sol da glória iluminou, com a fronte crustada dos combates, que nunca desmaiou ao sibilar das balas, bate em continência a espada gloriosa, se virgem que sonhou passa sorrindo, envolta nas brancuras invejadas pelo gelo que o sol bate na serra, pela espuma que o mar deixa na praia.

A chuva fez como o general e como o almirante: não resistiu as moças. O sol abriu a sua caixinha azul e inundando o mundo com a sua luz brilhante, gritou: ao Bolaxa! À Villa Sequeira: ao Pic Nic! A pedra já estava lançada, vamos ver se podemos contar como foi que ela rolou.

Às 10 horas e 40 minutos, um trem especial posto à disposição dos habitantes da Villa Sequeira, chamava-os com o apito agudo da locomotiva, era a hora marcada, poucos momentos depois desembarcavam na parada do Belmiro os convidados para o pic nic do Bolaxa.

Um grupo enorme de moças, entre as quais se desfraldava o estandarte do Bolaxa, formado de bandas azul e cor de rosa, tendo no centro bordada uma bolaxa adornada com um artístico B., cavalheiros e música esperavam os convidados na parada, e reberam-nos com vivas jubilosos e ao som harmônico dos instrumentos musicais.

## Anexo 08

Seguiram depois, todos juntos para o lugar do pic nic, uma soberba figueira, onde não penetravam os ardores do sol.

Bancos, cadeiras, redes, balanços e as grandes e estendidas raízes da figueira, encheram-se logo de senhoras, crianças e cavalheiros, que ao som harmonioso das harpas e violinos e da banda musical do distinto batalhão de artilharia, entregaram-se ao prazer da dança.

O Bolaxa tinha mandado cunhar uma medalha comemorativa do pic nic, a qual tinha na face gravados uma grande figueira e ao lado um sol que despontava brilhante no horizonte, com o seguinte distico em redor: O Bolaxa à Villa Sequeira. O.D.C., e no verso: 3 de abril de 1892.

As medalhas que com uma fita cor de rosa foram entregues a cada um dos convidados pelas moças do Bolaxa, foram gravadas pelos estimáveis cavalheiros Dantas e Nunes.

A um dos lados da figueira e debaixo de um grande toldo, estava estendida uma mesa de 80 palmos de comprimento, inteiramente coberta de uma infinita variedade de iguarias, de doces, frutas, vinhos e licores, em quantidade tal, que resistiu até aos últimos ataques, que lhe levavam consecutivamente o apetite de trezentos convivas, aos quais o ar do mar, combinado com o do campo, davam seguidamente a voz de renovar o assalto.

A um dos lados da figueira via-se uma fogueira enorme rodeada de espetos, onde os assados com couro de uma gorda vaquilhana mostravam-se dourados, e sobre o burralho os churrascos de garantia, de peito e ao redor da fogueira, meia dúzia de guascas acocorados atiçavam o fogo e molhavam os assados com salmoura.

Era o fogão gaúcho, esse fogão que por tantas vezes tem inundado de luz e de calor a Pátria brasileira, que há de servir-lhe de farol no futuro, que lhe tem servido até hoje de atalaia vigilante.

Era o fogão, esse fogão tornado célebre, tantas vezes, pelo grande patriota, que quase aquela mesma hora, junto aos secros de Bagé, rodeado pessoalmente ou pelo pensamento, por tudo quanto este Estado possui de mais alevantado pelo talento, pela bravura e pelo patriotismo. Plantava a palavra verde da esperança, rasgando novos horizontes a esta terra tão alta outrora, tão enxovalhada hoje, tão devastada pela ignorância, pela especulação e ridículas doutrinas. (jornal Diário do Rio Grande, 08/04/1892)

## Anexo 09

### Estação Balnear - Excursões para a Villa Sequeira

Os banhistas vem em grande quantidade, não só de Rio Grande, como de Porto Alegre, Pelotas, Bagé e de outros. A natural afluência de excursionistas foi muito avultada. (jornal Diário do Rio Grande, 23/02/1890)

### Excursões ao Casino

A Companhia concessionária vai executar aos domingos novos horários de trens de excursões para a estação de banhos. Pela quantia de 1\$000 pode o público gozar do excelente passeio à Costa do mar, apreciar a magnífica praia de banhos e fazer seus “piki-nickis” à sombra das grandes varandas dos camarotes e do magnífico chalet-buffet da praia, que se acha perfeitamente sortido, de forma a satisfazer o mais exigente paladar, em tudo o que se refere a um bom restaurante.

Para maior realce destes passeios, conta-nos que a Companhia pretende adicionar-lhes uma magnífica banda de música que tocará na grande área do Casino e praia até as 7 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da noite.

Ora, tendo a Companhia magníficos salões para baile e concerto nos quais as quartas-feiras, sábados e domingos podem os Srs. Excursionistas gozar dessas agradáveis diversões pelo mais módico preço que se pode imaginar, mesmo porque no Casino as refeições e líquidos não custam mais nem são inferiores as de qualquer dos melhores hotéis da cidade. (jornal Diário do Rio Grande, 01/02/1896)

### Excursões ao Casino

Realizou-se ante-ontem a excursão a estação de banhos ao preço de 1\$000. Preço insignificante em relação a distância e ao conforto que oferece o passeio. Graças aos recursos de que dispõe aquele estabelecimento, o excursionista pode passar ali agradavelmente o dia, sem nada lhe faltar, quanto a comodidade e alimentação.

Para a distração teve jogos no vasto salão, passeios ao longo da praia e descanso sentados comodamente nas varandas das edificações a beira-mar.

A banda de música ‘Floresta Rio-grandense’ tocou no Casino até as 8 horas da noite, fazendo ouvir as diversas peças do seu repertório. (jornal Diário do Rio Grande, 04/02/1896)

### Excursões

Para o Casino há dois trens de excursão, sendo o primeiro ao meio dia e o segundo as 5 da tarde. Qualquer deles proporcionará um excelente passeio. (jornal Diário do Rio Grande, 01/01/1898)

Villa Sequeira – Hoje, ao meio dia, haverá trem de excursão entre esta cidade e a Villa Sequeira. (jornal Diário do Rio Grande, 14/01/1900)

## Anexo 09

Trens de excursão para a Villa Sequeira com saída de Rio Grande. (jornal Diário do Rio Grande, 15/01/1901)

Excursões para a estação balnear

Sábados e domingos.

Quem precisa tomar banhos de mar deve ir a estação balnear da cidade do Rio Grande, primeiro estabelecimento da América do Sul neste gênero. (jornal Diário do Rio Grande, 11/01/1902)

Trens de excursão para o Casino, saindo da cidade aos sábados. (jornal Diário do Rio Grande, 26/01/1905)

## Anexo 10

### O carnaval no Casino

O carnaval no Casino não passou despercebido no Casino, a aprazível estação balnear, de tanta utilidade no ponto de vista terapêutico, como no local de reunião de uma sociedade seleta e distinta, que afluem todos os pontos de Estado.

Durante toda a semana que precedeu o domingo de carnaval, notou-se grande animação entre os que se acham em vilegiatura naquela magnífica praia de banhos.

O ‘confetti’, as serpentinas, as borboletas, as flores tiveram ali grande extração, de tal forma que o vasto salão-restaurante ficou convertido num campo de batalhadores, vendo-se esparsos no soalho e suspensos dos cabides, dos lustres, etc., destroços da batalha.

Os lutadores não se davam tréguas, mesmo durante as refeições cruzavam-se os fogos em todas as direções, com um entusiasmo e ardor que davam agradabilíssima idéia do contentamento de que todos estavam possuídos.

Efetivamente a alegria, durante esses dias de folia chic, delicada, inofensiva, transparência radiante em todas as fisionomias.

No grande salão das diversões, dançou-se animadamente ao som de excelente orquestra, sendo de notar que tomaram parte nas danças até os veteranos, os homens graves e sisudos, o que dá idéia ao entusiasmo que reinou durante aqueles dias no Casino, mas sobretudo no domingo.

Na terça-feira, 18, é que a animação e o entusiasmo triplicaram, graças, em grande parte, ao “grupo das primaveras”, título bem apropriado, pois as jovens que o compunham representam efetivamente a mais risonha, a mais prazenteira e encantadora primavera da vida.

Este grupo formosíssimo, pelas jovens que a compunham e pelo gosto e elegância das fantasias, entrou ruidosamente nos diversos chalets sendo em todos acolhido com expansões de vivo contentamento e fidalgas maneiras.

Em todas essas belas e confortáveis vivendas, por entre o espocar do champagne e o cruzar de ditos espirituosos, passaram-se momentos deliciosos.

Terminada a visita dirigiu-se o simpático grupo, sob uma chuva de ‘confetti’ e serpentinas, e de uma ovação entusiástica, para o salão das danças, começando então uma das mais belas soirées a fantasia que ali se tem realizado.

A meia noite terminou o baile, que foi tanto mais agradável quanto foi organizado do improvisado, sem proceder preparativos mais ou menos aparatosos.

Para sábados e domingos próximos estão projetadas novas e atraentes diversões para as quais se esperam muitas Exmas. Famílias da cidade, aos quais, com a sua presença darão ainda mais brilho as festas da nossa saudável e bela estação balnear. (jornal Diário do Rio Grande, 21/02/1896)

## Anexo 11

Casino

No domingo, dia 23, foi o carnaval sepultado com todas as honras no Casino. Durante o dia um gracioso grupo precedido de Zé Pereira, visitou as diversas habitações, no meio de um ruído infernal promovidos pelo rufar de tambores e latas vazias.

As 8 horas da noite começaram a afluir as famílias ao salão, e em poucos minutos estavam ocupadas todas as cadeiras. Pouco depois um grupo fantasiado, ao som de violões, tambores e outros instrumentos, dava entrada no salão, tendo entusiástica recepção por parte deste grupo tornou-se saliente uma que acompanhada pelos maviosos sons de violões, contou chistosas modinhas alusivas a moradores do Casino.

As 8 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas começou o baile, notando-se muitas fantasias de gosto, entre as quais duas senhoras, que por 3 vezes mudaram de vestuário, sendo por isso muito difícil serem reconhecidas.

As danças correram com muita ordem e entusiasmo, estando o salão literalmente cheio e havendo animado jogo de 'confetti' e serpentinas.

O salão achava-se ornamentado modestamente com verdes e serpentinas entrelaçadas em toda a extensão, fazendo ali muito bonito efeito.

O baile terminou a 1 hora da manhã, sempre animado e com grande concorrência. (jornal Diário do Rio Grande, 27/02/1896)

## Anexo 12

Matinée

No Casino da Villa Sequeira dão um concerto vocal e instrumental os distintos artistas Sra. Virginia Arnold, Forti e Luiz Volta. Os dois primeiros são cantores de ópera italiana, e o terceiro habilíssimo professor de clarineta. São dignos de apreço. (jornal Diário do Rio Grande, 21/02/1892)

Espetáculo no Casino

Muito concorridos os dois espetáculos dados pela Companhia italiana de operetas nas noites de sábado e domingo no salão do Casino da estação balnear.

A lotação ficou completa. No Fra-Diavolo, Ottonello fez grande sucesso cantando em voz de falsete um dos trechos da bela ópera cômica.

A Companhia dará mais espetáculos ainda hoje, quinta, sábado e domingo na estação balnear. (jornal Diário do Rio Grande, 24/01/1893)

Casino

A banda de música da sociedade Mutualidade que é composta do pessoal das fábricas de tecidos da Cia. União Fabril apresentou-se no Casino no domingo dia 1º. (jornal Diário do Rio Grande, 03/03/1896)

Villa Sequeira

Ante ontem se realizou uma soirée dançante no Casino. O baile teve início as 9<sup>1/2</sup> horas da noite e uma orquestra desta cidade dirigiu-se para lá. (jornal Diário do Rio Grande, 24/01/1898)

No Casino

Exibiu-se no Casino ante ontem o afamado artista De Feo, cognonimado homem-orquestra com o seguinte programa:

1ª parte:

- 1º Esther. Marcha militar.
- 2º Poeta e paisano. Sinfonia.
- 3º Les patineurs. Valsa.

2ª parte:

- 1º Ainda. Pot-pourri.
- 2º Quarteto. Imitação de piston, trombone, violino e violoncelo.
- 3º A sentinela. Marcha militar. (jornal Diário do Rio Grande, 19/02/1900)

No Casino

Teve lugar ante ontem no salão do Casino, o sarau musical e dramático em benefício da capela que se está construindo.

## Anexo 12

A parte musical foi dirigida pelo distinto maestro Sr. Eduardo Cavalcanti, auxiliado pela Exma. Sra. D. Hermínia Antônio Ramos.

O programa do festival foi organizado com fino gosto artístico, constando dele escolhidas composições de Carlos Gomes, Denza, entre outros mestres.

Uma graciosa comédia foi representada pelas Exmas. Jovens Lucy Sequeira, Carolina Azambuja, e Alice Ramos e pelos Srs. Arthur Lawson e Epaminondas Guimarães.

A espórtula fica ad libitum da generosidade dos convidados. Pelo correio foi feita larga distribuição de convites. (jornal Diário do Rio Grande, 12/02/1901)



## Anexo 13

Estação balnear

Na aprazível praia do casino, em instalações da Companhia Viação Rio-Grandense, acham-se no gozo dos banhos de mar, os seguintes cavalheiros e Exmas. Famílias:

De Porto Alegre: Comendador Antônio Rodrigues Tavares, Hemethero Mostardeiro, Pedro Benjamin de Oliveira, João Manoel Pereira Maciel, Dr. Alcibiades M. Rangel, Heitor Carneiro.

De Rio Grande: Dr. José d'Ayroda Galvão, Alfredo Rheingantz, Coronel Antonio Chaves Campello, Dr. Manuel Antônio Afonso Reis, Capitão tenente Borges Leitão, Abelino Vieira da Silva, Fritz Engel, Fritz Luschinger, José Francisco da Silveira, Dr. Bernardo Piquet Carneiro, José Martins, Domingos José Vaz Dias, José Mena, Virgílio Peres, Dr. Francisco Gomes Velho, D. Carolina Bezerra.

Do Rio de Janeiro: Antônio dos Santos Castro.

De Pelotas: Coronel Domingos Jacinto Dias, Dr. Antônio Simões Lopes, Dr. José Chaves, Senhora Viscondessa da Graça, Antônio Maria Ferreira, Dr. Eduardo José de Moura, João B. Casanova, Coronel Adalberto Lupi.

De Camaquã: Boaventura Centeno.

De Bagé: D. Carlota Cortes Paixão.

De Santa Maria: José Antônio Moraes Chaves.

De Mato Grosso: Coronel Miguel d'Oliveira Paes. Todos com suas Exmas. Famílias e mais os Srs. Coronel Manoel Simões Lopes, Manoel Luiz Monteiro, do Rio Grande.

Grande parte das instalações da Companhia que ainda não se acham ocupadas estão reservadas para Exmas. Famílias a chegar em breve de vários pontos deste estado e de fora dele.

Estão estabelecidas diversas casas de negócios, restaurante e tambos, pertencente aos Srs.:

Antônio Pereira Monteiro, restaurante do chalet a beira mar;

Leandro e Companhia, armazém de gêneros alimentícios;

Avelino Silveira, salão de barbeiro e bazar de miudezas;

Antônio Mariano Grant, secos e molhados e bazar de miudezas;

Victor Rombys, secos e molhados;

Annibal C. Mirapalheta, açougue e tambo;

Firmino R. de Lima, idem;

Arthur da Silva Freitas, tambo;

J. M. Guimarães, idem.

Em chalets de sua propriedade acham-se as Exmas. Famílias dos Srs. Charles Nieckele e Comendador Miguel F. Moreira e no do Sr. Comendador Carlos Guilherme Rheingantz, a sua Exma. Mãe D. Maria Rheingantz com a família. (jornal Diário do Rio Grande, 15/01/1896)

Estação balnear

Continuam a afluir os banhistas a aprazível estação balnear no Casino.

## Anexo 13

De Rio Grande: Antônio Campos Assumpção e família, Dr. Alípio Corrêa, Amadeu Suzini, Porfírio R. da Trindade e família e Antônio Ribeiro Guimarães e família.

De Pelotas: J.B. França de Mascarenhas e família.

De Porto Alegre: D. Maria Athenaes de Macedo e família, Prócoro A. de Abreu e família, José Maria Fernandes Granja e família, A.M. Araújo, Agostinho Marques Ventura e família, Arthur Alvim, Edmundo Abreu e Mademoiselle Delauthier. (jornal Diário do Rio Grande, 21/01/1896)

Estação balnear

Vai a crescente animação à estação balnear da Villa Sequeira. No vapor 'Humaitá' chegaram ante ontem da capital do Estado diversos cavalheiros, e em breve esperam muitos outros assim como de Rio Grande e de outras localidades.

Acham-se já ocupando casas da Companhia os seguintes cavalheiros com suas famílias:

Coronel Antônio C. Campello, Paul Stoos, Reverendo C. Kinsolving, Dr. A. Pinto da Rocha, José dos Santos Moreira da Cunha, Dr. Carlos F. Ramos, Dr. Eugênio Pinto Cardoso Malheiros, Major Frederico Ernesto B. Dias, Dr. M. Affonso Reis, Coronel João B. Mascarenhas, Dr. D. Lopes de Almeida, F. Guterres, F.W. Cartwright, B. Lopes Palhares e C. Engelhardt.

Estão de casas tomadas e devem chegar brevemente os Srs. Luiz de Otero, D.J. Vaz Dias, Albino J. da Cunha, Paulo Luschinger, Hemetério Mostardeiro, Joaquim D. Pereira, Francisco P. Belfort, D. Dorothea Lorena, Martin Bidart Filho e outros.

Até ante ontem só havia quatro casas disponíveis.

Este e outros fatos denotam que a nossa aprazível e confortável estação balnear vai se impondo ao apreço das pessoas que necessitam fazer uso dos banhos de mar e de quantas conhecem as vantagens que ela proporciona, sob todos os pontos de vista.

Nos quartos estão por enquanto os Srs. Francisco Macedo Couto, Dr. Nabuco de Gouvêa, Eduardo de Azevedo Souza e sua Exma. Família, um empregado de Banco inglês, cujo nome ignoramos.

Por diversas pessoas desta cidade de Pelotas estão tomados vários quartos.

Creemos poder assegurar que a estação, este ano, correrá animadíssima não só devido à concorrência de hóspedes como a variedade de distrações organizadas pela gerência. (jornal Diário do Rio Grande, 09/01/1898)

Anexo 14

CONCERTO VOCAL E INSTRUMENTAL  
O PRIMEIRO DA  
ESTAÇÃO BALNEAR DE 1897-1898  
NO  
CASINO

A comissão de senhoras promotora da obtenção de meios para a edificação de uma *Capella* na

VILLA SEQUEIRA

tem o prazer de convidar á todos quantos se interessam pela prosperidade de uma tão apprazivel praia de banhos, á offererem uma esportula, segundo a generosidade e a possibilidade de cada um, para esse fim piedoso, e á gozarem, ao mesmo tempo, de alguns momentos de agradável diversão no bello salão do *Casino*.

**Domingo, 30 de Janeiro de 1898**

**DE 1 ÀS 3 HORAS DA TARDE**

( Começando a MATINÉE logo depois da chegada do trem de excursão do Rio Grande )

Não havendo convites especiaes, aproveita a comissão a opportunidade para dirigir um appello aos sentimentos religiosos e ao bom gosto musical dos dignos moradores e hospedes da *Estação Balnear* e dos estimaveis excursionistas das cidades de Pelotás e do Rio Grande,—tornando extensivo este convite geral á illustrada e sempre prestimosa imprensa, á todos os distinctos Clubs e outras prestativas associações, das duas cidades visinhas e amigas, que quizerem honrar esta festa artistica e utilitaria com as suas apreciaveis presenças,—confiando no obsequioso, comparecimento do maior numero de favorecedores.

O concerto, dirigido pelo maestro Sr. Victor de los Rios, tem o gracioso e desinteressado concurso dos reputados e applaudidos artistas lyricos :

Sra. D. Estrella Ontiveros. — 1ª tiple.

Sr. B. Monteverde. — 1º tenor.

Sr. Ernesto Paz. — 1º barytono.

Sr. Mariano Coscollano. — 1º baixo ; dos distinctos e sympathicos amadores Srs. E. R. Hawkins e Eutrasio Job, e das intelligentes e esperançosas jovens em seguida mencionadas, estudiosas executantes da *Estudantina Rio-Grandense*, ensinada e dirigida pelo mesmo maestro Sr. Victor de los Rios.

## Anexo 14

## A MATINEE

dividir-se-ha em duas partes, com o seguinte

## PROGRAMMA

## 1ª PARTE

- A) **Guarany**— (MARCHA INDIANA—, para piano a 4 mãos)—*Carlos Gomes*—, executada pelas jovens DD. Therezinha e Angelina Ferraz.  
 B) **Tempestade**— (ARIA PARA BAIXO,— *Chapi*—, cantada pelo Sr. M. Coscollano  
 C) **Il Segreto**.— (ROMANZA PARA BARYTONO)—, *Rotoli*.— cantada pelo Sr. E. R. Hawkins.  
 D) **Lucia de Lamermoor**.— (ARIA PARA SOPRANO).— *Donizetti*.— cantada pela Sra. D. Estrella Ontiveros.  
 E) **Fra Diavolo**.— (GRAN SOLO DE CYTHARA).— executado pela Sra. D. Clara Poester.  
 F) **Tristia**.— (MELODIA PARA CANTO).— *Dionesi*.— cantada pelo tenor Sr. Monteverde.  
 G) **L'Oblio**.— (ROMANZA PARA BARYTONO).— *Celestino*.— cantada pelo Sr. E. Paz.  
 H) **Forza del Destino** (DUO PARA TENOR E BARYTONO, DO 3º ACTO.— *Verdi*.— cantado pelos Srs. Ernesto Paz e Eufrasio Job.  
 I) **Il guarany** (GRAN DUO DE SOPRANO E TENOR).— *Carlos Gomes*.— cantado pela Sra. D. Estrella Ontiveros e pelo Sr. Monteverde.

Todos os números de canto são acompanhados ao piano pelo maestro Sr. Victor de los Rios.

## INTERVALLO DE UM QUARTO DE HORA

## 2ª PARTE

Preenchida pela *Estudiantina Rio-Grandense*, regida, ao violino, pelo maestro Sr. Victor de los Rios, constando dos seguintes numeros :

- J) **Hamburgo**.— (MAZURKA DA ESTUDIANTINA HESPANHOLA FIGARO)—, *Granados*.  
 K) **Paso Doble**.— (ESTUDIANTINA FIGARO)—, *Juarranz*.  
 L) **Gran Jota**.— (ESTUDIANTINA FIGARO).

Executada pelas seguintes estimaveis jovens:

*Bandolins* : — DD. Nenê Bordagorry, Alice Ramos, Cecilia Poester, Dora Pereira, Esther Pêgas, Sylvia Mello, Antonia Futuro, Antonia Joaquina Vianna, Zezé Ferraz e Therezinha Ferraz.

*Bandurras* : — DD. Zaida Pinheiro e Anna Corrêa.

*Violinos* : — DD. Jovina Costa, Clara Poester, Judith Pereira, Rodolphina Mello e Luizinha Ferraz.

*Violas* : — DD. Augusta Ramos, Alberta Cabodi, Blandina Costa, Herminia Ferraz e Quininha Ferraz.

*Violoncello* : — D. Angelina Ferraz.

*Castanholas* : — DD. Julia Mariath e Maria Trindade.

*Pandeiros* : — DD. Olga Ribeiro, Bernardina Fuão, Aida Pinheiro, Alice Pereira, Luiza Cardozo, Lucia Aveiro, Isaura Coelho, Georgina Vannddgen e Sara Cardozo.

A entrada é franca. Achar-se-ha á cargo de uma commissão de senhoras o recolhimento das esportulas com que os Srs. espectadores, com toda a espontaneidade, quizerem favorecer esta obra pia.

Espera-se da delicadeza dos dignos cavalheiros o offerecimento das melhores localidades ás Exmas familias.

Typ. Trocadero

Anexo 15

GRANDE FESTIVAL  
NO  
CASINO RIO-GRANDENSE

NO  
DOMINGO, 19 DE MARÇO DE 1899

---

Recordação da 1<sup>a</sup> missa no Casino

---

RIO GRANDE  
OFFICINAS DA LIVRARIA AMERICANA

1899

## Anexo 15

## GRANDE FESTIVAL

no

## CASINO RIO-GRANDENSE

no

DOMINGO, 19 de MARÇO de 1899.

Para auxiliar a construção de uma de uma capela, sob a invocação de Jesus, Maria e José, que perpetua a memória da primeira Igreja erigida no litoral do Rio Grande, as excelentíssimas senhoras e os distintos cavalheiros atualmente na Estação Balnear, resolveram promover os seguintes atos que oferecem aos habitantes das cidades próximas – Rio Grande e Pelotas.

## MISSA

Celebrada pelo ilustrado Vigário reverendo Octaviano Pereira de Albuquerque, terá lugar às 10 horas da manhã uma missa, com acompanhamento de órgão e canto.

O ato religioso se efetuará com o maior brilhantismo, devendo a ele assistir todas as pessoas que se acham na Mangueira.

## MATINÉE

A 1 hora da tarde dar-se-á começo ao imponente concerto, dirigido pelos insignes maestros Cavalcanti, Garbini e Guimarães, e em que tomam parte notáveis amadores e distintos cavalheiros de residência provisório no Casino.

Será observado o seguinte:

## PROGRAMA

Matinée Musical sob a regência do maestro Eduardo Cavalcanti com o galante concurso de Exmas. Sras. E dos Srs. Professor Garbini e do Exímio pianista Carlos Guimarães.

## 1ª PARTE

1º Coro – Verdi – Lombardi pelas Exmas. Senhoras: Olga Maciel, Alayde Maciel, Margarita Galibern, Adelina Ribas, Maria Moreira Paiva, Candoca Machado, Alayde Maurell, Gertrudes Harvey, Maria José M. Chaves, Maria Luiza Duclos, Sara Moreira, Elisabeth Nieckele, Judith Sá, Isabel Hislop, Dora Maciel, Alice Moreira Chaves, Thereza Ferraz, Hermínia Ferraz, Angelina Ferraz, Luiza Ferraz, Julieta da Silva, Joaquina Ferraz, Maria José Ferraz, Clara Julien e Anna Antônia Vianna.

2º Romanza Miphistofele – Boito – para tenor pelo distinto amador Sr. E. Job.

## Anexo 15

- 3° Solo de violino pelo distintíssimo amador Sr. Fábio Barros.  
 4° Romanza para barítono Perche – Felipe – pelo distinto amador Sr. José Conceição.  
 5° Ernani – solo para piano pela inteligente menina Maria Trindade.  
 6° Mililoti – La Notte – dueto pelas distintas amadoras DD. Elizabeth Nieckeke e Judith Sá.  
 7° Solo de violino pelo maestro Cavalcanti.

## 2ª PARTE

- 8° Gottschalk – ‘Hynno Nacional’ pelo ilustre pianista Sr. Carlos Guimarães.  
 9° Papini – Delírio Del Cuore, romanza para soprano pela distinta amadora Sra. D. Emília Märck, com acompanhamento de piano pela exma. Sra. D. Paula Cardozo de Mattos.  
 10° Mayerbeer – Africana, ária pela talentosa amadora Sra. D. Bernardina Nunes Alves.  
 11° Paoletti – Te voglio amae, romanza pela exímia virtuosa D. Maria Moreira Alves.  
 12° Solo de violino pelo maestro Cavalcanti.  
 13° Tosti – Ninon, romanza para barítono pelo distinto amador Ricardo Hauchine.  
 14° Cavalcanti – Mire usted – pela Estudantina Casinense, composta das Exmas. Senhoras Maria Luisa Duclos, Hermínia Ferraz, Maria Moreira Paiva, Quininha Ferraz, Luizinha Ferraz, Maria José Ferraz, Thereza Ferraz, Dora Maciel, Clara Julien, Georgina Maciel, Adelaide Tavares, Angelina Ferraz, Alayde Maciel, Adelina Ribas, Cleonice Barros, Izabel Hislop, Antonia Futuro, Alice Schmidt, Morena Dornelles, Maria Trindade, Ottilia Maciel, Branca Seixas, Conceição Nunes Vieira e dos Srs. José Borges da Conceição, Fábio Barros, Antonio Tavares, Gustavo Pöock.  
 A porta do salão uma comissão receberá as espórtulas.

## SOIRÉE

As 8 horas da noite, nos salões do Casino. Principlará suntuoso baile que se deve prolongar até meia noite.